



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

tiop, comofas?

**Tiopês: comunicação e estratégias de
diferenciação social na internet**

Jean Souza da Silva

Rio de Janeiro

2008

Jean Souza da Silva

tiop, comofas?

Tiopês: comunicação e estratégias de diferenciação social na internet

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

Rio de Janeiro
2008

Jean Souza da Silva

tiop, comofas?
Tiopês: comunicação e estratégias de
diferenciação social na internet

Rio de Janeiro, 10 de julho de 2008

(Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann, ECO/UFRJ)

(Prof. Dra. Ieda Tucherman, ECO/UFRJ)

(Prof. Dr. João Freire Filho, ECO/UFRJ)

Souza, Jean

tiop, comofas? – Tiopês: comunicação e estratégias de diferenciação social na internet. Rio de Janeiro, 2008.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) —
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Micael Maiolino Herschmann

1. Comunicação. 2. Cultura. 3. Cibercultura. 4. Jovens

Souza, Jean. tiop, comofas? – **Tiopês: comunicação e estratégias de diferenciação social na internet**. Rio de Janeiro, 2008. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Resumo

A pesquisa analisa o uso do dialeto denominado tiopês, utilizado por jovens brasileiros em ambiente virtual. Sua origem remonta à rede de relacionamentos Orkut, mas seu uso ultrapassa este ambiente, sendo verificado em blogs, ferramentas de comunicação on-line e na comunicação falada. Os seus adeptos obrigatoriamente têm de escrever errado, simulando erros de digitação, erros de ortografia e de construção nas frases. Os erros são calculados e, por isso mesmo, engendra-se uma comunicação marcada por ironia e humor. A pesquisa procura analisar o perfil de seus adeptos, através do mapeamento de consumo cultural, posicionamento ideológico-político, bem como a imagem que os próprios usuários constroem sobre si. Através do dialeto, os usuários encontram procedimentos específicos de diferenciação social, que os distanciam ou os aproximam, apesar de compartilharem do mesmo ambiente (virtual). Há mecanismos de inclusão e exclusão entre grupos, gerando diferença de status entre determinados internautas. Verifica-se que em boa parte dos casos estudados, a comunicação tem como finalidade a conversação fortuita, irônica, sem objetivos que ultrapassem o diálogo descompromissado. Entretanto, não é possível afirmar que modos de sociabilidade sólidos não possam ser construídos a partir do jogo de aleatoriedades.

Palavras-chave: Comunicação; Cultura; Cibercultura; Jovens.

À minha mãe, minha irmã e meu pai.
Aos meus amigos, queridíssimos,
importantíssimos.

Às contingências.

“Criemos palavras extraordinárias,
com a condição de usá-las da maneira mais ordinária,
e de fazer existir a entidade que elas designam
do mesmo modo que o objeto mais comum”

Deleuze

Para fazer um poema dadaísta

Pegue um jornal.
Pegue uma tesoura.
Escolha nesse jornal um artigo
com o tamanho que você conta
dar ao seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com cuidado cada uma
das palavras que formam o artigo e
coloque-as num saco.
Agite docemente.
Retire em seguida cada recorte,
um depois do outro.
Copie conscienciosamente
na ordem em que eles foram saindo do saco.
O poema lhe aparecerá.
E eis você infinitamente
original e de uma sensibilidade encantadora,
ainda que incompreendida do vulgo.

Tristan Tzara

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pelo esforço de sempre. Por um momento, é curioso pensar que isso tudo é só o começo! E apesar de, no momento em que escrevo estas palavras, refletir mais uma vez, sobre o que é ter filhos, o estar-no-mundo e fazer com que alguém o faça, não colocarei minhas divagações aqui.

Aos meus amigos Fernanda Pitanga e Felipe Teixeira, pelos bons momentos de sempre, as longas conversas, a intimidade tão importante e o compartilhar das nossas rotinas. Gueko, obrigado por me deixar abrir a porta. Obrigado Murilo, Edson e Lílian, por estarem comigo há tanto tempo. Obrigado ao Jamie Cullum (por tudo que fez acontecer, sem saber), aos amigos do Nu!, pela companhia sempre divertida. À Mariana, Duílio e Danilo, pela convivência sempre harmônica. Davidson Godoy, Tiago Araujo e Rodrigo Brisson, por suas boas companhias. Aos amigos da ECO, aos amigos da UFF (obrigado, Thiago, pelas consultorias!). Obrigado em especial à Lenice, que se foi tão cedo, para quem o riso era algo tão importante.

Agradeço ao professor Micael Herschmann, que sempre me atendeu com grande calma, um contraste com minha rotina eufórica, onde nunca há tempo sobrando. Aos professores Raquel Paiva e Muniz Sodré, pelos anos de trabalho juntos, produções interessantes, com quem cresci profissionalmente.

A todos que contribuíram com esta pesquisa, sejam os que responderam às entrevistas ou aqueles que vivem ao meu redor e, inúmeras vezes, me ouviram falar sobre o trabalho.

À Fera, que ainda habita os meus sonhos (e sem muita razão, faço este agradecimento aqui...), aos cidadãos anônimos que me inspiram, em cada detalhe, a cada dia, no Rio de Janeiro.

Sumário

1. Introdução

2. Juventude e cibercultura: considerações

2.1. Subculturas, tribos, tribalismos

2.2. Redes sociais: características das interações entre usuários

2.3. Orkut como software social: o caso brasileiro

3. Tiopês: um novo dialeto na rede

3.1. Origem e caracterização

3.2. Glossário

3.3. Coisa de *indie*?

4. *BRINKS; Tiopês – A Revolução; faalr tiopes comofas???*

4.1. Caracterização dos usuários

4.2. Questões n00b: princípios de inclusão e exclusão

5. Conclusão

6. Referências Bibliográficas

7. Anexos

Anexo I: entrevistas

Anexo II: perfis aleatórios analisados

Anexo III: questionário utilizado para entrevistas

Anexo IV: tabela-padrão para análise de perfis

1. Introdução

Algumas pessoas resolvem brincar com a língua portuguesa e com os erros que cometemos diariamente no uso apressado do computador. Alguns são adolescentes, outros não tão jovens assim. Algumas pessoas com tempo de sobra, apenas a escola pra cumprir como rotina durante um período do dia. Talvez um curso de inglês, ou então uma natação. Alguns sem muito tempo de sobra, mas com a vida e o trabalho atravessados pelo computador, máquina da qual não se pode escapar, dependendo da profissão que se escolhe exercer. Uma vida contemporânea dependente da máquina, dependente do *bit*, da informação que surge em grande escala, que vem das grandes corporações, do jornal tradicional, que agora é também virtual, que vem do blog do fulano. Se é necessário estar acoplado à máquina, por que, então, não fazer um uso divertido dela? A vida não é só trabalho — torna-se necessário repetir isso para alguns.

Uma tecla digitada por descuido produz, como resultado, uma palavra engraçada; o amigo nos envia um e-mail, mas a mensagem chega incompleta, ele clicou “enviar” por engano. O som das palavras, por vezes, nos confunde um pouco, e enfiar segue despercebido na frase, quando queríamos, na verdade, dizer enviar. Basta um pouco de desconcentração. Alguém, de repente, captura malícia no discurso, que não era intencional, repassa pra outro amigo, que ri e passa a lembrar do fato engraçado. Vira piada interna, que um dia alguém lembra ali, e alguém repete aqui, e alguém acolá. Por algum motivo do qual ninguém lembra direito, algo que era “piada interna” ultrapassa as barreiras do micro, vira piada pra uma multidão, que acrescenta um caso, e outro caso, e outro caso engraçado. Pronto, e o riso está feito. Tudo por causa do erro.

O presente trabalho tem como objetivo compreender os usos que se fazem da comunicação pautada pela simulação do erro, utilizada por jovens internautas brasileiros — suas especificidades, suas características mais genéricas, suas potencialidades e os motivos que a fazem perdurar e preencher o tempo de tantas pessoas, durante centenas de horas, dias, meses diante do computador. Pretende-se compreender o modo pelo qual a linguagem serve de suporte para o estabelecimento de diferenciações de *status*, em ambiente virtual. Dessa forma, alguns dos principais referenciais teóricos que norteiam a pesquisa são os conceitos de “tribo urbana” e “tribalismo” presentes, respectivamente, em João Freire Filho (2007) e Michel Maffesoli (apud LEMOS, 2008); a abordagem do conceito bourdiesiano de “capital social”, presente em Recuero (2006) e Panica Pontes (2007), bem como as considerações

feitas sobre o caráter das relações sociais em ambientes virtual e não-virtual, em Maffesoli (idem).

Escolhemos como objeto, aqui, o tiopês, um dialeto surgido na rede de relacionamentos Orkut, utilizado por jovens do Brasil inteiro, que apesar da distância geográfica, se comunicam, fazendo “um uso menor” da língua, como diria Deleuze (1998). Uma das hipóteses que sustentam nossa investigação é que este dialeto seria utilizado por grupos ditos alternativos, cujo consumo de produtos culturais (filmes, música, livros, televisão), marcados por pretensão “bom gosto”, os diferenciaria, (juntamente com o uso do novo dialeto), de outros grupos da rede. Esta diferenciação, mais que uma questão puramente estética, seria resultado, de acordo com Bourdieu (1979; PANICA PONTES, 2007), do pertencimento a uma classe social dotada de “capital social” instituído como superior, em relação às classes mais baixas. A classe social e a categoria de “alternativos” estariam incorporados, nesse contexto, na figura de jovens denominados *indies*, cujas marcas de *cults* e *non-mainstream* os colocariam na posição de principais usuários do tiopês.

Outra hipótese é a de que, apesar de fortuita e baseada em assuntos aleatórios, a comunicação seria capaz de gerar sociabilidade entre usuários, para além de relações efêmeras e momentâneas, apenas.

Trata-se, este dialeto, de linguagem surgida em 2006, a partir da cópia e reutilização de traços de duas outras, conhecidas como alechat e mistês, somada às intempestividades e vicissitudes de uma série de grupos de usuários da rede, os quais, numa profusão de palavras, expressões e trocas de mensagens, fazem surgir um dialeto. Surge uma nova forma de comunicar, a partir de rixas entre grupos, de ofensas, do riso, da simulação do erro, das tentativas de inclusão em certos espaços, de competição em termos de *status*, de disputa pela atenção. Tudo isso ao mesmo tempo. O alechat, que surge de um grupo fechado, o mistês que surge de outro, os dois que se encontram na rede, e os internautas que tentam utilizar os dois — e que, por isso são rechaçados.

O mistês, linguagem criada por um personagem, Misto Eleazar, surge por volta de 2001, cheio de trocadilhos, expressões próprias, que circulam num blog. Um idioleto. Um usuário do Orkut — rede de relacionamentos mais utilizada por internautas brasileiros — lança em 2006, sem querer, uma nova moda, tão nova quanto restrita. Ale Crescini, com seu idioleto peculiar, encontra uma série de seguidores, inspirados em suas mensagens, onde faltam verbos, faltam acentos e sobram “oks”. Acham engraçados os erros de ortografia de uma escrita um tanto disléxica, vindas de uma pessoa de bom coração. Acham engraçado e copiam. Entretanto, em uma rede, assim chamada justamente pela capacidade de entrelaçar

conexões entre as pessoas, o que é restrito é também facilmente ampliado, reformulado, totalmente modificado e reutilizado.

Em 2006, uma série de usuários se apropria destas duas pequenas linguagens de grupos restritos e inventa uma nova, esta, chamada de tiopês. Pela repetição da expressão “tipo” que, ainda na cultura do erro, invertida, torna-se “tiop”, aparece o tiopês, este de uso ampliado, sem aquela exclusividade de grupo pequeno. Os alechatianos, grupo mais famoso que o mistês (que muitos dos envolvidos nessa história toda desconhecem), chamam os novatos de “lixo nuclear”. Os novatos são os invasores, que, além de acabar com toda a exclusividade do uso de um modismo, o modificam e o ampliam. Diz-se que o alechat morreu, e o que sobra é apenas seu uso incorreto. Ou seja, o uso incorreto do erro.

Os usuários do tiopês, chamados por alguns de tiopenses, acabam se dividindo em diversos grupos e, espalhados, engendram uma comunicação marcada pelo encontro fortuito e descompromissado, cujos temas são aleatórios e necessariamente engraçados. Cada frase deve ser escrita de forma errada, cada frase deve ser pontuada pelo humor. Eles se consolidam em pequenos nichos (como acontecia como aqueles dois primeiros) e utilizam várias expressões, que compõem um vasto vocabulário. E, assim como, no início, eram discriminados, agora discriminam os que tentam participar de seus espaços — o que classificamos, aqui, de “discriminação cíclica”. Chamam os aspirantes à integração no grupo de n00bs¹ e se estabelecem como tr00s², os que dominam perfeitamente o dialeto. Formam-se algumas tribos, que compartilham de alguns hábitos culturais, compõem mesma faixa etária e dividem mesmo espírito irônico e brincalhão, além de vocabulário e escrita comuns.

No capítulo que segue a esta introdução, são apresentadas discussões justamente sobre a noção de tribo (FREIRE FILHO, 2007; LEMOS, 2008). Enquanto João Freire fala em “tribo urbana” e a opõe à idéia de subcultura, afirmando, em relação a esta maior coesão de grupo e clareza quanto a objetivos comuns; Maffesoli (2006; LEMOS, 2008) a estende, encontrando no conceito de tribalismo a denominação para os grupos que se formam a partir de encontros efêmeros, característicos da pós-modernidade. Os aspectos sociais, políticos e econômicos que permitem a redefinição das subjetividades e a segmentação dos indivíduos (bem como de suas identidades) em grupos, nichos, subculturas e/ou tribos estão presentes em, além destes dois autores, Hall (1998), Dahrendorf (1982) e Anderson (2006).

¹ Novatos. Do inglês *new be* — a redução da palavra leva às formas *newb* e *newbie*, a qual, adaptada a uma linguagem de *hackers* e *gamers*, é escrita de acordo com sua sonoridade; o “ew”, que tem som de duplo “o”, é substituído por zeros: *noob* transforma-se em *n00b*. Consultar o glossário presente no capítulo 3 para melhor definição.

² Os “verdadeiros”, os que sabem usar o dialeto corretamente (origem no inglês *true* — os zeros simulam duas letras “o”, que em inglês, de forma duplicada, correspondem à pronúncia das vogais “u” e “e”, na palavra).

Em seguida, são apresentadas considerações sobre as formas de interação entre internautas, típicas do ambiente virtual. Para Maffesoli (apud LEMOS, 2008), a “socialidade” presente no ciberespaço permite ligações “efêmeras e simbólicas”, justamente como veremos em relação a muito da comunicação dos tiopenses. Para Raquel Recuero (2006), que se vale do conceito bourdiesiano de “capital social”, as interações no Orkut são caracterizadas por processos que envolvem “competição”, “visibilidade social”, diferenciação por “*status/reputação*”, “cooperação” e “conflito”. Dessa forma, ter muitos amigos, ser popular, são algumas das formas de diferenciação e de acúmulo de capital social na rede. Entre os tiopenses, dominar o dialeto e/ou usá-lo há mais tempo que outros usuários seria uma forma de acúmulo de capital social.

No capítulo subsequente acompanhamos melhor a história do tiopês, desde sua origem. Relembramos também, a existência de outras linguagens e grafismos presentes na rede: o l33t, o internetês, o miguxês, associando tais formas de expressão a certos grupos ou tribos. Aí já é possível compreender melhor como a rivalidade e manifestações de hostilidade estão, na rede, em forte interface com questões lingüísticas. Vemos, além de grafismos, verdadeiros idiomas fomentados a partir de indivíduos, desde o esperanto, no século XIX, ao Toki Pona, criado em 2001. Dessa forma, abordamos, ainda, a questão de autoria, cuja discussão é praticamente ausente nos processos que envolvem transformação de idioletos particulares em verdadeiros dialetos coletivos, ou naqueles em que há fomento de gírias e expressões. Por nascerem da produção conjunta, do encontro entre usuários, da propagação veloz de memes (RECUERO, 2006, 2008b; PRIMO, 2008; ANDERSON; 2006), dificilmente uma gíria é associada a um autor específico, ela nasce do grupo. Apresentamos, neste capítulo, a interação dos usuários tiopenses como reflexo de uma “comunidade lingüística” (LABOV apud CARVALHO, 2004).

Em seguida, são apresentadas as principais regras e características do tiopês e um apanhado das expressões compartilhadas por seus adeptos, aqui, em forma de um glossário, onde são registradas as variações de cada termo, seus significados e pronúncias (quando existem). Por conseguinte, apresentamos os usos em ambiente não virtual do dialeto: suas formas faladas.

No quarto capítulo apresentamos registros do dialeto em algumas comunidades do Orkut, bem como as estratégias de inclusão e exclusão utilizadas por usuários para integrar ou expulsar pessoas dos nichos existentes na rede. Para efeito de comparação quanto ao uso de *status* nos processos de diferenciação social, utilizamos a obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*, do sociólogo Norbert Elias (2000), que nos oferece uma “teoria geral das relações

de poder”, constituindo a principal referência teórica para compreensão de tais engendramentos.

Assim como em grupos sociais rivais presentes na pesquisa de Elias, entre os tiopenses, podemos verificar a existência de “estabelecidos” (tr00s) e “outsiders” (n00bs). Através de análises quantitativas e qualitativas, verificamos que tipos de usuários se dedicam à comunicação dentro das comunidades e, através de entrevistas, observamos melhor o porquê dos mecanismos de inclusão e exclusão entre os grupos, bem como das ofensas que compõem os rituais de passagem de um *status* a outro.

Para o levantamento de dados, além da observação das interações entre usuários, fóruns e perfis de internautas, utilizamos uma tabela-padrão, para análise sistemática de características de dez usuários da rede, selecionados de forma aleatória, em uma das comunidades tiopenses. Foram realizadas, também, dez entrevistas — através de questionário fechado — entre membros mais assíduos de comunidades onde se fazia uso do dialeto e duas três entrevistas semi-diretivas entre usuários que participaram do período de “gênese” das expressões hoje utilizadas na rede ³.

Perguntamo-nos, também, se havia rivalidades entre classes sociais no âmbito do Orkut, à medida que indivíduos recém-incluídos digitais costumam manifestar uma escrita com erros, semelhante àquela engendrada por tiopenses e correlatos. Manifestações de discriminação (ligadas à classe, raça e estética) são observadas, entretanto, em fóruns de discussão não-tiopenses. Para uma breve análise, recorremos a Bourdieu (1979; PANICA PONTES, 2007). Por fim, registramos, ainda, os usos do tiopês e suas influências fora da rede Orkut.

Neste tempo da tecnologia sempre presente, da interação (em escala planetária) e interatividade ainda tão recentes, um tempo em que se reclama de esvaziamento político da juventude, que gasta seu tempo acoplada à máquina, aos jogos, capturada pelo consumo, pela publicidade, pela tecnologia, pela comunicação via teclas, cabos, ondas e satélites, procuramos entender mais uma de suas formas de comunicação.

³ A fim de manter a privacidade dos jovens abordados pela pesquisa, optamos por não divulgar o endereço dos perfis de usuários entrevistados e/ou submetidos à análise.

2. JUVENTUDE E CIBERCULTURA: CONSIDERAÇÕES

Dois objetos de estudos se sobrepõem e se condensam na presente pesquisa: o estudo de grupos de jovens, que aqui denominamos “tribos urbanas” e o contexto da cibercultura, que a cada dia se dinamiza e oferece aos indivíduos formas diferentes de viver o ambiente virtual. Dentro da esfera da virtualidade, tomamos como objeto especial a rede Orkut e as dinâmicas de interação que suas ferramentas permitem aos internautas, gerando assim, competições pela visibilidade, cooperação, conflito, estratégias de representação de si, etc. São explanações e discussões importantes para a compreensão das reflexões subseqüentes.

2.1. Subculturas, tribos, tribalismos

O trabalho de João Freire (2007) a respeito dos estudos culturais e resistência juvenil analisa as preocupações adotadas pelo Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, durante a década de 1970, em pesquisas que tinham como objeto as experiências de jovens dos meios populares. Freire aponta os enfoques metodológicos e posicionamentos do CCCS, dedicando-se, em seguida, à comparação entre os estudos subculturais, que eram desenvolvidos pelos pesquisadores de Birmingham, e os chamados estudos pós-subculturais que, em grande parte, preocuparam-se em apontar as falhas daqueles primeiros.

De acordo com o autor, “[o] foco dos teóricos de Birmingham se concentrava nos processos de estilização realizados por jovens da classe trabalhadora, enfatizando a homologia (o *encaixe simbólico*) entre os diversos componentes do estilo subcultural” (p.54). Um ponto problemático nessa perspectiva era “a asserção de que a “resistência através de rituais” (de auto-apresentação, consumo e lazer) estava fadada ao fracasso ou a um “trágico limite”” (WILLIS apud Freire, 2007: 54), por não atacar de frente aspectos essenciais da vida e da política. Ou seja, acreditava-se que as manifestações sociais pautadas antes pela caracterização estética (aspectos como consumo musical, vestuário etc.), do que pela ação política direta, não eram capazes de produzir ações eficientes de contestação e intervenção no poder dominante. “Tal perspectiva, como frisa Fornäs (apud FREIRE, 2007:54), subestima a repercussão social da estilização, dos discursos e das estruturas simbólicas das subculturas”.

São críticas existentes, por exemplo, em relação às culturas *club* e *rave* que, desprovidas de sentido político e objetivo revolucionário ou de resistência ao imperialismo do

mercado e do consumo, não passariam de movimentos vazios, “cultura sem conteúdo, sem um referente externo” (REYNOLDS apud FREIRE, 2007: 49, referindo-se às festas *raves*).

Sob "o princípio do prazer", as subculturas subvertem normas sociais, contestando o sexismo, as "imagens dominantes de subjetividade e disciplina, e [declaram] que a política não tem que ser negativa, nem tem que ser confinada em salas de comitês, e que protestos não têm que ser raivosos" (MARTIN apud FREIRE, 2006: 51). Freire, em rica argumentação (pp.56-69) faz um apanhado de fatos que, em relação a subculturas de identidades coesas, tais como *punks*, *ravers* e *clubs*, demonstram a capacidade de intervenção política de tais grupos, através de meios não institucionalizados, como partidos políticos e parlamentos. Sua ação política está em suas práticas cotidianas, na vivência de suas próprias identidades e nos momentos em que festejam nas ruas e em festas regulares.

Preocupado com uma “escolha taxonômica apropriada” para a compreensão de diferentes “ressonâncias coletivas”, sejam elas propositivas, escapistas, trivias, de humilhação simbólica ou referentes à banalidade cotidiana (p. 71), Freire afirma a necessidade de estabelecermos, com rigor, diferenças entre as idéias de “subcultura”, “cena” e “tribos urbanas”:

o conceito de subcultura, quando refinado teoricamente, permanece o mais apropriado para dar conta de (...) formações culturais que exibem perfil mais coerente, coeso, estável, substancial, como as dos punks, *straight edges*, *hip hoppers*, metaleiros e góticos (...) (idem, p.70)

E afirma que o conceito de “cena”, herdado das teoria pós-subculturalistas, seria o mais apropriado, por exemplo, para o circuito de rock alternativo carioca, perpassado por “peculiares estratégias discursivas de legitimação estética e de viabilização ou consagração comercial” (FREIRE FILHO; FERNANDES apud FREIRE, 2007: 70).

Por fim, o autor reserva à idéia de “tribos urbanas”, os modismos efêmeros, dignos do grande mercado de identidades, que a pós-modernidade oferta cotidianamente aos indivíduos:

Tão badalada quanto desgastada pela mídia, a etiqueta *tribos urbanas* deveria ser submetida, por sua vez, a uma salutar quarentena acadêmica; ou, quem sabe, ser reservada, apenas e tão-somente, para denominar agrupamentos juvenis eletivos mais pontuais cuja configuração, detectada ou forjada pelo *jornalismo cultural*, não deixe dúvidas quanto à sua natureza esporádica e efêmera, à sua elevada falta de comprometimento interno e alinhamento coletivo, orientado por modismos estéticos ou comportamentais. (FREIRE, 2007: 70, grifos meus)

Com algumas ressalvas, o autor faz sérias críticas a uma “cegueira política” característica dos estudos pós-subculturalistas, surgidos no debate acadêmico anglo-americano, cujos marcos teóricos teriam como alicerces:

a sociologia do gosto de Bourdieu; a descrição de Weber da clivagem da sociedade em *grupos de status*; a *teoria da performatividade* de Butler, com sua ênfase no caráter fendido, contraditório e cambiável das identidades; o conceito de *tribalismo* de Maffesoli; e o *réquiem do real e do social* composto por Baudrillard. (idem pp.36-37)

Entretanto, acreditando na grande contribuição do trabalho de autores como Pierre Bourdieu e Max Weber (cuja sociologia dos *grupos de status* se faz presente, neste trabalho, através da obra de Norbert Elias) e nas recentes e intrigantes contribuições de autores como Michel Maffesoli, citados no trecho acima, utilizamos, ao longo da pesquisa, suas obras e conceituações, a respeito do que seria a realidade das dinâmicas sociais contemporâneas, não esquecendo, entretanto das críticas de Freire.

Portanto, tentamos estabelecer diálogos tanto entre os autores pós-CCCS, como entre suas produções e as ponderações citadas no trabalho de João Freire. Temos como referência, ainda, uma série de outros autores relevantes para a área de cibercultura e considerações importantes à Sociologia (para além da questão juvenil) como as presentes no trabalho de Ralf Dahrendorf, no qual o autor apresenta reflexões sobre a economia e disponibilidade à ação política, no interior da organização que chama de “sociedade pós-capitalista” (1982).

Em relação à idéia de “tribos urbanas” que, já adiantamos, aparenta ser a mais adequada ao objeto deste trabalho, encontramos em Maffesoli, o desenvolvimento justamente daquelas idéias de “esporádico” e “efêmero”, presentes em João Freire:

Se na modernidade, afirma Maffesoli, o indivíduo tinha uma função, a pessoa ("persona") pós-moderna tem um papel, mesmo que efêmero, hedonista ou cínico. (LEMOS, 2008)

André Lemos (2008) fala em uma “socialidade” característica dessa contemporaneidade (pós-moderna). Ela seria marcada pela passagem do indivíduo clássico para o indivíduo da tribo. Haveria uma “desintegração” daquele indivíduo, fomentada por fatores como o esgotamento do padrão individualista, que acometia o indivíduo da modernidade: o modelo antigo, que era baseado no contrato e na razão, cede espaço a uma organização social na qual surgem diversos agrupamentos “tribais” (no sentido de grupos que compartilham de certas identidades comuns). “A erosão e o esgotamento da perspectiva

individualista da modernidade são correlatos à formação das mais diversas tribos contemporâneas (fenômeno mundial)” (idem).

O conceito de “socialidade”, presente nas idéias de Maffesoli, tem sua origem na obra de Georg Simmel. Para este autor, a “socialidade” se opõe à “sociabilidade”:

o conceito de “socialidade” é definido em oposição àquele de “sociabilidade”. A “socialidade” marcaria (...) os agrupamentos urbanos contemporâneos, colocando ênfase na “tragédia do presente”, no instante vivido (...), nas relações banais do cotidiano, *nos momentos não institucionais, racionais ou finalistas da vida de todo dia*. Isso a diferencia da sociabilidade que se caracteriza por relações institucionalizadas e formais de uma determinada sociedade. (idem, grifo meu)

Dahrendorf (1982) apresenta, valendo-se de um viés economicista, um panorama que parece já sugerir a composição desta sociedade “plural”: a passagem do modelo industrial para aquele da empresa — em que o proprietário dos meios de produção divide cada vez mais a autoridade com gerentes — é também a passagem para a sociedade em que os sindicatos passam a negociar salários e direitos trabalhistas, resultando, gradativamente, durante o século XX, no real acúmulo de alguns direitos (férias, regulação de jornada de trabalho etc.). Além disso, poderíamos afirmar que, cada vez mais, a reivindicação política é marcada pela delegação de poderes, acarretando outros modos de existência, desvinculados da fábrica como figura centralizadora:

Na sociedade post-capitalista, a indústria e o conflito estão institucionalmente isolados, isto é, confinados dentro dos limites de seus próprios domínios e despidos da influência que exerciam sobre as demais esferas da sociedade. Na sociedade post-capitalista, a empresa industrial já não é o modelo a partir do qual as demais relações são construídas. (p.237)

Com a dissociação entre indústria e sociedade, as classes políticas não se vinculam estritamente aos conflitos relacionados à economia (DAHRENDORF, 1982). Tomam força, assim, os grupos políticos vinculados a minorias étnicas, imigrantes, mulheres, negros, homossexuais, enfim, uma série de identidades projetando-se sobre o espaço da política (HALL, 1998: pp.18-22, 43-46)⁴.

“A socialidade não seria assim contratual, no sentido dos engajamentos políticos fixos ou a classes sociais definidas e estanques. Ela seria efêmera, imediata, empática” (LE MOS, 2008). Encontramos, desta forma, em Maffesoli, sujeitos-atores, que, na turbulência e pluralidade de espaços sociais que atravessam, no dia a dia, têm experiências marcadas por

⁴ Canclini (1999) fala ainda em “dissolução das monoidentidades” (p.126-133).

uma série de encontros não duradouros, nos quais, exercem diversos papéis e têm a oportunidade de “ex-sistir” (no sentido de “sair de si”, sendo, a cada momento, um outro).

Stuart Hall (1998) já aponta, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, as concepções acerca de uma espécie de trajetória da identidade dos indivíduos, identificando três estágios: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e, por fim, o sujeito pós-moderno. O primeiro seria marcado por uma concepção muito “individualista”, na qual havia um “núcleo interior” atravessando o indivíduo (centrado, unificado). Por conseguinte, o sujeito sociológico teria sua identidade construída a partir de uma estrutura social mais dependente de sua relação com o outro, frente à “crescente complexidade do mundo moderno”: é grande a variedade de espaços sociais e “mundos culturais” exteriores ao seu espaço privado de vivência (pp.10-12).

Seria justamente essa complexificação das estruturas e instituições sociais a responsável pela alteração mais radical da identidade dos indivíduos. Os sujeitos do Iluminismo se transformam, assim, em sujeitos pós-modernos, cujas identidades já não são mais estáveis ou unificadas. Os indivíduos, agora, são marcados pela pluralidade: [eles possuem] “várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (p.12). “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (p.13).

A respeito, ainda, dessa diversidade identitária, encontramos um interessante argumento, colocado pelo analista de mídia Vin Crosbie (apud ANDERSON, 2006:180):

As pessoas não mudaram; as populações sempre foram fragmentadas. O que está mudando são seus hábitos de uso dos meios de comunicação. Agora, estão simplesmente atendendo a seus interesses fragmentados. Há tantos fragmentos quanto pessoas. Sempre foi assim e sempre será

Chris Anderson, editor-chefe da revista norte-americana *Wired*, articula, no recente e muito comentado *A Cauda Longa*, as implicações mercadológicas advindas dessa nova realidade social, caracterizada, segundo ele, por uma “cultura de nicho” (ANDERSON, 2006: pp.176-190). De acordo com Anderson, assistimos ao deslocamento da cultura de massa para “uma enorme variedade de culturas paralelas”: “cada um de nós pertence a muitas tribos diferentes simultaneamente, muitas vezes imbricadas (cultura geek e LEGO), outras tantas sem qualquer inter-relação (tênis e punk-funk)”. (ibidem, p.182). Valendo-se dessa concepção, Anderson faz um interessante apanhado das estratégias encontradas pela indústria fonográfica, no final da década de 1970, para se projetar de maneira eficiente sobre as então proliferantes “tribos” que surgiam. O autor afirma que o desenvolvimento das gravadoras de

selos independentes permitiu que se identificasse a “que tipo hiperespecializado de microgênero” se enquadraria cada faixa de música lançada. (ibidem, p.178):

Dessa forma, havia um selo para dark dub profundo, com vocais; outro para dub house mínimo, com instrumentos; outro para “eletrônica abstrata instrumental, com forte impacto de house music” e assim por diante. (idem)

Neste contexto de ebulições identitárias, de estratégias de sobreposição do mercado às novas identidades, excesso de contextos sociais (entendendo aqui, inclusive, os virtuais), as novas gerações estabelecem suas experiências. Lemos (2008) afirma que são as novas tecnologias os vetores dessas situações.

Vejamos o ciberespaço. O ciberespaço é, enquanto forma técnica, ao mesmo tempo, limite e potência dessa estrutura social de conexões tácteis que são as comunidades virtuais (chats, muds e outras agregações eletrônicas). Em um mundo saturado de objetos técnicos será nessa forma técnica que a vida social vai impor o seu vitalismo e reestruturá-la.

Este trabalho tem o objetivo de compreender certas experiências do cotidiano de jovens internautas do Brasil, no universo fascinante da cibercultura, bem como de toda a atmosfera econômica, política, social que o envolve, o determina e é determinada por ele. Freire (2007) faz um alerta quanto aos entusiasmos que frequentemente pairam sobre os trabalhos de “pesquisadores adultos ou *adultescents*” (p.164) e afirma que “uma abordagem absolutamente acrítica e celebradora” em relação a temas muito recentes — “funk; emo; cenas de música eletrônica; comunidades virtuais de fãs etc.”, em ambiente *on-line* e *off-line* — (p.171) são recorrentes entre jovens autores do meio acadêmico.

Com a preocupação de imbuir neste trabalho reflexões pertinentes a respeito de um recentíssimo modo de comunicar, que surge em meio a uma infinidade de outros modismos — e que tanto pode se esvaír de uma hora para outra, como pode permanecer entre centenas ou milhares de pessoas — damos início a este trabalho.

2.2. Redes Sociais: características de interação entre usuários

André Lemos (2008), apoiado nas idéias de Maffesoli, afirma que os novos meios de comunicação potencializam uma “pulsão gregária”. Eles agem como vetores de comunhão comunitária. De acordo com o autor, as comunidades do ciberespaço nos permitem ver a aplicabilidade do conceito de “socialidade tribal, presenteísta e estética”, à medida que esta é

marcada por “ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas”. Tais características serão verificadas, posteriormente, na análise das interações dos grupos tomados como objeto deste trabalho.

Raquel Recuero aponta que, no ciberespaço, “elementos como reputação, confiança e visibilidade tornam-se importantíssimos para a interação, como bases de relações sociais e de redes sociais, através das quais alguém terá acesso a um determinado tipo de capital social” (BERTOLINI; BRAVO apud RECUERO, 2006). Analisando as redes sob uma ótica menos radical e mais empirista que aquela presente em Lemos, Recuero (2006) toma como objeto de investigação, em alguns de seus trabalhos, a rede Orkut. Ela afirma que o site permite às pessoas a ampliação de sua rede social e, “consequentemente, o acúmulo de capital social”.

A autora vale-se do conceito bourdiesiano de “capital social”, definido como “o conjunto de recursos potenciais que estão presentes nas relações entre as pessoas, associados ao pertencimento a uma coletividade” (idem, p.3). O capital social “emerge das interações coletivas e pode ser transformado pelo indivíduo em outros capitais” (idem).

Em trabalho realizado em 2005, Recuero constatou que no Orkut os usuários não aprofundavam os laços sociais constituídos virtualmente. Havia simplesmente “uma atividade de manutenção” das interações, o que se dava através de outras ferramentas de comunicação, como o MSN. A autora nota, ainda a competição, como fator importante dentro do Orkut, a qual se manifesta através de dois aspectos: 1) a “visibilidade social”, e 2) *status/reputação*. “A competição relaciona-se diretamente ao capital social, na medida em que ela existe *porque* as pessoas desejam ter *mais acesso* ao mesmo” (grifos da autora). Mais à frente, podemos estabelecer algumas comparações com as idéias apresentadas por Recuero. Ao contrário dos dados colhidos por sua pesquisa, observamos, nos casos aqui analisados, situações em que a convivência em ambiente *on-line* culminou com o estreitamento de laços fora da rede.

2.3. Orkut como software social: o caso brasileiro

O Orkut é, no conceito de Recuero (2006), um “software social”. A autora utiliza o termo para classificar os “sistemas da Internet cujo fundamento principal é *proporcionar a interação social*” (grifo meu).

As Figuras I e II ilustram alguns de seus recursos principais: I) a interface da página pessoal de um usuário, chamada de perfil ou *profile* (trata-se da página que visualizamos, ao “visitar” alguém); II) a página de recados ou *scraps* do usuário, um dos mecanismos

facilitadores das interações entre conhecidos e desconhecidos (basta escrever o texto na caixa em branco, que o recado fica registrado na página do usuário) ⁵.

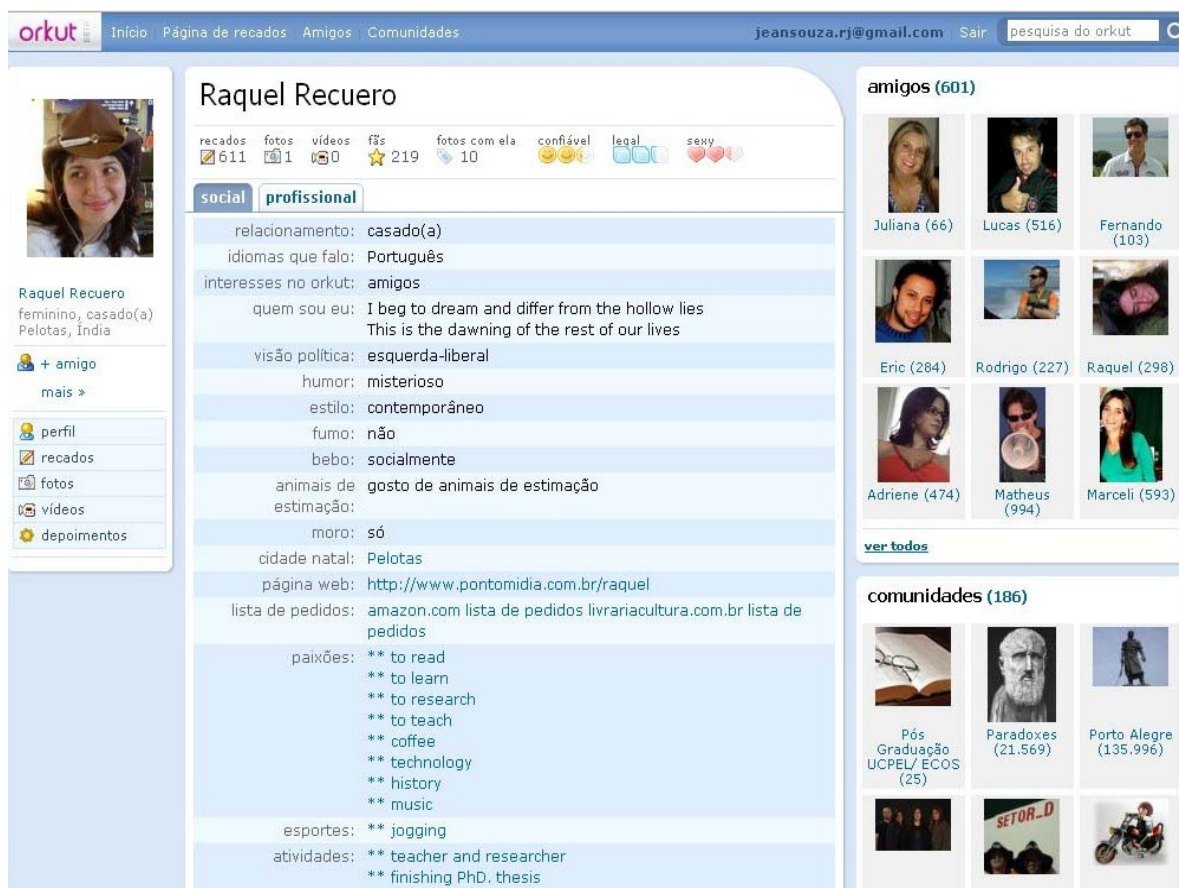


Figura I. Perfil de usuário

O termo “usuário” é comumente utilizado para denominar os que se tornam membros da rede. Outra observação pertinente diz respeito à difusão de termos em língua inglesa, entre os internautas do Orkut: no início, o site não tinha as ferramentas disponíveis em Português, o que permitiu a familiarização dos usuários com os termos em inglês e seu uso, mesmo após a existência de correlatos, em língua portuguesa.

⁵ Recentemente, os desenvolvedores do site tornaram mais complexas diversas ferramentas. É possível, por exemplo, não permitir que desconhecidos deixem mensagens em suas páginas de recados, permitir que apenas amigos visualizem certos dados etc.



Figura II. Página de recados

Torna-se necessário esclarecer, aqui, alguns dos termos que serão recorrentes durante o trabalho e que são muito familiares a qualquer usuário da rede Orkut:

- Comunidade ⁶: podem ser chamadas apenas de “comu”, “comus” ou “comunas”; são as páginas em que os usuários se reúnem e discutem sobre assuntos diversos, através de fóruns e enquetes;
- Tópico: espaço reservado para uma discussão específica. O membro de uma determinada comunidade insere assunto e comentário. Em seguida, outros membros podem responder à questão. Cada mensagem é exibida abaixo daquela enviada pelo usuário anterior;
- Add (ou adicionar): Ato de convidar uma pessoa para ser “amiga” na rede. Caso aceito, um usuário faz parte do grupo de amigos do outro. A imagem de um é sempre exibida na página do outro. A expressão “me add” é muito comum entre os internautas do Orkut;

⁶ Termo empregado no sentido mais genérico da palavra. Refere-se ao espaço onde usuários se encontram e compartilham de uma identidade, pensamento, interesse etc. em comum. Distancia-se das idéias presentes em Paiva (2003). Para uma discussão específica ver Belisário et.al (2007) e Recuero (2006).

- *Fake*: (falso) o termo serve para denomina um perfil fictício. Um usuário que prefere se manter anônimo na rede escolhe uma foto e nome falsos. São muito comuns os perfis *fakes* de celebridades, como Paris Hilton; cantoras como Mariah Carey, atores ou mesmo personagens de desenho.
- Postagem: ato de inserir determinada mensagem em um fórum/tópico. O termo é empregado também para blogueiros, que “postam” textos em suas páginas.
- n00b: do inglês *newbie*; denomina usuários novatos dentro de algum grupo de internet. Pronuncia-se nub. O termo será bem recorrente e central neste trabalho.

Resgatando a história da presença do Orkut entre internautas brasileiros, Raquel Recuero (2008c) lembra que, antes de ser lançado *comercialmente* (grifo meu), em janeiro de 2004, fora lançado o Club Nexus, sistema desenvolvido por Orkut Buyukokkten — funcionário do Google que dá o nome ao site de que ouvimos falar diariamente. O programa era utilizado basicamente por alunos de Standford, em 2001, instituição onde Orkut fazia seu doutorado.

A pesquisadora relembra que, na época, para integrar o sistema, o internauta deveria receber um convite. O blogueiro Trotta, em comentário no site de Recuero (<http://pontomidia.com.br/raquel>) lembra que os convites davam “uma sensação de exclusividade” aos que participavam de uma “moda que só quem era convidado podia participar”. Raquel afirma que o Friendster, um outro “site de rede social” já era conhecido no Brasil, mas não fora bem recebido pelos internautas. De acordo com ela, algumas características do Orkut parecem ter sido motivações para que o software logo se tornasse popular no Brasil: o sistema de classificações, ainda existente, no qual um amigo atribui ao outro espécies de pontuações, como três coraçõezinhos para mais *sexy*, dois para menos *sexy*, três carinhas sorridentes para “muito confiável” e assim por diante. “Todos queriam saber como os amigos os classificavam e assim, era interessante convidá-los” (idem)

Já em 2004 a popularidade do site, entre os brasileiros, é tão grande, que o Brasil passa de oitavo a primeiro país, em número de usuários, à frente dos Estados Unidos, Japão e Índia. “No dia 23 de junho de 2004, o Brasil bateu os Estados Unidos, tornando-se o país com o maior número de usuários no Orkut” (idem). A popularidade do site em Universidades (movimento que teve início do Sul do país) aparenta ser um dos motivadores para esse rápido crescimento. Atualmente, a Índia aparece como país de destaque, “ameaçando” a posição do Brasil no ranking.

A dinâmica social dentro do site é intensa: os assuntos que estão nas ruas, nos bares, e dentro das casas são os mesmos que permeiam os textos produzidos por usuários em suas interações via Orkut. Não é incomum encontrar reportagens que o têm como fonte jornalística acerca de temas polêmicos ou banais. Se a imprensa tem necessidade de aferir a repercussão de casos de violência, tratam logo de citar as manifestações de apoio massivo presentes na rede, as comunidades criadas em homenagem às vítimas, as mensagens de protestos, que se perdem em meio a milhares de outras manifestações, em frases e textos catárticos, em palavras de tristeza, apelos à justiça. As comunidades são a válvula de escape para tais manifestações e canalizam as emoções daqueles que sentem necessidade de protestar e percebem que o ambiente virtual é capaz de dar visibilidade incrivelmente maior que a fala perdida em uma conversa entre duas ou três pessoas no anonimato de uma sala. A rede também é palco de crimes de pedofilia, ponto de encontro para que torcidas de futebol rivais “agendem” conflitos, entre outros casos.

Também é grande a variedade de mecanismos encontrados por usuários em termos de relações econômicas: há comunidades de ofertas de emprego e estágios, empresas contratam figurantes de novelas e comerciais, perfis são criados com nomes de instituições comerciais. Um aspecto importante a ser ressaltado é justamente o caráter comercial por trás do site. Trata-se, ressaltemos, de uma ferramenta lançada pela potência econômica que é o Google, empresa avaliada em mais de oitenta bilhões de dólares. Em abril de 2008, a empresa de consultoria britânica Millward Brown publica pesquisa ⁷ na qual revela que Google é a marca mais poderosa e valiosa do mundo, à frente de GE, Microsoft e Coca-Cola.

Basta observarmos com um pouco mais de atenção, para compreender que o Orkut funciona como um espaço de socialização, integração e vivência entre as pessoas, mas também como ferramenta econômica de sua empresa criadora: o site possui mecanismos que o integram, por exemplo, a diversas outras páginas, como o Youtube (comprado pelo Google em 2006, onde a publicidade ocupa espaço considerável), e, recentemente, diversos “links patrocinados” passaram a dividir, ao lado das mensagens de usuários, propagandas de serviços e notícias que, igualmente, têm como finalidade a publicidade e movimentação de capital. Para além da sua capacidade de ampliar e fomentar laços sociais, o site também tem a sua eficiência como plataforma comercial.

⁷ “Confira as 100 marcas mais valiosas segundo a Brandz”, Folha Online: <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/dinheiro/ult91u394285.shtml> (21 de abril de 2008). Acesso em 16 de junho de 2008.

3. TIOPÊS: UM NOVO DIALETO NA REDE

A tradição da comunicação na internet é marcada por alterações da linguagem de cotidiano e intervenções sobre a escrita formal presente em uma série de meios de comunicação. Na década de 1980, surge, entre *hackers* e participantes de fóruns sobre jogos, nos Estados Unidos, o *L33t*⁸, linguagem que intercalava números, letras e outros sinais gráficos. Já nesta época, o uso da linguagem aparece como mecanismo de diferenciação e segregação entre grupos.

O objetivo da mistura entre letras e números era evitar que suas discussões fossem encontradas por simples mecanismos de busca, além de garantir uma identidade de grupo aos adeptos. O usuário de um determinado fórum de discussão, com o domínio do *l33t speak* demarcava seu território e mostrava que ali estava presente um *hacker*.

No Brasil, quando, a partir do ano 2000, o número de usuários da rede já ultrapassa a ordem dos milhões⁹, um peculiar modo de escrita começa a chamar a atenção e preocupar pais e professores: o internetês, linguagem marcada pela síntese e abreviação de palavras e expressões, cuja finalidade era dinamizar a comunicação nos *chats* e ferramentas de comunicação instantânea, como ICQ e MSN.

O uso de “vc”, em vez de “você”, “blz”, em vez de “beleza”, “pq”, no lugar de “porque”, entre outros grafismos, foi mais forte que as resistências colocadas na época e persiste até hoje, dissolvido entre diversas outras formas de se comunicar na internet. A prática foi, inclusive, rapidamente captada pelo mercado, que encontrou nos jovens internautas um nicho de consumo promissor: em novembro de 2005 o canal de TV a cabo Telecine inaugurou em sua programação a sessão *Cyber Movie*, em que os filmes apresentavam legendas em internetês.

Com o aumento do número de usuários, o surgimento de sites de relacionamentos, a popularização de blogs e fotologs etc., não demora muito para que uma série de outros linguajares, grafismos ou dialetos comecem a surgir entre internautas brasileiros: os emoticons, o miguxês e, mais tarde, com a presença do Orkut, o alechat, o mistês e o tiopês.

⁸ A palavra tem origem na pronúncia de “elite”, em inglês, sendo escrita de diversas formas, tais como 3l1t3, 3l33t, ou ainda de outras formas — a letra ‘i’ correspondendo ao número 1 e a letra ‘e’ ao 3, entre outras analogias.

⁹ 7,68 milhões de usuários em 2002. Dados do IBOPE citados na matéria *Anos 90: o desenvolvimento da internet no Brasil*, publicada em <http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI541825-EI5026,00.html>. Consulta em 09 de junho de 2008.

3.1. Origem e caracterização

As narrativas sobre a origem do tiopês não apresentam grandes discrepâncias entre si. Todas elas remetem, principalmente, à figura de Ale Crescini, um usuário do Orkut que ficou muito popular em 2006, devido à sua forma peculiar de escrita. Além de cometer alguns erros ao usar o teclado, Ale não tinha um bom domínio da gramática. A ausência de acentuação e pontuação, a supressão de verbos ou determinadas conjunções, geravam frases do tipo “Oi Daniela / Essa sua foto aqui, destaca seu lindo olhar ok / Otimo final de semana ai e otimo feriado”, “Fico feliz em saber que la comunidade vc esta fazendo amigos” ou “Boa tarde Iolanda / Obrigado recado e idem otima semana ai / Abraços e beijos no seu coração”¹⁰.

Ele costumava ser simpático, respondendo aos que lhe enviavam recados e, dessa forma, interagiu com outros usuários. Algumas pessoas começaram a imitar o seu modo de escrita, trocando mensagens com pequenos erros, não apenas com Ale, mas entre si. O perfil de Ale no Orkut foi “deletado”, mas relatos de diversos usuários indicam que a sua própria página de recados começou a ser usada como espaço para conversas, no que resultou um verdadeiro *chat*. Dessa forma, o *chat* à moda Ale deu origem ao alechat¹¹, síntese de Ale e *chat*.

Na época, o próprio Ale criou uma comunidade chamada “Ale 100% amizade e cupido”, na qual estas pessoas trocavam mensagens e ele já aceitava a alcunha de Alechat. Há inúmeros registros no Orkut, em blogs, fotologs, fóruns de discussão *on-line* etc. de algumas expressões engraçadas, características do (agora) Alechat. “Alechat não tem culpa se vc perdeu sua namorada” ou “Alechat não tem culpa se vcs visiado aqui internet”, entre outras, ficaram muito populares, sofrendo diversas variações. Inserir o termo “ok” ao final de cada frase era um de seus mais notáveis costumes. Em alguns casos, para imitar o modo de escrever do Ale, bastava inserir algum complemento no meio da expressão “Alechat não tem culpa se [...] e tb vcs visiado aqui internet”. Estava consolidado o Alechat, com seus pequenos erros simulados e suas expressões. “Era algo inocente, apesar de estarem zoando com ele. As pessoas se divertiam se comunicando daquela forma”, afirma a estudante Ana Carolina Ramalho, em entrevista ao Estadão¹².

¹⁰ Registros colhidos na comunidade “Ale me mando scratch”, em que usuários relembram mensagens enviadas por Ale.

¹¹ Apesar do termo em inglês, pronuncia-se o termo como se fosse uma palavra em português, o “a” com som aberto, como em “chá”.

¹² <http://www.estado.com.br/suplementos/info/2008/04/21/info-1.93.8.20080421.45.1.xml>, consulta em 06 de junho de 2008.

A coisa era bem assim mesmo, ninguém zoava dele. Quando a n00bada começou a encher aquilo lá, muita gente começou a zoá-lo pessoalmente. Isso foi uma das maiores brigas da comunidade. A gente suspeitava que o cara tinha alguma deficiência, porque ele era muito inocente MESMO, um cara legal, bom de coração que só, meio que dávamos proteção à ele. Não sei se ele era disléxico ou coisa parecida, mas os erros dele seguiam uma certa ordem, era um comer vírgulas ali, um trocar letras acolá (Helem Ribeiro, 21 anos)¹³.

Alguns usuários brincam, dizendo que estavam viciados no Alechat: “Tudo que eu falo ou penso, uso ‘ok’ no final, (...) quando vou falar algo tipo ‘fizeram’, já fico em dúvida se não seria ‘fizerão’”, afirma Diogo Reis. “Entre outros erros, eu estou usando OK pra pontuar tudo. Ok serve como ponto, como vírgula... multifuncional!”, diz Mariana de La Veja. Ambos participam da comunidade “Alechats Anônimos - AA”.

Paralelamente a este caso, desenvolve-se no Orkut e fora dele um outro dialeto, o mistês, criado pelos blogueiros Misto Eleazar (pseudônimo de David Boutsivaras), Marcos Rodrigues e Rafael Madeira. “Amigos de uma sala de bate-papo do Mirc, eles começaram a escrever imitando quem cometia deslizos ortográficos no programa”, diz a matéria do Estadão. “A gente fazia uma caracterização sutil do texto errado, enfatizando as vírgulas colocadas nos lugares errados e a falta de acentos”, diz Misto.

Diz o usuário do Orkut, Augusto Ribeiro:

Foram três caras que usavam essa linguagem em seus blogs (que era bem fechado, poucos tinham o acesso), aí então surgiu o Orkut, que acabou espalhando o mistês para muitas pessoas, que acabavam "imitando". Isso deixava os criadores muito nervosos¹⁴.

O mistês teria surgido em 2001¹⁵, ganhando maior projeção quando o *fake* Misto Eleazar começou a disseminar uma série de expressões engraçadas e comunidades no Orkut. O fotolog criado por Misto (www.fotolog.com/mistoeleazar) foi desativado, mas ainda é possível ler um blog criado por ele (<http://mistoeleazar.blogspot.com/>), cuja primeira postagem data de 19 de fevereiro de 2007. O blog é marcado por imagens diversas, integradas a frases, que funcionam como legendas. Abaixo da imagem de um homem de penteado exótico escreve-se “kbelos opacos e qbradiços?”. Em outra postagem (fevereiro de 2007), abaixo de uma foto marcada como “erótica”, na qual uma pessoa usa apenas um tapa-sexo, insere-se o que seria o trecho de um diálogo:

¹³ Usuária do Orkut, entrevista em 10 de junho de 2008.

¹⁴ Entrevista em 31 de maio de 2008, via *scrapbook* do Orkut.

¹⁵ Ver também matéria publicada pela revista Monet, edição junho de 2008.

— vc vai passa por uma estradinha de mato pizado até chega um lago ,dai vc devisa e anda mais 50 metro engatinhano , dai vc vai olha pra lua e vai passa um corvo , branco esse corvo vai traze a chuva ,dai vc vai v o nome escrito — numa nüve , dai vo6 ja pode volta~

É notável a diferença entre a escrita mais exagerada nos erros, em comparação com o alechat, destacando-se o uso do trema, não encontrado no segundo caso. Está presente também, neste trecho, outra marca que vai permear uma série de outros dialetos e/ou linguajares entre usuários, baseada em um erro extremamente recorrente e lamentável na escrita de muitos usuários da rede: a supressão indiscriminada do ‘r’ dos verbos no infinitivo¹⁶. No trecho, outra característica marcante de uma nova tipologia que então se disseminaria é a presença de palavra composta por números (‘vocês’ transforma-se em *vo6*: vo + seis).

Ao mesmo tempo em que usuários seguem Misto Eleazar em suas comunidades e/ou copiam o alechat nas comunidades que surgem ligadas a ele, aparecem, em diversos outros pontos, expressões que se assemelham e encontram afinidade com o mistês. Aparecem erros simulados, baseados em similaridades fonéticas (i trocado por y, ch trocado por x), além de outros, mais exagerados, em que o j é trocado pelo g (beigos, em vez de beijos) ou caracteres do teclado de computador ganham destaque.

Fica mais comum encontrar, em diversos nichos de usuários, adeptos de uma escrita alternativa, simulações de erros de digitação. Dessa forma, junto de alguns pontos de exclamação, aparece o número 1, visto que ! e 1 dividem a mesma tecla no teclado; pontos de interrogação são substituídos por barras (/), pelo mesmo motivo; asteriscos são intercalados com o número 8 e assim por diante — tudo como se o usuário, por descuido, tivesse deixado de apertar a tecla *Shift* de seu teclado ou escorregasse o dedo por uma ou outra tecla, alterando o texto.

Outra característica dessas comunicações que permeiam o mistês e o alechat são os textos em caixa alta (letra maiúscula), como se o usuário esquecesse ligada a tecla Caps Lock do teclado E PASSASSE A DIGITAR TUDO ASSIM, COMO SE ESTIVESSE GRITANDO! — um senso comum para quem usa a internet com frequência é considerar a escrita em caixa alta sinônimo de desespero, como se a pessoa estivesse a gritar, realmente desesperada. De outro modo, pode mesmo denominar desconhecimento e falta de intimidade com o computador.

¹⁶ Muito recorrente, também, a supressão de desinência indicativa de tempo (“Ele me *mando* um recado” em vez de “mandou” um recado) e a confusão na indicação de pretérito e futuro (“Eles me encontrarão”, na tentativa de dizer “me encontraram”).

Creditam-se a Misto Eleazar algumas expressões muito famosas entre usuários do Orkut, como “Oi”, “q” e “Brinks!”, cujo uso é bastante peculiar (ver item 3.2. Glossário). O resultado da mistura entre o alechat, o mistês e as expressões e erros exagerados gerou um novo tipo de escrita, marcado pelo excesso de todas as características anteriormente citadas. Dessa grande ebulição, surge o que daria origem ao tiopês, dialeto resultante de forte tensão e rivalidade entre usuários. Diz Augusto Ribeiro, adepto do tiopês:

No meio disso tudo, começaram a sair algumas comus criadas por Misto Eleazar e sua trupe, que começou, além de usar a forma do Ale, escrever expressões do tipo: "Brinks to vivao", "Oi", "q"... Essas comunidades sempre tinha o tom de comédia, ácida muitas vezes !! Alguns fakes e outros reais começaram a modificar mais ainda isso, usando: **888, "escreveon açim..."; / Então essa galerinha do Misto começou a humilhar todos que se atreviam a falar assim, a Diane sabe bem disso! / *Eles chamavam a gente de LIXO NUCLEAR.* (...) Daí resolvemos dar um chega pra lá, e inventar o termo tiopês... que é livre. \o/ ¹⁷ (grifo meu)

E ainda:

(...) um grupo (que no momento eu não conhecia) resolveu criar esse nome de tiopês, que era livre, você escrevia como bem quisesse e ninguém te apedrejava. O momento em que eles decidiram criar o termo? hmm, deve ter sido quando eles não agüentavam mais ser humilhados, e resolveram criar esse novo estilo.

São diversas gírias surgidas na internet, misturadas, por vezes, a regionalismos ou expressões de grupos muito restritos de amigos, que acabam se alastrando e sendo incorporadas às outras existentes nos fóruns de discussão. A gíria “tipo assim”, aparentemente de origem paulistana, porém muito conhecida entre qualquer adolescente de cidades brasileiras, é a expressão que dá origem ao tiopês (utilizada não apenas na rede, como fora dela: um exemplo era a personagem Tati, da humorista Heloísa Périssé, que em peças de teatro e na televisão, em 2002, repetia incessantemente a expressão).

Reduzida, muitos inserem apenas “tipo” no início de muitas frases. Daí, seguindo a inversão de letras, “tipo” vira “tiop”, que, devido ao excesso, fica conhecido como o tiopês. Por conseguinte, os usuários seriam os tiopenses.

No final de 2006 Ale tem seu perfil do orkut roubado (assim como seu MSN) deixando, entretanto, uma série de “seguidores” e *fakes*, que tentam assumir sua identidade e ganhar igual popularidade, enganando alguns, discutindo com outros que defendem o antigo (e real) Ale.

¹⁷ Depoimento creditado ao usuário Lizard, em tópico da comunidade Tiopês – A Revolução

Lembro bem do dia que roubaram o perfil. (...) Formou-se um chat no msn pra procurar descobrir quem tinha roubado, o que poderia ser feito (foi aí que descobriram o telefone do Ale e ligaram pra ele, ele ficou muito triste e magoado, chateado mesmo). Nesse dia, o cara que roubou o perfil dele entrou no tal chat (aparentemente a mesma senha do orkut era a do msn) e ficou lá falando que era tudo uma mentira, blá blá. Mas não mantive contato com ele não, o que o Ale ainda faz é me mandar uma mensagem todos os domingos me desejando uma boa semana, mensagem essa que ele manda pra todos (...). Depois desse período apareceram uns fakes dele, e tem esse cara que me manda os scraps de boa semana que eu tenho quase certeza que é ele.¹⁸

Em novembro de 2006, é criada a curiosa comunidade “alechat is over”, ressaltando a rivalidade entre os grupos. Em meio a tudo isso, registra-se, ainda, a existência do chamado miguxês, linguagem característica de jovens roqueiros alcunhados de *emos*, uma escrita marcada por termos amorosos e carinhosos, minuciosamente trabalhada, com sua já famosa alternância entre letras maiúsculas e minúsculas na grafia das palavras (MigO, te Adolo! = Amigo, te adoro!; EuxiNha Amu toDos VoxEis = Euzinha amo todos vocês).

Também conhecido como fofolês, o miguxês é uma linguagem à parte deste processo, entretanto, algum tempo depois, é possível observar que alguns usuários tentam aderir ao tiopês, mas no “processo de transição”, ainda insistem em algumas marcas do miguxês, como o excesso de “x”¹⁹.

Em relação à tentativa de classificação dos linguajares e/ou dialetos por parte dos usuários, o resultado costuma ser bastante confuso, visto que a explicação mais plausível para o surgimento das várias expressões de que se tem conhecimento está na simultaneidade em que elas irrompem e na rápida mistura entre expressões e práticas. Expressões sem autoria específica, como “beijos me liga” ou “fica a dica” misturam-se ao “oi” e “q” do mistês, ao mesmo tempo em que alguns as utilizam com o alechat.

A atribuição de autorias é uma questão interessante nesse contexto. Uma palavra digitada em um *scrap*, comunidade ou outro espaço é fácil e rapidamente modificada, transportada para outro ambiente, replicada e, enfim, consolida-se como expressão que será repetida entre diversos usuários. Poderíamos, em relação a essa difusão extremamente veloz, aplicar o conceito de “meme”, na condição de unidade de informação que se propaga, reproduzindo idéias. O termo, bastante utilizado atualmente no estudos sobre redes sociais, designa, por analogia a gene, unidades de informação, que condensam opiniões, idéias etc. e

¹⁸ Helem Ribeiro, 21 anos, entrevista em 10 de junho de 2008.

¹⁹ Pode-se especular que a tentativa de mudança no modo de escrever esteja associada à forte discriminação sofrida pelos *emos*, não apenas pela escrita atribuída a eles, como em relação ao seu modo de vestir, seus gostos musicais, entre outros costumes.

se alastram por meios diversos (ANDERSON, 2006: 182; PRIMO, 2008; RECUERO, 2008.I e II).

Adilson Citelli problematiza a noção de “registro” no tocante aos “circuitos da linguagem verbal” na rede:

As mensagens dispostas nas vastidões da internet nem sempre possuem “receptores” específicos ou circunscritos. Elas tanto podem ser acessadas por “navegadores acidentais”, como por grupos que convivem numa lista de discussão, tornando-se todos, ao mesmo tempo, “receptores” e “emissores”, em diálogos múltiplos e descentrados em que a noção de autoria praticamente desaparece. (CITELLI, 2006: 132)

A observação das mensagens e discussões travadas entre usuários mostrou que não há preocupação por parte dos adeptos do tiopês quanto à autoria de gírias e formato de mensagens. O clima de produção coletiva de um grande vocabulário, culminando em um dialeto é o que melhor caracteriza a interação entre membros de diversas comunidades.

Ao mesmo tempo, é possível encontrar declarações como a do designer Rafael Madeira (um dos autores do mistês), a respeito da falta de controle sobre as cópias de estilo. Ele é autor do blog Cersibon (<http://cersibon.blogspot.com/>), no qual publica tirinhas cômicas escritas em uma outra linguagem, o Garble, e do blog Lulalol (<http://lulalol.blogspot.com/>), onde frases cheias de erros são inseridas em fotos do presidente Lula, em diversas situações. Com a popularização de seus blogs, a solução encontrada por Rafael para controlar e diferenciar suas criações das cópias que começaram a surgir foi criar seções especiais, nas páginas, para que os leitores enviassem suas próprias obras, com os devidos créditos.

Originadas de forma consciente e intencional, como no caso dos autores do mistês, ou de forma acidental, como no caso do alechat, e ainda coletiva, como no tiopês, o surgimento de novas linguagens, com fiéis adeptos não é uma realidade exclusiva do Brasil. Em edição de 17 de janeiro de 2008, a revista *Época* publica a matéria *Que inglês, que nada!*, onde comenta a existência de aproximadamente dois mil idiomas criados por internautas na *web*. Chamadas *conlangs*, as “línguas construídas” encontram na internet o suporte perfeito para sua disseminação.

São idiomas totalmente novos, como o Toki pona, criado em 2001 pela canadense Sonja Elen Kisa, de 28 anos: o vocabulário composto de 118 palavras e 14 letras é adotado por americanos, brasileiros e russos que, mesmo sem grande domínio do idioma, comunicam-se entre si. Há outros exemplos, como o Shas sid, criado pelo brasileiro Flavio Rebello, em 1985 e o Sambahsa-mundialect, do francês Oliver Simon, criado em 2007. Outras *conlangs*

muito conhecidas são ainda o esperanto (do polonês Ludwik Lejzer Zamenhof, datada de 1887) e as bem mais recentes klingon (falada na série de ficção *Star Trek*) e quenya, faladas nas obras do escritor inglês J.R.R. Tolkien.

Em comum, assim como o alechat, elas surgem de apenas um indivíduo, sendo adotadas por milhares de pessoas. Obviamente, a escrita disseminada a partir de Ale Crescini não se encaixa à complexidade das “línguas construídas”, tampouco pode ser classificada como um idioma, ou mesmo um dialeto.

Em contrapartida, pelo fato de o tiopês ser composto por uma vasta lista de expressões próprias, maneiras de comunicar específicas, que gradualmente se consolidam entre os usuários (de forma calculada, controlada), as variações orais de certos termos — compreendidos por um número restrito de usuários —, nos permitiria classificá-lo como um novo dialeto, não apenas como mais um grafismo de palavras.

A Enciclopédia das Línguas no Brasil (<http://www.labeurb.unicamp.br/elb>), site do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp apresenta a seguinte definição de dialeto:

Variedade da língua; maneira de falar própria de determinado grupo de falantes da língua. Identifica-se por peculiaridades de pronúncia, de vocabulário e de gramática. No sentido tradicional e mais restrito do termo, refere-se ao uso da língua próprio de determinada região (dialeto regional ou geográfico). Em sentido mais amplo e corrente em sociolinguística, o termo se aplica também ao uso da língua que identifica estratos sociais diferentes (dialeto sociais), gerações diferentes (dialeto etários) e sexo diferente (dialeto feminino, dialeto masculino)²⁰.

Os usuários mais assíduos do tiopês participariam ainda, do que Labov classifica como “comunidade lingüística”, que “define-se menos por um acordo explícito em relação ao emprego dos elementos da língua do que por uma participação num conjunto de normas comuns” (LABOV apud CARVALHO, 2004). Estabelece-se, conforme mostra Hammerz, “não um território físico, mas um território simbólico” (HAMMERZ apud LEMOS, 2008)

Lemos (2002), em seu trabalho sobre diários online afirma que a passagem da industrialização para a globalização (processo que “destruiu ideais comuns”). Numa visão um tanto apocalíptica sobre o estado de espírito do sujeito contemporâneo, ele afirma que o mundo ficou “desbussolado”.

Na euforia depressiva, as pessoas sentem necessidade de escrever -ou seja, firmar um novo contrato com a língua, o mais forte instrumento de identificação do ser humano como humano. E quando o ser humano se reinventa, isso, como toda a invenção, só faz sentido, só existe, se é

²⁰ Consulta em 06 de junho de 2008.

conhecido pelo outro, independentemente de quem seja esse outro (VERSIGNASSI apud LEMOS, 2001: 6).

Os participantes da comunidade “*Tiopês – A Revolução*” devem seguir um conjunto de normas, estabelecido pelos membros responsáveis pelo “gerenciamento” de sua dinâmica. Da mesma forma, a “faalr tiopes como fas???” tem como objetivo ser “uma escola” para novatos no dialeto. Apesar de as regras não serem fielmente seguidas pelos usuários (o que resulta em expulsões, ofensas), há, principalmente entre membros mais atuantes, um conjunto de normas comuns, que lhes confere uniformidade. “Essas normas podem ser observadas ou em tipos abertos de comportamento susceptíveis de avaliação ou pela uniformidade de padrões abstratos de variação, que são invariantes no respeitante a níveis particulares de uso” (idem).

Carvalho aponta, ainda, as considerações do linguísta Sílvio Elia, a diferença entre dialeto e língua. Enquanto a língua constitui-se como o falar estruturalmente diferenciado de uma comunidade, “portador de apreciável tradição cultural e reconhecido oficialmente por um Estado como forma de comunicação em suas relações internas e externas”, o dialeto é definido como

falar de uma comunidade, parte de uma comunidade maior, com cujo falar mantém afinidades estruturais, praticado geralmente sob a forma oral e não reconhecido por um Estado como forma de comunicação em suas relações internas e externas (ELIA apud CARVALHO, 2004)

Muniz Sodré fala da possibilidade de classificar o tiopês como um idioleto: “Apesar de o termo, semanticamente, designar o conjunto de práticas linguísticas de um único indivíduo, ele pode servir para identificar, também, as características de um determinado grupo de pessoas”²¹. De acordo com o dicionário Houaiss idioleto significa:

Sistema linguístico de um único indivíduo, que reflete suas características pessoais, os estímulos a que foi submetido, sua biografia etc. (Pertence ao campo da langue, e não da parole, porque trata de particularidades linguísticas constantes, não fortuitas. Depreendido de dialeto).

Os tiopenses, como alguns se denominam, obrigatoriamente têm de escrever errado, seguindo as características das formas citadas anteriormente: simulação de erros de digitação, erros de ortografia e de construção nas frases. As inversões de sílabas e confusões quanto a fonemas e suas representações engendram uma comunicação um tanto disléxica. Os erros calculados fomentam o humor, enaltecido pelos usuários. Não se limitando apenas à forma, o

²¹ Entrevista em 13 de maio de 2008.

idioleto tiopense expressa um universo marcado por gírias próprias, que reúne influências do universo *indie* (ver item 3.3.Caracterização dos usuários), mensagens de duplo sentido, conotação sexual e vocabulário de travestis.

Desde o surgimento do chamado internetês, com suas formas abreviadas de escrita, cuja finalidade era tornar mais rápida e fácil a comunicação, são comuns os debates sobre efeitos que tais alterações podem ter sobre o aprendizado de crianças e adolescentes. Questionam-se possíveis confusões entre contextos comunicacionais e o emprego indevido de grafias de palavras e construções frasais, por exemplo, nas provas da escola. Adison Citelli (2006) aponta que há plena consciência por parte dos usuários:

O jovem usuário do ICQ ou Orkut sabe que a linguagem utilizada para a feitura da redação escolar não é a mesma empregada para as trocas de correspondência via internet. Dito de outro modo, há identificação, mais ou menos consciente, do suporte utilizado, do gênero e da modalidade textual posta em movimento (CITELLI, 2006:125).

O autor chama de “sentido negociado” ou “protocolos de escrita/leitura” os diversos modos de comunicar, presentes em diferentes ambientes. E, ao contrário do desconhecimento da língua e de suas regras gramaticais, a alteração — principalmente em alguns casos específicos do tiopês — exige que o usuário, para engendrar o erro, tenha, na verdade, grande domínio dela.

Na *Tiopês – A Revolução*, um tópico intitulado “[NOOB LEIA] Regras do tiopês” apresenta normas detalhadas para o uso correto do tiopês. O usuário Felipe Deliberaes, redige, em cooperação com outros três usuários, um bem elaborado manual, categorizando estágios da língua, recomendando usos, explicando a origem e condenando excessos. Felipe é autor de oito, das dezesseis regras presentes no tópico:

Apontuação e Despontuação*: Eu inventei esses dois neologismos com o intuito de dar a vocês um upgrade nas tendências. 'apontuação' define-se como uma estrutura frasal na qual a pontuação é eliminada. / ex: *oi mae tudo bom bom eu queria diser que eu estaav la na escola e um menino chegou e dise olha seu idiota te acho tso besta mas eu dise a meu fodase se voce me odeia to em ai o que vx acha da minha respota em mainzenha*

'despontuação' consiste no uso indevido das pontuações. ex.: (em uma frase afirmativa) tirei um sero na prova hoge estou meio triste por causa diso? / ex.: estou um pouco pensativo hoge.....acho q a milena nao quer mais ser minha amiga o que eu fasso.....eu gosto dela mais ela nao gosta de mim....²²

²² Regras do Tiopês, segundo Felipe, usuário da comunidade “Tiopês – A Revolução”.

As regras 4, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 16 apresentam detalhadamente as instruções para o bom domínio de uma complexa gramática. Ditongos, dígrafos, encontros consonantais e uma série de fonemas sofrem alterações, muitas vezes levando a língua a uma grande simplificação, como na regra 15, por exemplo, em que diversas letras podem, simplesmente, serem substituídas pelo “s”²³:

4. u e l: Todas as palavras terminadas em vogal seguida de "u" podem sofrer essa alteração: trocar o "u" pelo "l". Exemplos: meu = mel, deu = del, comeu = comel etc. / Porém, essa regra está sendo deixada de lado, já que essas alterações estão perdendo a graça. Boa parte dos tiopenses voltaram a usar o "u". Já a maioria dos noobs e semi-noobs ainda seguem essa regra. Não é obrigação, é sua opinião.

O inverso também se aplica: palavras terminadas em vogal seguida de "l" normalmente sofrem essa alteração. Exemplos: pastel = pasteu, geral = g/jerau, normal = normau etc. / A diferença é que os tiopenses ainda a usam e ela não está perdendo a graça D: / Novamente, não é obrigação, siga essa regra se quiser, é apenas uma dica pra te fazer parecer menos noob ok

7. Regra do "-IL" "-IO"*: Palavras com essas terminações como "Fragil" ou "Domínio" podem sofrer alterações. / ex.: Fragio, Dominil, Remedil, Calafрил, Útio, Facio

8. N e M*: A troca(ou adição) de "n" por "m" é muito utilizada, mas é bom usar com moderação. Lembrando que a troca de "M" por "N" é mais válido no fim da frase. / ex.: Comcordo, Conmigo, Poden, Aimda, Imtervensao, Armazen

9. G e J*: Bom colocar só quando o som realmente é parecido (geralmente antes do "e") / ex.: Jente, Aljema, Gorgeta, Corajen, Sugera, Gibóia, Jirando, Jerau

13. "ee" e "oo": Certas palavras com um som de "i" ou de "u" muito profundo podem sofrer essas alterações. / "ee" e "oo" são comuns ao inglês (exemplos: Bee, See, Boo), mas podem ser incrementados ao tiopês. / Só use quando o som da letra for muito profundo mesmo. Exemplos: cu = koo; super = sooper; vida = veeda; fundo = foomdo / Apesar de ser interessante, apenas o "koo" é usado regularmente, pois as outras dão uma impressão de noobeza ao post. Use se quiser.

14. "ay" e "ei": Evite. / Simplesmente evite usar ay no lugar de ei. Exemplos: peidei: peiday; gastei: gastay ; gozei: gosay; sei: say / Além de dar um som

²³ Interessante compararmos os vários casos em que ocorre simplificação da escrita com a recente aprovação da reforma ortográfica nos países de língua portuguesa: entre as propostas estão a supressão do trema, de acentos agudos em ditongos, entre outros. A palavra assembleia passa a ser “assembleia”. Da mesma forma, o acento circunflexo desaparece de palavras dom duplo “o” ou duplo “e”.

gay ao post, não tem graça. Porém, trocar ay por ei é tolerável. Exemplo: gay: gei / Mas, enfim, evite.

15. "s", "ss", "ç", "c", e "z": Toda palavra com ç, c, ss, ou z, pode e deve ser substituída por s. / Porém, se for para substituir c, tenha certeza de que ele tenha som de s. / Exemplos: Cabeça – Cabesa; Maçaneta – Masaneta; Essencial – Esensiau; Fazer - Faser

16. "c" e "q": Em uma palavra que contenha "c", se ele tiver som de "k", pode ser substituído por q. / Exemplos: Facção – faqsaio; lacta – laqta; lectospirose (lol) - leqtospirose

Apesar das regras, é comum encontrar exageros nas mensagens da comunidade. Vários membros ignoram a existência das regras ali “institucionalizadas”, aprendem a falar tiopês a partir da observação e da participação intensa, policiando-se após cada alerta de um ou outro usuário mais antigo. Felipe explica a relação dos membros com as regras:

já vi grandes melhoras no tiopês de muitos que usaram as regras, porém existem muitos que ignoram, ou por ter muitas regras, ou por querer falar tiopês "do seu jeito" (apesar de isso não existir). É um processo que acontece naturalmente para a maioria, porém alguns insistem no "tiopês próprio" e acabam sendo noobs pro resto da vida.

Outras características do dialeto são: frases incompletas (“Eu acho que” — a pessoa simplesmente não termina a frase); textos em caixa alta; perguntas com respostas embutidas ou afirmações seguidas de comentários onde se diz o oposto da primeira idéia (“Alguém me acha bonita – n”; “Adorei seu novo texto – brinks, nenli”).

Uma característica interessante presente em certos termos ligados ao tiopês é a indistinção entre gêneros: palavras como “menino” e “menina” tornam-se uma só (“menine”, na forma simplificada, ou meninë, com uso de trema). Trata-se de uma saída criativa para o engessamento que alguns substantivos e adjetivos conferem às palavras, no tocante às suas determinações de gênero²⁴.

²⁴ Não é incomum encontrar mensagens do tipo “Prezad@s companheir@s”, em listas de discussão e comunidades virtuais diversas. Militantes utilizam o sinal gráfico arroba com o intuito de eliminar a opressão de gênero existente em formas como “prezado (a)”, nas quais o gênero masculino é o privilegiado, aparece como forma padrão, em documentos, correspondências. Tento em vista que o “a” que designa o gênero feminino torna-se um paliativo, a solução encontrada por estes grupos foi o uso do @, que condensaria em si tanto a desinência “o” como o “a”.

Obviamente não há nenhuma preocupação ideológico-política por parte dos adeptos do dialeto, ao simplificar os adjetivos e substantivos, tornando-os “unisex”, entretanto, esteticamente, o uso da letra “e” ao final das palavras parece mais confortável que o @, já bastante empregado na busca pela democratização de gênero através da linguagem.

3.2. Glossário

Apresentamos, a seguir, uma lista com as principais expressões e grafismos utilizados pelos usuários do tiopês. Considerando que o dialeto é o resultado da influência dos outros citados, somados às suas características próprias, o glossário reúne gírias e grafismos característicos do tiopês, do chamado neotiopês, do alechat e do mistês.

Termo	Variações	Significado	Pronúncia (?)
!1	!!!!!!111 11111111	<p>O ponto de exclamação e o número um (1) dividem a mesma tecla, no teclado do computador. Um descuido (no caso, a falta da tecla shift, quando a intenção é produzir o ponto-de-exclamação) resulta na grafia errada.</p> <p>A escrita rápida costuma gerar o número 1, no lugar do ponto-de-exclamação.</p>	-
?/	////////?? //////////	<p>O mesmo caso descrito em relação à oposição 1 x ! ocorre entre o ponto-de-interrogação e a barra (/).</p> <p>Muitas vezes, em vez do uso da interrogação, usa-se apenas a barra (ou várias delas, para chamar atenção).</p>	-
***8888		<p>O mesmo caso das duas possibilidades descritas acima: o 8 e o asterisco (*) dividem a mesma tecla.</p> <p>O recurso ao asterisco está presente na maioria dos casos considerados exagerados. É comum o usuário abusar do uso de ‘oitos’ e asteriscos. Por vezes, utiliza-se apenas o número 8, repetidas vezes. Caso hipotético: em vez de “*Atenção!”, seria comum encontrarmos:</p>	-

		888888888888 atensao!1111118888888888	
acho...	acho digno, acho válido	Combinação de expressões indicando uma opinião sobre algo: — Vou sair do Orkut. — Acho válido.	-
aff		Denota um desabafo. Funciona como onomatopéia.	“aff”
affcu		Um pouco mais que um desabafo. Já indica que alguém está irritado ou perdeu a paciência com outrem.	-
aloka		“A louca”	“alôca”
bandigay		“Bando de gays”	-
bls		Enquanto o internetês abreviava “beleza” com três letras (blz), “bls” significa a redução de “beleza” escrita de forma errada (belesa).	-
Comofas		“Como faz?”. Uma das expressões mais utilizadas. Alguém usa quando tem uma dúvida. O s no final, em vez de z é a marca básica.	comofás (apesar do s, o som de z permanece)
ficadica	ficadik, fikadik, fikdipk	“Fica a dica!”, uma expressão que aparece geralmente ao final de uma frase cujo conteúdo oferece uma “dica”, um toque, para aquele que recebe a informação.	ficadica
flechas de...	flexas de amizade, flechas de orégano, flechas de [...]	Tem origem no alechat. Ale criara uma comunidade chamada “Ale 100% flechas de amizade” (as flechas fazem alusão ao cupido, que além de amigos, também “juntava” casais).	flechas de amizade etc.
galere	galerë	Galera.	

gaydacu	-	Faz parte do discurso fortemente sexualizado dos adolescentes adeptos do dialeto. Provém de “gay dá cu”, um trocadilho embora aparentemente ofensivo, sem finalidade de discriminar.	gaydacú
gozeilitros	gozeilitrus	Usar “litros” é bastante comum entre os jovens. Sempre expressa grandes quantidades de algo (“chorei litros” é outra forma comum).	gozei litros
meldels	meudels	“Meu deus”	-
menine	-	Denomina ao mesmo tempo “menina” e “menino”.	meníne
min add	me add	“Add” (adicionar) é um verbo recorrente no Orkut. “Me adiciona”, na mistura do português com o inglês, gera a expressão “me add”.	éd (a pronúncia conforme o “a” da pronúncia em inglês)
misplica	-	“Me explica!”	misplica
morri		Morri. Sem erros — uma das expressões recorrentes.	morri
n	-	Forma sintética para “não”.	
nemli	nenli	“Nem li” – utilizado para denotar desprezo, principalmente para algum texto longo, postado por algum usuário em um fórum. O usuário, logo abaixo de um texto (que, às vezes, se pretende sério) escreve: “nemli”.	nem li
n00b	-	Denomina o novato, a expressão vem do inglês (<i>new be</i>). O termo é importantíssimo entre adeptos do tiopês e mesmo entre seus grupos rivais. O n00b é associado ao inconveniente, aquele que tenta aprender algo	“núb”

		<p>a todo custo.</p> <p>O site www.dictionary.com apresenta algumas distinções entre o <i>newb</i>, o <i>newbie</i> e o <i>n00b</i>: o primeiro é compreendido como o novato em alguma situação, alguém que, com o tempo, muda de condição e aprende o que tem como finalidade; o segundo denota um novato, um recém-chegado; o terceiro é compreendido não apenas como o novato, mas como o “estúpido”, aquele que atrapalha os mais velhos.</p>	
oi	-	“Oi”. A expressão é inserida em contextos dos mais diversos. Alguém escreve um texto denso e um outro, para zombar, em vez de fazer um comentário pertinente, escreve “oi”.	oi
oie	OIE	Uma espécie de “oi” mais exagerado.	
pegaeu	pegael, pegaël, pegäel etc.	“Pega eu”. Mais um trocadilho sexualizado.	pega eu
prontofalei	-	“Pronto falei”. Como se alguém estivesse se segurando para não falar algo. Este alguém acaba deixando escapar e, em seguida, diz “pronto, falei”.	pronto, falei
Q	-	Uma das expressões mais populares. O “q”, assim, isolado, é acompanhado por uma grande carga de ironia. Alguém pode escrever o “q” ao final de um texto longo, para demonstrar desprezo/deboche. Ou então denota que o usuário não entendeu nada do que alguém queria dizer — como quem	quê

		pergunta: “o quê?”.	
qqqqq	-	Demonstraria indignação. A pessoa se pergunta “o quê?” repetidas vezes.	-
quem curti		“Quem curte?”. Expressão bem recente. Inserida em diversas frases em que se pretende saber a opinião a respeito de algo.	quem curte?
Rç	rçrçrç	Trata-se de uma brincadeira feita a partir de uma forma já sintética de outra expressão comum na internet. O usuário, para demonstrar “risos”, do outro lado da tela, escreve apenas “rs”. O tiopês brinca com a sonoridade similar que é possível entre ç e s em algumas palavras. Entretanto, aqui, a impossibilidade de confusão entre os sons é risível.	
reflita	rêflita, reflitão, reflita~ao etc.	“Reflita!”. Sugere que alguém pense a respeito de algo.	reflita
s2		A letra “s” e o número dois sugerem o formato de um coração. Poderia ser construída a frase “I s2 NY”.	êsse dois
s	-	Forma mais sintética de “sim”	-
saicu		Forma menos polida para “pedir licença”.	sai cu
shorei litros		Chorei litros. “Litros” sempre usado para denotar exagero.	chorei litros
supertendensia		Super tendência. Algo que é bem vanguarda e alternativo.	super tendência
tendensia	temdensia, temdenssia, tendênsia etc.	Denota algo que é considerado “tendência”	tendência
Tiop	-	“Tipo”, com a inversão clássica de letras. É o que dá	tiop

		origem ao nome do dialeto. O tiopês é resultado de um excesso de “tiops” no início das frases.	
toloka		“Tô louca”. Expressão comum entre travestis.	tô lôca
to rindo	to rindo aqui	Origem no alechat. Como diz, serve para o usuário denotar que está rindo do outro lado da tela.	tô rindo

Diante da riqueza do vocabulário (escrito), perguntamo-nos sobre a possibilidade de existência de uma variante falada do dialeto. Em um primeiro momento, pode ser difícil imaginar a pronúncia de certas expressões, principalmente quando elas se reduzem a grafismos, como a mera reprodução, na tela, de pontos de exclamação, seguidos de números e palavras compostas por letras e algarismos.

Entretanto, a circulação em ambiente no ambiente off-line mostra que as palavras ultrapassam a tela. Basta uma breve incursão pelo circuito alternativo do Rio de Janeiro, para ouvir em alto e bom som, expressões como “fica a dica”, “como faz?”, “super tendência” permeando diálogos. E mesmo um grafismo aparentemente não adaptável à forma falada como “s2” não deixa de aparecer nas frases (onde simplesmente se fala “esse dois”, representando, de forma simples, a palavra “coração”). São ambientes como a boate Fosfofox, em Copacabana, o evento Maratona Odeon, realizado no Cine Odeon, na Cinelândia, ou a festa Paranoid Android, na Lapa.

Dois outros registros interessantes corroboram o argumento de que a comunicação surgida na rede extrapola as teclas e telas dos computadores: com expressões do alechat, surgida de “piadas internas” de usuários que ainda tinham contato com Ale Crescini, surgiu a música “pega eu” (de autoria creditada a Fribi, Fael e Andréia M), com centenas de usuários no site Last.fm (www.last.fm), onde “flechas de amizade” e “me add eterno no seu s2” são repetidas. Em janeiro de 2008, o estudante Gueko Hiller lança a “novela” *s2 amor supertendência comofas111 comofas*²⁵, adaptada especialmente para o Youtube, com personagens falantes de tiopês e legendas cheias de q, comofas, gaydacu entre outras expressões.

²⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=Z5hGni1hx3A>

Para além do Orkut, vemos uma série de blogs, fotologs e outros meios, nos quais não apenas o tiopês, mas outros modos de escrita, cuja base é a simulação do erro, são o destaque:

- O blog <http://nainaicat.blogspot.com/> é assinado por quatro membros e, assim como o blog do Cercibon, produz tirinhas escritas em tiopês. Em alguns casos a escrita segue os padrões do tiopês aceito, por exemplo, pelos membros da “*Tiopês – A Revolução*”, mas são encontradas várias em que o excesso de erros e inversões nas palavras os levariam a facilmente serem considerados n00bs. O conteúdo das historinhas segue o padrão da comunicação feitas nos fóruns: situações desconexas, jogos dadaístas ou narrativas que fazem sentido apenas para os editores do blog.
- <http://lulalol.blogspot.com/>, como citado anteriormente, parece ter influência do curioso *I Can Haz Cheezburger* (<http://icanhascheezburger.com/>), site norte-americano, onde fotos de gatinhos têm legendas escritas em inglês errado, com má concordância e palavras seguindo mais a fonética que a ortografia.

3.3 Coisa de indie?

É fácil ouvir alguém dizendo que tiopês é coisa de indie. Alguns dizem que é coisa de nerd, de adolescente, de moderninho, cult, pseudo-cult, de gays, de desocupados — são várias as associações. Há também as combinações: coisa de indie-pseudo-intelectual, de nerd-moderninho etc. O termo indie origina-se da redução do inglês independent (independent music ou independent rock), que denominava justamente os circuitos alternativos do meio audiovisual — algo compartilhado por poucos, como uma pequena vanguarda urbana.

Eles seriam aqueles jovens mais antenados com as “tendências” do circuito alternativo da música e do cinema, dotados de relativa carga cultural, amantes de bons costumes, como tomar um bom café ou apreciar filmes da Nouvelle Vague, citar Godard e Fellini. Indies “se vestem elegantemente”, com estampas em xadrez, listras e blazers, de forma muito similar à “elegância londrina” e ao “charme francês”, como se habitantes da Europa fossem, quando na verdade habitam um país tropical, que não favorece muito à vestimenta de inverno ²⁶.

²⁶ Recentemente, nota-se na “cena” urbana, sempre inspirada pela “tendência” vinda da Europa, uma modificação no vestuário dos indies: shorts, em vez das calças jeans apertadas, roupas coloridas, leves, surradas, em vez dos sobre-tudos, entre outras características, que definiriam uma estética ligada à cena New Rave, assim, muito colorida. Pode-se confundir, ainda, alguns deles, com a chamada tribo “From UK” que, como diz, o nome, também tem inspiração no Reino Unido, entretanto, o senso comum entende como uma “evolução” dos emos.

Tomemos, para efeito de provocação, trechos de um verbete da Desciclopédia ²⁷ sobre os indies, no dia 11 de janeiro de 2008:

A maioria dos indivíduos auto-intitulados Indie nos dias atuais foram Emos há, aproximadamente, uma semana atrás. Estas (quase) pessoas se caracterizam por usar óculos de aro grosso e por se acharem muito inteligentes e modernas, mesmo sabendo que não são. (...) Indies têm tendência a glorificar a sua cena alternativa como se fosse o arauto da undergroundalidade quando, na verdade, são apenas jovens de classe média-alta ouvindo/fazendo música ruim de estilo musicais que não existem e falando bosta o tempo todo. Indies acham que vivem na França ou na Inglaterra.

Das associações feitas entre o tiopês e estereótipos sociais, aquela feita com os indies aparenta ser uma das mais fortes. A ligação entre estética e linguagem é crucial, neste sentido, pois os indies, como vanguarda urbana da cultura alternativa, seriam, também, a vanguarda de um novo dialeto na rede. A linguagem cheia de sarcasmo o diferenciaria do miguxês “enjoativo” dos emos, com os quais a rivalidade é explícita. Um breve olhar — cheio de preconceitos — sobre algumas comunidades do Orkut escritas em tiopês confirma a presença dos chamados *indies* entre os fóruns engraçados e irônicos. Eles estariam principalmente nas comunidades pequenas, já que o mainstream (contraditoriamente à popularidade do tiopês) não é algo que lhes diz respeito. Comunidades como *JEMT Q IÇOL* (53 membros), - *Alo gats* (26 membros) e *Bjus, sucesso* (41 membros). Entretanto, a observação mais apurada leva-nos a crer na indefinição de um “tipo estético” característico dos tiopenses (ver a análise detalhada, feita nos estudos de casos do Capítulo 4).

²⁷ Versão alternativa da Wikipédia, voltada para a zombaria com expressões diversas (http://desciclo.pedia.ws/wiki/P%C3%A1gina_principal)

4. *BRINKS; Tiopês – A Revolução; faalr tiopes comofas???*

Três comunidades sobre tiopês foram escolhidas, aqui, com o objetivo de analisar o perfil dos participantes e a dinâmica das relações travadas em seus fóruns. Todas elas têm alguns milhares de usuários: a *BRINKS*, com 2352, a *Tiopês – A Revolução* com 6.578 e *faalr tiopes comofas???* [Falar tiopês, como faz???], com seus 5.397 membros²⁸. Como qualquer comunidade em tiopês, sua grande finalidade é a comunicação sobre fatos aleatórios, tendo como base a ironia e o humor. Os assuntos são diversos, os membros podem (tentar) comentar um fato cotidiano qualquer ou de grande repercussão na mídia.

Uma atitude recorrente nas comunidades é aquela em que membros fingem serem críticos do tiopês. Eles criam tópicos com os títulos “Vão aprender a escrever” ou “Só tem burros nesta comunidade” — atitude que desperta a curiosidade dos outros, que, em seguida, logo se deparam com frases do tipo “Brinks”, “Te pegay”. Devido à fórmula, já desgastada, a ação é associada ao *n00bs*, que costumam exagerar nas atitudes, a fim chamar atenção.

A comunidade *BRINKS*, mantida pelo usuário Kraus Greber — que podemos definir como um *fake* — foi criada em 20 de julho de 2006. O acesso à comunidade é “público”, ou seja, não é necessária aprovação do seu dono para a participação, assim como seu conteúdo, que pode ser lido por qualquer usuário do Orkut. A categoria da comunidade, “automotivos”, faz uma referência ao carro-forte da empresa Brink’s, alvo da anedota feita pelo seu criador e captada pelos mais de dois mil membros.

BRINKS faz uma brincadeira com a expressão oral e escrita *brinks* e a empresa multinacional Brink’s, transportadora de valores. A palavra *brinks*, utilizada tanto na comunicação escrita como na comunicação oral, significa “estar de brincadeira”, “estar brincando” (a redução do substantivo “brincadeira” ou do verbo “brincando” gera as formas “estar de brinks” ou apenas “brinks” — esta última, mais comum). Em um determinado diálogo, um indivíduo conta um fato curioso, mas logo revela “Tô de brinks.

Já o *BRINKS* referente à empresa tem origem no sobrenome de seu fundador, Washington Perry Brink — daí a redução de Brink’s para *BRINKS*, na logomarca estampada nos veículos da companhia. É comum ver um carro blindado da Brink’s circulando, por exemplo, pelas ruas do Rio de Janeiro. A marca da empresa fica em destaque na lateral do veículo, em caixa alta e sem o apóstrofo (*BRINKS*), o que, de imediato, permite maior identificação com a expressão em tiopês.

²⁸ Dados de 12 de junho de 2008.

A comicidade explorada pelo autor da comunidade está na ironia gerada pela reunião, em uma mesma situação, dos homônimos de duas coisas completamente diferentes: uma expressão fortuita utilizada por adolescentes e uma empresa do ramo de segurança e logística.

Descrição da comunidade:

LADRAO: ei vose ai motroista caro brinks pasa toda graan
MOTORISTAS CARO BRINKS: CVALMA CALMA VAOMOS TE
DFARA TODO DINHERO SEU LADRAO
LDRAO: OK VAI PASAMDO ANTESD QUE EU MATE TODOS
MOTORISCAT COR BKRNS: OK BELESMA VAI LA TOMA A SHAEV
PEGA TODOS GRANA TA LA NA CASAMBA
LADRAO: OK FAREI ISO
MOTORSIT CBRISNK: OK
LARAO: OK
MOTMRIISTA:
LADRAO: PO KD AS GRANA SEU FDP
MORISTA: RS NEN TEN EIN TE PEGEI PORESE VOSE NAO
ESPERAVA HEHERHEHHEHE
LARDAO: HEHEHE AI MORTTOISTA SÓ VOSE MESMO EHEHH

Fazendo uso de uma ‘modalidade’ do tiopês, na qual se escreve apenas com letras maiúsculas, a descrição narra, através de humor, o que seria um assalto a um carro-forte da Brink’s. A partir do nome da empresa, a situação narrada pelo criador da comunidade não poderia ser outra, além de uma grande brincadeira, ou seja, “estar de brinks”.

Uma tradução do diálogo que descreve a comunidade seria:

Ladrão: Ei, você aí, motorista do carro BRINKS, passa toda a grana!
Motorista do carro BRINKS: Calma, calma! Vamos te dar todo o dinheiro, Senhor Ladrão!
Ladrão: OK, vá passando, antes que eu mate todos!
Motorista do carro BRINKS: OK, beleza, vai lá, toma a chave! Pega toda a grana, que está lá na caçamba!
Ladrão: OK, farei isso!
Motorista: OK!
Ladrão: OK!
Motorista:
Ladrão: Pô, cadê a grana, seu FDP!

Motorista: (risos) Nem tem, hein! Te peguei! Por esta você não esperava, hehehe!

Ladrão: Hehehe! Aí, motorista, só você mesmo!

A *Tiopês – A Revolução*, criada em 8 de abril de 2006, por Augusto Ribeiro, tem como grande finalidade a celebração do dialeto. A descrição presente na página da comunidade diz:


O Tiopês é uma nova forma de linguagem, utilizada por diversas pessoas para comunicar-se na internet. Com um jeito engraçado e "incorreto" o tiopês é muito usado no Orkut e MSN. Cada dia mais pessoas adotam essa linguagem.

Em comparação à *BRINKS*, a participação dos membros da *Tiopês – A Revolução* é bem mais intensa, com muitas mensagens em tópicos diversos ao longo do dia.

Já a *faalr tiopes como faz???* nasce em 18 de fevereiro de 2007, com o objetivo de ser, de fato, uma “escola” de tiopês e permitir, aos que não sabem usar o dialeto, que compreendam formas de estruturação de frases, comedimento na aplicação de inversões de letras e simulação dos erros de digitação — objetivo completamente frustrado, como revelam vários dos usuários.

4.1. Caracterização dos usuários

Kraus Greber, responsável pela *BRINKS*, não aparenta estar no Orkut com a finalidade de inserir-se numa rede de relacionamentos de fato. Não se preocupa em elaborar a auto-imagem e não tem amigos. A imagem que utiliza aparenta ser a de um mendigo.

Como os fakes não são objeto do presente trabalho, não interessa, pois, explorar mais detalhes sobre o criador da comunidade. Da mesma forma, o dono da *faalr tiopes comofaz???* apresenta-se como  Lu¹³ Rotter, uma figura andrógina, cuja descrição de perfil contém apenas o local de origem: Antilhas Holandesas.

Augusto Ribeiro, dono da *Tiopês – A Revolução*, em contrapartida, tem perfil social que retrata um garoto comum, com fotos entre amigos, vídeos preferidos e comunidades em que expressa gostos musicais, apreço por produtos televisivos etc. Aos 16 anos, o estudante se orgulha da comunidade e das amizades feitas por causa dela. Ele administra, com outros membros, as regras daquele espaço e atende, bastante solícito, às dúvidas da imprensa e de curiosos. Trata-se de um jovem comum, que constrói o perfil na rede aderindo a muitas

comunidades de humor, de *trance music*, bandas de rock ou ainda uma comunidade de torcedores do Palmeiras — nada muito próximo do perfil *indie* imaginado por alguns.

Partimos então, para a análise do perfil dos usuários. Na tentativa de traçar uma imagem dos adeptos do tiopês e de suas interações, os principais procedimentos utilizados na pesquisa foram: 1) sondagem de perfis, comunidades e fóruns; 2) análise através de tabela-padrão (Anexo IV) com dados relativos aos perfis e 3) entrevistas, a maioria através de questionários fechados (Anexo III). O que chamamos aqui de “sondagem” compreende a observação de fóruns, sem preocupação quanto à quantificação, importante para a criação de um “mapa geral” sobre as comunidades tiopenses. Esta sondagem compreende não apenas as três comunidades escolhidas para este capítulo, mas também uma série de comunidades relacionadas ao dialeto.

Ao todo, a pesquisa analisou o comportamento de 22 usuários: doze entrevistados e dez perfis submetidos à tabulação de dados. Enquanto as entrevistas exigiam o contato direto com os internautas (abordagem através da página de recados de cada um, apresentação do trabalho do pesquisador ²⁹, troca de e-mails, conversas informais via Orkut e e-mail, *feedback* quanto à natureza das respostas concedidas), a tabela serviu como via de mão única: os usuários foram escolhidos aleatoriamente e não tiveram conhecimento da pesquisa. Devido à natureza pública das informações disponíveis sobre cada um, os dados colhidos e apresentados nas tabelas (Anexo II) dependeram unicamente do pesquisador.

Em relação às entrevistas: dez questionários fechados foram aplicados entre participantes da *Tiopês – A Revolução e faalr tiopes como faz???* (sete membros da primeira, um deles um usuário *fake*, e três da segunda). Foram escolhidos alguns dos participantes mais assíduos nos fóruns. Apesar de “fechado”, o questionário teve pequenas variações entre um usuário e outro: a entrevista com um *fake* apresentou uma questão que explorava o porquê da escolha de uma identidade alternativa na rede e apenas alguns usuários responderam sobre a identidade *indie* — pergunta que não estava presente nos primeiros questionários aplicados e que se mostrou pertinente com o andamento do trabalho. Duas entrevistadas que tiveram contato com Ale Crescini responderam a entrevistas semi-diretivas sobre Ale e o surgimento

²⁹ Parte dos dados trabalhados nesta pesquisa foi utilizada em um trabalho paralelo, desenvolvido por mim, no Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) da Escola de Comunicação da UFRJ. A apresentação de um link para a página do LECC (<http://www.pos.eco.ufrj.br/LECC/modules/sections/>) conferia maior credibilidade à abordagem aos possíveis entrevistados, visto que a página apresentava nome, fotos e trabalhos do pesquisador. O procedimento, entretanto, não impediu recusas e reações desconfiadas de alguns usuários abordados (perguntaram sobre o uso que seria feito dos dados e se era necessário responder a todas as perguntas). O fato de o usuário ter de fornecer endereço de e-mail para envio de questionário também originou certa relutância em alguns abordados.

do alechat. À medida que falavam de certos fatos, as questões previamente estipuladas eram colocadas. Nove pessoas participaram através de e-mail e três através do próprio Orkut.

Para a coleta de dados da tabela-padrão foram escolhidos, aleatoriamente, dez usuários da comunidade *BRINKS*. Com base nas informações públicas fornecidas por cada um, tentamos mapear o perfil da amostra, através dos seguintes indicadores:

- Nome adotado no Orkut, sexo, local e idade;
- Análise do perfil social (“quem sou eu”) com base nas próprias palavras e/ou outros recursos visuais utilizados pelo usuário;
- Visão política auto-declarada;
- Consumo cultural (livros, música, filmes);
- Formação profissional;
- Quantidade de amigos;
- Quantidade e conteúdo das fotos publicadas;
- Quantidade e conteúdo de comunidades e recados ³⁰;
- Registro de tiopês na comunicação que estabelecia em sua rede de amigos (depoimentos e recados recebidos) ³¹.

Foram analisadas 80 comunidades de cada membro. Optou-se por verificar as quarenta primeiras e as quarenta últimas de cada um. A equipe de Ajuda do Orkut afirma que a ordem em que as comunidades aparecem nos perfis é aleatória ³², entretanto, pode-se facilmente notar que, para cada usuário, elas aparecem sempre na mesma ordem. Além disso, esta “aleatoriedade” parece alocar no início da paginação as comunidades maiores ou das quais o usuário participa há mais tempo e, nas últimas páginas, comunidades com número reduzido de membros e/ou comunidades de participação recente. Por este motivo, a escolha pela análise das quarenta primeiras e quarenta últimas teve como objetivo tentar abranger a diversidade de grupos de que cada um participava.

Do universo de 2.206 membros (em 16 de abril de 2008), os dez selecionados foram os primeiros usuários que tiveram suas imagens exibidas na tela. São seis rapazes e quatro

³⁰ A verificação do número de recados (*scraps*) tem como objetivo sondar grau de participação do usuário na rede (registro de muitos recados em sua página) ou mesmo tentativa de manter a privacidade (recados apagados depois de lidos). Lembrando que, muitas vezes, recados não apagados e mantidos públicos podem significar intenção do usuário em publicizar sua vida dentro da rede.

³¹ Foram considerados apenas os depoimentos exibidos na primeira página do perfil do usuário e apenas as mensagens postadas nas duas primeiras páginas de recados.

³² “Se você estiver em mais de 12 comunidades, a ordem será aleatória. Se você estiver em até 12 comunidades, a ordem continuará igual.”, trecho de “Posso organizar a ordem das minhas comunidades?” [Ajuda do Orkut: http://help.orkut.com/bin/answer.py?answer=11716&topic=&useful=1&expand_useful=1&#helpful – consulta feita em 27 de maio de 2008]

moças. Em suas descrições, a metade informa, nos campos reservados à “localização”, apenas o nome do país: Brasil. Nenhum adere à moda de informar países comumente considerados *cults*, como Inglaterra e França — ou, mais recentemente, Finlândia e países do Leste-Europeu. Um deles é morador da capital de São Paulo, dois do Paraná e dois moram em Niterói (Rio de Janeiro). Os que informam a idade (apenas quatro deles) tem entre 18 e 22 anos. Os demais, pela observação das fotos, aparentam não ter mais do que 18 anos. Em geral, os membros das comunidades tiopenses são bem novos. A maioria deixa o perfil profissional em branco. Dos únicos três que respondem à “formação”, um é universitário e dois são estudantes de Ensino Médio.

A maioria se utiliza de uma grande quantidade de imagens para compor o perfil: o que utiliza menos imagens tem apenas duas fotos em sua página, um rapaz; o extremo é uma das meninas, com 250 imagens no álbum. Os demais têm entre seis e 210 fotos inseridas em suas páginas. Na maioria das vezes, são retratos do cotidiano: em casa, na escola, em momentos de lazer. Poucos deles têm preocupação em editar ou superproduzir as imagens. É comum que postem fotos de ídolos do cinema, da música, dos esportes e *printscreens* de conversas que têm entre amigos no MSN.

É comum, em redes de relacionamento, alguém “ser amigo” de centenas de pessoas sem nunca tê-las visto. Não raro, também há pessoas que conhecem pessoalmente todos os quinhentos ou seiscentos de seus contatos expostos no Orkut. Dos usuários observados, apenas três possuem menos de quatrocentos amigos. Os demais chegam a ter setecentos ou quase mil amigos em suas redes; ou seja, de alguma forma, interagem com um número muito grande de outros internautas — o que se reflete na quantidade de recados que cada um tem registrados: chegam guardar seis mil, nove mil recados. Uma das meninas chega a dezoito mil recados em sua página.

Da mesma forma, eles participam de uma infinidade de comunidades: a média é de 328 para cada um. Entretanto, uma quantidade muito grande delas não significa que o usuário seja comunicativo: em geral, participa-se de um grupo apenas com a finalidade de agregar para si uma determinada identidade. Participar de uma comunidade é dizer quem você é ou quais seus gostos (“Odeio filme dublado”, “Durmo com meu celular do lado”, “Madonna”...). Recuero (2006) compara o hábito ao ato de se carregar um bótomo. “Trata-se de bricolagem de imagens, sons, textos e da própria imagem” (LEMOS, 2002: 10).

Em geral, eles são adeptos de poucas comunidades em tiopês: duas ou quatro. A observação da comunicação entre seus amigos mostra que, em geral, o uso do dialeto fica restrito às comunidades destinadas a ele.

Quanto a essa construção da imagem pessoal, parece que a grande preocupação é indicar características ligadas ao consumo de música, opiniões sobre relacionamentos e comportamento (“Amigos verdadeiros são poucos”, “Minha bagunça é organizada”, “Sou pra casar” etc.). Há pouquíssima similaridade entre os gostos musicais expressos por cada um: muitos ouvem rock e suas variações, há declarações de que ouvem *punk*, metal, *electro*, música clássica, *hip-hop*, MPB, um extenso leque. Da mesma forma, não compartilham de gostos semelhantes quanto a cinema: dois ou três indicam alguma preferência por filmes alternativos, a maioria se mostra indiferente ou de gosto generalista. Quatro usuários indicam apreço por certas grifes, participam de comunidades dedicadas a marcas específicas de roupas, tênis, acessórios, alimentos, bebidas. Marcas famosas como Adidas, *Absolut Vodka*, Melissa, Pringles e Smirnoff aparecem em alguns perfis. Entretanto a identidade associada a marcas como forma de construção da identidade virtual é, entre os usuários analisados, um mecanismo fraco.

Em relação à visão política, em geral, não se mostram ligados a questões diretamente relacionadas a engajamento político-partidário ou mesmo ideológico. Um ou outro se posiciona em relação a questões como homofobia ou cotas para negros. Quanto ao campo destinado à declaração da “visão política”, oito o deixam em branco, dois se declaram de “esquerda-liberal”. São poucos os que respondem ao campo “livros” — não citam obras, nem autores preferidos. Da mesma forma, não participam de muitas comunidades sobre literatura.

As entrevistas e sondagem de perfis indicam dados muito parecidos com os encontrados nas análises de usuários escolhidos aleatoriamente. Os entrevistados tinham entre 14 e 18 anos, todos eles estudantes (o “ponto discrepante”: um jovem de 21, professor de informática). Eram jovens de seis estados do país: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Pelo fato de a abordagem virtual gerar certa desconfiança por parte do entrevistado, o questionário perguntava apenas sobre a formação dos pais, em vez de dado mais preciso, como renda — que situaria melhor a posição econômica dos usuários. Todavia, percebe-se que são jovens de uma classe média, média-alta: os pais são, em geral, empresários, mas há ainda nas repostas: médico, engenheiro, juiz, motorista, enfermeira, advogada, artista plástica e duas mães donas-de-casa.

Metade das respostas indica que os pais têm domínio de informática; ainda assim, alguns ressaltam que são conhecimentos limitados. A fraca “inclusão digital” dos pais mostra como a tecnologia coloca em lugares diferentes cada geração: “Meus pais, principalmente minha mãe, nem dão valor à internet, não sabem nem o que eu faço aqui”, diz uma das jovens.

A maioria usa o Orkut há três ou quatro anos. Todos eles fazem uso de MSN, 60% o apontam como a única ferramenta de comunicação na *web* utilizada além do Orkut. Os que utilizam outros meios apontam o Fotolog ou *Myspace*. Quanto aos gostos musicais e consumo, apresentam heterogeneidade semelhante à dos usuários selecionados aleatoriamente. Da mesma forma, definem-se, em grande parte, através de comunidades “menos sérias”, onde prevalecem músicas, piadas, etc.

São características que evidenciam que as alcunhas de *indies* ou de alternativos atribuídas aos tiopenses não se justificam. Eles têm gostos diferentes, participam de outras tribos, e quando se vinculam através do tiopês é uma outra identidade que se constitui.

Obviamente, a análise da representação de si mesmos que fazem no ambiente virtual não dá conta da complexidade de suas personalidades, de suas reais motivações. Muitos utilizam o Orkut com a finalidade única de diversão e, por isso, não dão a mínima importância ao preenchimento de campos sobre profissão, perfil pessoal, visão política. Tentamos fugir, dessa forma, das afirmações já bastante repetidas que colocam a juventude como esvaziada politicamente, sem preocupações com o futuro, por demais presenteísta, entre outras características negativas. É possível que a rede seja usada por eles para explorar apenas alguns aspectos de suas personalidades: o riso, o irônico, o que não é sério.

Da mesma forma, não é possível descartar tais representações como indícios de algumas questões. Se o usuário prefere construir a identidade na rede através de características muito distantes das questões políticas ou sociais, nada nos impede de enxergar aí a existência de alguns sintomas: o real descomprometimento com a política em seu sentido mais institucionalizado ou mudanças nos hábitos de leitura. Nesse sentido, Canclini (2008) faz algumas observações muito interessantes sobre os jovens na América Latina. Para o autor, fatores econômicos ligados à globalização explicam, por exemplo, a descrença dos jovens na participação política. Os conteúdos que buscam por meio de vídeos, discos, *softwares* piratas — assim como ocorria em relação ao rádio e à televisão — “mostram desinteresse pela informação e temas políticos” (ibidem, 64).

A pesquisadora Tereza Quiroz, a partir de estudos com jovens peruanos e dados da Cepal, também aponta, na América Latina, fatores que impelem os jovens para fora da participação política: a juventude tem mais acesso à informação que ao poder; os jovens possuem mais acesso à educação que ao emprego; estão mais aptos para as trocas produtivas, mas estão excluídos delas (QUIROZ, 2008: 134). “Os jovens encaminham seus interesses e energias para outros meios e rumos que lhes permitam exercer suas opiniões, desenvolver

novas comunidades e laços vinculados com as tecnologias” (idem). Neste cenário, ambos os autores apontam mudanças no que concerne aos hábitos de comunicação e leitura dos jovens.

Canclini reforça a importância do livro, entretanto, reconhece que, gradativamente, a leitura tem se transferido para as telas: “não se lê tão pouco, nem menos que no passado (...) Diminuem as livrarias (...) mas aumentaram os cibercafés e os meios portáteis de mensagens escritas e audiovisuais” (CANCLINI, 2008: 69). Talvez esse novo panorama explique a quase ausência de livros e autores, nas descrições elaboradas pelos adolescentes do Orkut.

Quiroz aponta ainda, entre os jovens peruanos, modos de comunicação muito semelhantes aos observados nas comunidades tiopenses:

(...) no *chat* ou no MSN conversam acerca de suas atividades, gostos mediáticos, músicas, personagens favoritos, times esportivos, celebridades, afetos, encontros, preocupações, e também acerca do “nada” (...) O *nick name* é um modo de criar uma marca de identidade que desejam comunicar, marca essa que muda constantemente ajustando-se aos novos relacionamentos que estabelecem e a seus próprios estados de humor. A escrita no *chat* é uma prática muito importante, *pouco integrada, fraturada, sempre às pressas, fragmentada, a ponto de o outro precisar preencher*. Produz uma economia da linguagem sempre apressada. (QUIROZ, 2008: 136, grifo meu)

O modo de comunicação observado entre os jovens brasileiros, desta forma, não aparenta ser um caso isolado.

4.2. Questões n00b: princípios de inclusão e exclusão

Em 1965 o sociólogo alemão Norbert Elias lançou a primeira versão de seu livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*, cujo objeto de investigação era a dinâmica das relações em uma pequena comunidade da Inglaterra, à qual (junto de John L. Scotson, com quem assina a obra) deu o nome fictício de Winston Parva. Apesar de os indicadores sociais, como renda, educação e tipo de ocupação mostrarem, à primeira vista, que aquela se tratava de uma pequena sociedade relativamente homogênea, os pesquisadores descobriram uma série de manifestações desvinculadas das questões econômicas, pelas quais os moradores conseguiam “hierarquizar” as famílias, determinando, assim, algumas posições de *status*.

Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, “cor” ou “raça” entre os residentes das duas áreas [duas regiões da cidade], e eles tão pouco

diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda, seu nível educacional – em suma, quanto à sua classe social. (...) A única diferença entre elas era a que já foi mencionada: um grupo compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações, e o outro era formado por recém-chegados (ELIAS, 2000: 21)

Havia, na cidade, um “princípio de antiguidade”, que era usado para diferenciar certas famílias de outras. Com o tempo, as famílias mais antigas na comunidade, através de mecanismos como fofoca, diferenciaram-se dos habitantes mais recentes e constituíram uma hierarquização entre os grupos, baseada em valores morais. “Não se misturar” com os recém-chegados (*outsiders*) era uma das regras presentes entre os moradores mais antigos (*estabelecidos*). Aqueles eram vistos como ameaça à moralidade destes últimos. Elias, ao longo do trabalho mostra que à idéia de antiguidade de moradia no local, se agregavam outros fatores, como “valores da tradição e da sociedade”. Logo, os moradores mais novos eram vistos sob um intenso julgamento moral.

Referendada na Sociologia, por tentar se constituir como uma “teoria das relações de poder”, “a força da sociologia de Elias consiste em mostrar, de modo empiricamente consistente o conteúdo universal dessa forma singular de relações de poder” (NEIBURG apud ELIAS, 2000). Elias mostra, ao longo da pesquisa, como o *status* — e, conseqüentemente, o poder — adquirido pelos moradores mais antigos, vai ser usado em diversas situações, de forma a estigmatizar e marginalizar os membros do grupo “rival”.

A comparação entre o *status* presente no trabalho de Elias e as posições de alguns usuários das comunidades tiopenses, que faremos aqui, não é por acaso. Notamos, nos grupos analisados, grande hierarquização entre usuários, bem como procedimentos para discriminação, inclusão e exclusão, utilizados dentro de seus pequenos universos. Eles se diferenciam entre os que têm grande domínio do dialeto e os que não o tem; entre os que o utilizam e participam de determinada comunidade há mais tempo; os que criam tópicos “relevantes” e os que não criam; entre uma série de outros fatores que se manifestam e se combinam. Obviamente trata-se antes de uma breve analogia com as dinâmicas presentes no trabalho de Elias, que uma tentativa de encontrar, entre os adolescentes, uma aplicação direta para a sua “teoria das relações de poder”.

A partir das informações obtidas através dos questionários, percebemos que não há uma tribo urbana específica à qual se possa atribuir o uso do tiopês. De certa forma, a partir do momento em que grupos de usuários adotam uma comunidade como a sua preferida, aquela pequena rede passa a ser a sua “nova tribo”. O fato de alguns dos participantes se

definirem como “tiopenses” é um dado que não deve ser desconsiderado. A auto-atribuição evidência que eles se vêem participantes de um grupo restrito: há uma identidade compartilhada, vinculada ao uso da língua, que ultrapassa outras características que têm ou não em comum. É fácil perceber que o tiopês fundou uma nova tribo (ou várias tribos tiopenses) na internet.

Em resumo, nos definiria assim, uma sociedade (virtual) alternativa.
(Luciana, 16 anos)

É meio louco, mas não sei ficar longe do tiopês, longe do pessoal do tiopês. [Com eles] me sinto muito livre, muito à vontade, somos muito unidos, todos conhecem bastante um do outro, e não se resume a uma comunidade (...), é meio complicado entender, mas pra mim, que já estou há mais de um ano nessa, hoje eu digo que parece que o tiopês estabilizou pra mim, são aquelas pessoas, é aquele mundinho. Não precisa mudar. (Rafaela, 18 anos)

Fiz muitos amigos na internet por intermédio do tiopês. Inclusive, conheci o Augusto Ribeiro, dono da comunidade “Tiopês - A Revolução”, que mora na mesma cidade que a minha e só o conheci por causa da comunidade.
(Cláudio, 17 anos)

Incrível que numa comunidade tão sem noção [*Tiopês – A Revolução*], o pessoal é bem receptivo e amigo. O tiopês tem uma galera que tá sempre *online* lá pra bater um papo e daí surge mesmo amizade, clima (pode apostar). Tiopês nos ajuda e muito. (Vitor, 18 anos)

Raquel Paiva afirma que os adolescentes acabam, de fato, constituindo uma comunidade — ultrapassando a banalidade que o vocábulo denota, no âmbito do Orkut:

Trata-se de uma comunidade, porque o aspecto lingüístico é tão forte quanto um laço territorial ou o laço de sangue. Existe um território ali. Töenis, por exemplo, afirma que há três tipos de comunidade: a constituída a partir de laços sanguíneos, a constituída por laços espirituais e aquela formada a partir de laços territoriais. Neste caso, é o aspecto lingüístico (simbólico), que constitui culturalmente o grupo³³.

Um fator que se mostra crucial para que os membros se entendam e compartilhem de “valores” ou gostos em comum é a faixa de idade em que se encontram. Apesar de internautas mais velhos até aparecerem como membros das comunidades, os mais assíduos, pelo que se pode observar, são adolescentes, com seus quatorze, quinze, dezesseis anos, ou então aqueles que estão chegando aos dezoito. Eles falam sobre uma série de futilidades com referências ao mundo da televisão, jogos, música, roupas, julgam o corte de cabelo do outro e, principalmente, falam sobre uma sexualidade que, em virtude da idade, parece se aflorar. É,

³³ Entrevista em 19 de junho de 2008.

em grande parte das vezes, um discurso sexualizado ³⁴, que ironiza estereótipos (a todo instante alguém é chamado de gay, *gaydacu*, puta), mas de uma forma que — salvo alguns casos pouco comuns — não tem a intenção de discriminar grupos, como cita Rafaela Lima, da *faalr tiopes como faz????*: “Quem tá no meio tiopês não tem preconceito com nada! — religião, raça, opção sexual, somos muito cabeça aberta pra tudo isso, acho que esse é o ponto mais interessante, todo mundo se sente muito à vontade”.

Apesar de a hipótese levantada pela pesquisa conceber a possibilidade de discriminações fortemente vinculadas a características estéticas e de consumo cultural existirem nas comunidades, a observação dos hábitos dos jovens entrevistados, dos analisados de modo informal e dos perfis submetidos à análise através de tabelas nos mostra que tais manifestações são muito fracas ou inexistentes. Entretanto, no que se refere à discriminação e diferenciação mais atreladas a questões explicitamente de classe social (não desvinculadas de posições de *status*), faz-se necessário destacar algumas manifestações explícitas presentes tanto no Orkut como fora dele.

Na rede de relacionamentos, é muito fácil encontrar comunidades e depoimentos de uma série de usuários que se dizem contra o uso de fotos “feias”, de imagens da “periferia”, da “favela”, reforçando outro discurso, também muitíssimo comum: “ser contra a inclusão digital” é um posicionamento assumido claramente por um grande número de internautas. Por vezes a declaração pode se dar de forma ambígua, irônica, mas não raro ela aparece de forma bastante explícita — a discriminação, aí, não é de forma alguma, velada.

Bourdieu (2006) cita a distinção engendrada pela pequena burguesia: o seu gosto pretensamente refinado, naturalizado, se oporia à “vulgaridade” das classes populares. Entretanto, esta separação entre o gosto estético referenciado socialmente e o gosto “vulgar”, “comum” das classes mais baixas foi observada fortemente — repetimos, muito além de qualquer manifestação sutil — em comunidades não-tiopenses.

Em muitas delas, o objetivo é inserir o *link* de uma “foto de pobre” e, a partir daí, gerar comentários sobre o cabelo, a parede de tijolos à vista, a “falta de noção”, o “ridículo” etc. das pessoas que não seguem padrões estéticos claramente estabelecidos: o branco, forte, de cabelo liso; a branca; a magra; os “bem vestidos”; fotos “bem tiradas”; marcas adequadas a pessoas adequadas. *Foto de pobre*, *Foto de Pobre a Missão!* e *Maldita Inclusão Digital!* são exemplos de comunidades onde o objetivo é falar mal de “favelados” e “incluídos digitais”. A diferenciação de classe é ressaltada nestes casos.

³⁴ “(...) a contemporaneidade, insiste M. Maffesoli, vai ser marcada por um imaginário dionisíaco (sensual, estético, tribal) que vai muito além das prerrogativas puramente instrumentais” (LEMOS, 2008).

Nas comunidades tiopenses as distinções são feitas quanto ao domínio que um ou outro usuário tem sobre o dialeto, o tempo de participação em uma comunidade etc. — não há diferenciações claramente baseadas em pertencimento de classe, como nos grupos citados anteriormente. Além disso, a análise dos perfis e entrevistas sugerem que os jovens provêm de famílias de mesma faixa econômica. Entre os adolescentes, o teor dos fóruns e comentários é bem menos agressivo. Os objetivos são mais lúdicos e as ofensas graves menos presentes. Colocar todo tipo de assunto nos fóruns é parte da brincadeira. Muitas vezes, trata-se de comunicação pela comunicação, sem finalidade externa³⁵.

Tomemos como exemplos algumas discussões presentes nestas comunidades. O usuário pode falar sobre o que bem lhe entende, postar *links* de imagens engraçadas, vídeos, inserir um comentário sobre assunto fortuito ou apenas uma palavra, como alguém que deixa escapar em voz alta um pensamento. Tudo sem grandes pretensões. São brincadeiras pautadas pela aleatoriedade, que optamos por chamar, aqui, de verdadeiros “jogos dadaístas”, na medida em que, partindo do nada, de informações muitas vezes desprovidas de sentido claro, engendram sociabilidade e geram interações importantes para os usuários.

O tribalismo refere-se à uma vontade de "estar-junto" ("être-ensemble"), onde o que importa é o compartilhamento de emoções em comum. Isso vai formar o que Maffesoli identifica como uma "cultura do sentimento", formada por relações tácteis, por formas coletivas de empatia. Essa cultura do sentimento não se inscreve mais em nenhuma finalidade, tendo como única preocupação, o presente vivido coletivamente. (LEMOS, 2008)

Alguns exemplos de tópicos criados na *Tiopês – A Revolução*: “Gente, vocês têm algum segredo?”, “O dia de amanhã pertence a Deus, a vida é louca (risos)”, “Terremoto em São Paulo?”³⁶. No primeiro caso, os participantes trocam, ao todo, 43 mensagens. A criadora do tópico diz que tem um segredo, afirma que é uma travesti. Em seguida outros usuários seguem a proposta, brincam de contar segredos, o conteúdo das frases gira em torno de questões sexuais, tais como “meu pai é gay” ou “sou prostituta”, mas rapidamente o assunto desvia para tipo de lanche preferido de cada um, ou então contam piadas escatológicas.

No segundo, 68 mensagens são trocadas: o criador do tópico lança sua “reflexão” sobre o dia de amanhã e alguns respondem com “Certíssimo”, “Salve, rapaziada, isso aí!”, mas logo o tópico é preenchido por uma série de frases aleatórias, voltando para expressões do tipo *pegael* ou *gaydacu pegael* — o que parece chamar atenção do criador do tópico. Ele,

³⁵ “La communication sans objet spécifique : la communication pour la communication” (“A comunicação sem um objeto específico: comunicação por comunicação”, tradução minha): MAFFESOLI apud LEMOS, 2008.

³⁶ Respectivamente: gente, voses ten algun segredo/, U DIA DI AMAMHA PERTENSI A DELS A VIAD E LOKA RS, termoto???em sao paul!.

então, afirma que o dia de amanhã é importante e que os usuários devem pensar sobre o meio ambiente. Em seguida alguém fala sobre o aquecimento global, mas no final da discussão, o que prevalece são comentários a respeito de Naruto, um desenho animado de origem japonesa.

No terceiro caso, o usuário cria o tópico para registrar o terremoto realmente ocorrido em São Paulo, no dia 22 de abril de 2008. Um dos membros o repreende, dizendo que já havia tópico a respeito na comunidade. Alguém fala que não sentira o tremor de terra, já que morava em Minas Gerais e a citação a Minas é suficiente para que todos esqueçam do terremoto e passem a falar sobre pão-de-queijo.

Em todos os casos descritos, a comunicação é marcada pelos comentários jocosos, piadinhas de cunho sexual e ironias sobre as frases de outros usuários. É comum que um membro xingue o outro de n00b ou *gaydacu*, mas logo revele se tratar de uma brincadeira, dizendo, em seguida *rsrs* ou *tô de brinks*. São trocas de mensagens cujo objetivo é basicamente o riso. Entretanto é justamente esta diversão garantida que vai permitir que o usuário retorne à comunidade e interaja cada vez mais com outros membros, gerando familiaridade, trocando afinidades.

Expressões como *nenli* [nem li] servem para ignorar usuários. Alguém pode criar um texto com a intenção de comentar um fato cotidiano, ou insere link para uma matéria de jornal. Se este membro não é familiar aos participantes mais assíduos, cria um tópico considerado bobo e/ou exagera nos erros, facilmente será submetido a uma série de julgamentos, começando pela clássica alcunha de n00b, seguida de vários *nemli*, *q*, *n*, etc. O uso de tais expressões (com teor de desprezo e deboche) é uma das formas que membros mais antigos e/ou mais assíduos encontram para delimitar seu território e dizer aos mais novos que devem se comportar de maneira comedida.

No item 5 (“Lugares-comuns e chavões”) da gramática presente na *Tiopês – A Revolução*, cuja autoria é creditada à usuária Bárbara, a “elite tiopês”, conforme eles se denominam, explica o que é um comportamento n00b:

Os n00bs gostam de criar enquetes do tipo "oi" com inúmeras respostas chavões como "-q" e "como fás", (...) porque acham que assim podem fazer parte da "elite tiopês", mais ou menos como o imbecil que faz piadinha idiota na sala de aula para enturmar-se com os malandrões. (...) Para que haja uma boa convivência entre os usuários, utilizem o tiopês com bom-senso. *Exageros não são bem-vindos.* (grifo meu)

No item 2 do “manual” da comunidade, nota-se uma hierarquia entre os grupos de usuários. Os que dominam o tiopês ocupam espaço de prestígio, diferenciando-se de adeptos do miguxês e, principalmente, dos noobs:

Migopês é a língua falada, não-propositalmente, pelos noobs-mor. Muitos deles avançam e trocam essa língua por uma variação do tiopês. Outros continuam pra sempre (...). O nome significa Miguxês + Tiopês. Exemplo: Oie coom voa vussez rrsrs tuod bls//???///// oi meninês

Quase tão ridículo quanto o miguxês, porém, para muitos, é um processo natural e passageiro; logo estes noobs serão tiopenses. Bem, nem todos.

A rivalidade entre grupos é visível, quando observamos sua recomendação a respeito do miguxês: “Miguxês é clássico: abusa de frases com reversão entre letras maiúsculas e minúsculas, abusa de X, abusa de uma escrita infantil, abusa do ridículo. *Evite essa língua, e xingue quem a usa*”³⁷ (grifo meu).

Entretanto, não é difícil encontrar manifestações hostis em relação aos próprios usuários do tiopês. Em um tópico da comunidade “Aprendendo o tiopês”³⁸, alguns usuários discutem sobre a utilidade do dialeto e o perfil dos seus adeptos. Diz um dos jovens:

CAMBAAAAAAAAAADA DE VIAADINHOS NERDS Q PASSAM 25 hras por dia no computador! (...) esse bagulho é coisa de gay, nerds, emos q tentam se parecer britânicos, gente feia q tenta se parecer emo e outras coisas mais ridículas e pronto!

Outra usuária diz:

eu naum sei falar nem muito menos quero aprender esse modo de falar ridículo. Gente; para e olha pra ve como vcs falam que coisa ridicula meu isso é coisa de gente nerd que naum tem o que fazer e fica o dia todo no computador --'...bando de nerd ⇐⇐ nerd e viado --'

Esforçar-se para conseguir participar de uma comunidade é fato recorrente. Ser ignorado torna-se motivo de ofensa e os usuários acabam tentando seguir “as regras”, pedem orientação a outros sobre como usar o tiopês corretamente e, quando são banidos das comunidades, vão reclamar com os responsáveis, os ofendem, reclamam de arbitrariedades e, muitas vezes, esforçam-se para voltar ao grupo, inclusive criando uma nova conta de usuário no site, retornando com outra identidade. O espaço em que passam várias horas do dia a

³⁷ Regra número 2 do tópico citado.

³⁸ A descrição da comunidade traz algumas instruções: “para todos os noobs que não sabem falar tiopês e necessitam aprender urgentemente.. ou pra você que simplesmente não suporta gente falando tiopês errado. / ou aprende a não escrever como um retardado ~*8**~acím~*8** [assim] ou então não faça parte. (...) / professores online 24h.

brincar torna-se, gradativamente, supervalorizado, com mecanismos de inclusão, exclusão e ostentação de poder e *status* entre os usuários. Ser aceito ou ser rejeitado são fatos levados a sério. Criam-se, aí, verdadeiras oposições entre grupos estabelecidos (os “reis” tiopenses, os tr00s, a “elite”) e os *outsiders*-n00bs.

As ofensas, como já relatado aqui, remontam à época de criação do alechat, quando, na profusão de linguagens e usuários, as diferenças resultam em internautas ignorados, apelidos e humilhações. “[os n00bs] deturpavam violentamente o alechat (...). Teve muita discussão nesse tempo entre o povo mais antigo e os ditos n00bs, até que os mais "velhos" acabaram por parar de participar ativamente da comunidade”, diz Helem Ribeiro, que ainda hoje chama os tiopenses de Lixo Nuclear.

Vários entrevistados afirmam que eram expulsos no início do “aprendizado”, por falarem com exageros, criarem tópicos de discussão no território que era dos “reis do tiopês”, da “elite”. Outros confessam que expulsam membros, mesmo sem terem um critério específico:

(...) eu mesma bano. Sou mediadora de quatro comunidades de tiopês e tenho uma. Eu era da [comunidade] Hermione Bêbada, o berço do tiopês. Quando eu e mais dois amigos mediávamos essa comunidade, tínhamos até nome: ‘bacuris’. Éramos totalitaristas mesmo. Não tem um critério que se segue à risca, a gente bane quem for chato, *noob demais*, *desconhecido demais*, *tosco demais*. E vez ou outra vem gente banida reclamar no teu *scrapbook*, te xingam, tiram *prints* das tuas falas. É só procurar algumas páginas do meu *scrapbook* e você vai achar alguém enchendo o saco. (Luciana Castro, 16 anos; grifos meus)

Eles [n00bs] geralmente são cabeçudos, aí tentam fazer a coisa funcionar até o fim, contrariando o pessoal, não escutando os conselhos... e, por fim, expulsos. (Vitor Villar, 18 anos)

Mas eu acho que faz parte do processo, no começo é normal você exagerar um pouco. Eu confesso que exagerava, mas nunca do jeito que vejo por aí. Ao poucos o exagero vai diminuindo e você passa a escrever com mais naturalidade. (Percy, 18 anos)

Eu era sempre banida, porque, eu falava tudo atrapalhado e ilegível. (Maria Paula, 14 anos)

Em relação à estigmatização, percebemos um ponto crítico na entrevista do estudante Cláudio. Ele diz que as discussões, nas comunidades, chegaram a provocar ameaças de processos judiciais, em que uma das adolescentes alegava ser vítima de *ciberbullying*. Naquela pequena comunidade inglesa, da mesma forma, Elias observou que exclusão e estigmatização eram armas utilizadas pelos estabelecidos para que se “preservasse sua

identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS, 2000: 22). Entretanto, entre os adolescentes das comunidades do Orkut, em oposição à Winston Parva de Elias, há mobilidade de grupo: o status de n00b, comparado, aqui, à condição de *outsider*, é algo transitório.

Um n00b, após sofrer chacotas, ser expulso, ficar conhecido entre os demais e, finalmente, dominar o dialeto, passa a ser um tiopense. Ou seja, a condição de *outsider* faz parte de um ritual de passagem — é preciso ser ignorado, xingado, expulso, para que, posteriormente, todas essas atitudes sejam empregadas a um outro n00b.

6. CONCLUSÃO

A partir da bibliografia levantada, das observações feitas em ambientes virtual e não-virtual, bem como da análise dos depoimentos colhidos, são relevantes algumas considerações. Em primeiro lugar, é importante lembrar daquele caráter passageiro do encontro entre as diversas “tribos” de que falam alguns autores contemporâneos, em especial nas idéias presentes na conceituação maffesoliana de tribalismo, bastante presente neste trabalho³⁹. Relembrando ainda as considerações feitas por Freire (2007): vimos que os grupos denominados tiopenses, ou que se denominam dessa forma, se aproximam da idéia de “tribo urbana” de que fala o autor, na medida em que, agregados por questões fortuitas, compartilham, em boa parte do tempo, de momentos fugidios de diversão, não tendo, inicialmente, quaisquer “projetos” ou objetivos que ultrapassem a intenção de diversão momentânea.

Tudo sugere ser uma grande moda, que, através de grafismos, expressões e assuntos próprios, muda de face, sofre pequenas mutações, perdura durante meses entre os adolescentes e, mesmo assim, não passa de mais um entre os modos de subjetivação disponíveis na rede e fora dela. Trata-se de uma entre as outras possíveis identidades a serem escolhidas. Os tiopenses poderiam ser emos, “lekes”, “mauricinhos” etc., entre as múltiplas outras identidades por aí disponíveis. Em contrapartida, observa-se que esta identidade que assumem ultrapassa o caráter fortuito e sem finalidade mais duradoura, presente, por exemplo, na idéia de socialidade trabalhada por Maffesoli (LEMOS, 2008). Aquela “socialidade” do encontro passageiro, a partir da repetição diária do encontro descompromissado, gera “sociabilidade” entre os jovens, permitindo amizades sólidas, compartilhamento de experiências que ficam além de piadas e assuntos desconexos em ambiente virtual. Geram relações mais duradouras, que contrariam as considerações pessimistas que alguns autores insistem em projetar sobre nossa realidade “efêmera”, “fragmentária”, “pós-moderna”.

Ainda assim, seria difícil encontrar, para além do compartilhamento de certos gostos e linguagem, traços que indicassem para os tiopenses, indícios de que o grupo poderia ser classificado como uma subcultura. Não há projetos ou compromissos agregados à identidade de grupo, a qual, entre vários usuários existe sim, mas que, pelo caráter muito recente, não nos permite chegar a outras especulações.

³⁹ Conceituações trabalhadas em Lemos (2008).

Vários dos internautas nem chegam a compartilhar de uma identidade comum tiopense — apenas sabem utilizar das regras do dialeto, mas não se misturam com as pequenas tribos, mais sólidas, que colecionam histórias diárias e apresentam certa coesão de grupo. Estes usuários fortuitos, mais do que aqueles que se fixam em um determinado grupo, e ali fazem amigos, sugerem participar mais fortemente daquilo que Deleuze (1998) chama de produção a partir do “entre”. Nasce aí um momento que só é possível a partir do encontro. Usuários que participam de determinada comunidade com a simples intenção de se divertir — ou mesmo de “comunicar pelo [simples] ato de comunicar” (MAFFESOLI apud LEMOS, 2008): participam de jogos dadaístas, produzem alguma comunicação junto com um outro, que na maioria das vezes desconhecem, e partem.

Uma produção a partir do “entre”, não deixa de estar, também, na comunicação dos usuários que se sentem parte de grupos mais homogêneos (como os mais assíduos das comunidades *Tiopês – A Revolução* e os mais antigos da *faalr tiopes comofas???*). É sempre uma produção coletiva, que depende do encontro, um produzir nunca solitário. Algo que observamos nas gírias e nas expressões: elas surgem espontaneamente, absolutamente desvinculadas de qualquer noção de autoria, nascem do encontro.

A comunicação que, antes de tudo, exige o humor, e que une os jovens, é antes de criativa, feliz, exige inventividade de cada membro, exige destreza e bom manejo de um dialeto, surgido da língua maior, institucionalizada. “Devemos ser bilíngües mesmo em uma única língua, devemos ter uma língua menor no interior de nossa língua”, diz Deleuze (1998). Voltando ainda, à noção de autoria, quase que completamente ausente do meio em que se comunicam os tiopenses, ela parece ser, sobretudo, atropelada pela velocidade da comunicação que engendram (rápida assim, possibilitada pelo suporte tecnológico, da Internet, do MSN, e-mails e das ferramentas da rede principal de que compartilham — scraps, tópicos, depoimentos particulares criados no Orkut). São frases, palavras, grafismos, piadas, pensamentos, músicas e hábitos compartilhados de forma viral — usando aqui um termo recorrente no *marketing* de nossos dias. Atingem milhares de pessoas em frações de segundo, espalhando-se na lógica mesma do vírus, afetando uma e outra. É a lógica dos memes, de que falam Recuero (2006; 2008b) e Anderson (2006).

Os jovens observados, cujas inspirações, costumes e perfis (sobretudo os aferidos a partir das entrevistas) sugerem participar de uma classe média, há mais tempo usuária de computadores e internet, não constroem suas identidades e discussões a partir da oposição com classes sociais mais pobres. Ao contrário de diversos internautas que circulam por outros espaços da rede, observamos, com os depoimentos colhidos e análise dos fóruns, que eles não

engendam sua comunicação, salvo algumas exceções, a partir da discriminação das classes menos favorecidas, aquelas que dificilmente participam do jogo das virtualidades ou que, ao participarem, o fazem com dificuldades.

As manifestações de hostilidade verificadas estão presentes entre internautas que compartilham de muitas características. Estão no mesmo ambiente *on-line*, circulam pela mesma plataforma de comunicação (Orkut), têm hábitos de consumo similares, mas encontram na língua (e nas vivências proporcionadas por sua modificação) o caminho para a diferenciação entre grupos. Situação homóloga àquela encontrada em Norbert Elias (2000) e sua “teoria geral das relações de poder”. Observamos, assim, grupos de jovens que se diferenciam dos demais por uma série de fatores estéticos (modos de vestir, padrões de consumo de música, televisão etc.) que, entretanto, não apresentam tanta unidade quanto à linguagem de que compartilham. O uso do dialeto ultrapassa estas questões estéticas, apesar de elas existirem.

Há regras claramente estabelecidas quanto ao uso do tiopês constantemente reforçadas (não exagerar nos erros para não ser um n00b, não querer chamar atenção repetindo frases-chavão); há outras não muito claras. Há processos de inclusão e exclusão entre os grupos (ou seja, dentro das comunidades do Orkut): os que aplicam o uso correto do tiopês e se inserem de maneira discreta entre os mais antigos têm chances maiores de se integrar aos demais. Os que aparecem afoitos, participam de todos os fóruns e, sobretudo, aplicam mal o uso da linguagem são alvo de chacotas, sua condição de novatos (n00bs) é reforçada e, dependendo da resposta (insistência na comunicação errada, reclamações entre os membros já reconhecidos como “reis”, “elite” etc), que oferecem ao serem assim chamados são banidos, expulsos dos grupos.

Comparando ainda com Elias (2000): apesar das diferenças de *status* existentes entre estabelecidos e *outsiders* (grupos que existem tanto no Orkut quanto na Winston Parva do autor alemão), no Orkut essas identidades são menos fixas, há permeabilidade entre os grupos. A própria palavra n00b, que indica aquele que é o novato, o recém chegado, indica que o internauta não é condenado a ficar de fora em caráter perene. Ela indica antes um estágio de adaptação (através de verdadeiros ritos de passagem) do que exclusão permanente. Ser alvo de chacota faz parte do processo: é necessário ser um n00b antes de ser um tr00. Ainda assim, o n00b pode ter uma outra acepção, esta menos presente: aquela do indivíduo que não vai mesmo ser aceito entre os estabelecidos, ou porque não é persistente, e desiste antes de ser finalmente aceito, ou porque é classificado como inaceitável (“serão n00bs pelo resto da vida”, como disse um membro da “elite”).

7. Referências Bibliográficas

“1 JEIOT CERTO DE FALR EARRDO”. Revista Monet, junho de 2008.

ANDERSON, Chris. *A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BELISÁRIO, Adriano et.al. Redes de relacionamento – É possível afirmar que o espaço virtual estimula e fomenta mecanismos de comunicação comunitária? In: Revista do LECC. Ano I – Nº1 – Vol.1. Janeiro/Feveiro de 2007.

BOURDIEU, A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2006.

BRUNO, Fernanda; PEDRO, Rosa. Entre Aparecer e Ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. Trabalho apresentado ano NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17781/1/R2006-1.pdf>. Acesso em 16 de março de 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e Cidadãos; conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. A cultura política: entre o mediático e o digital. In Matrizes / Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – Ano 1, n.2 (jan-jun 2008) – São Paulo: ECA/USP.

CAIAFA, Janice. Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CARVALHO, Ulisses. *Algumas considerações sobre língua e dialeto na visão de Silvio Elia* in Revista Pós-Tudo Extudo, edição 7 de fevereiro de 2004. Disponível em http://www.estacio.br/rededeletas/numero7/postudo_extudo/default.asp (acesso em 29 de maio de 2008).

CITELLI, Adilson. *Palavras, meio de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006.

DAHRENDORF, Ralf. *As Classes Sociais na Sociedade Pos-Capitalista* in As Classes e Seus Conflitos na Sociedade Industrial. Brasília: UnB, 1982.

DELEUZE, Gilles. Uma conversa, o que é, para que serve In: DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREIRE FILHO, João. Reinvenções da Resistência Juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HALL, STUART. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KLEIN, Naomi. Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LEMOS, André. A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. Anais... São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM

_____. Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>. Acesso em 14 de junho de 2008.

LOUREIRO, Inês. Arte e Beleza: Diferentes Formulações Foucaultianas sobre a Estética da Existência. Texto disponível em http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista_psicologia_acervo.htm

PEDRO, R.M.L.R.; BRUNO, F.G.. Entre ser e aparecer: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

PONTES, Thiago Panica. Crítica, simplificação e legitimidade: uma contribuição às sociologias de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, 2007.

PRIMO, Alex. Não, a comunicação não é viral. Disponível em <http://alexprimo.com/2007/11/19/nao-a-comunicacao-nao-e-viral/>. Acesso em 14 de junho de 2008.

“Que inglês, nada!”. Revista Época, 17 de janeiro de 2008.

QUIROZ, Tereza. Jovens e socialização: entre o aprendizado e o entretenimento. In Matrizes / Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – Ano 1, n.2 (jan-jun 2008) – São Paulo: ECA/USP.

RECUERO, Raquel C. Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social. In: VIII ALAIC, 2006, Sao Leopoldo. Gt de Internet Comunicación e Sociabilidad, 2006. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/alaic2006.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2008.

_____. Estudos de Redes Sociais na Internet. Disponível em http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/estudos_de_redes_sociais_na_internet.html. (28 de maio de 2008) Acesso em 02 de junho de 2008.

_____. Memes, Motivações, Blogs e Redes Sociais. Disponível em http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/memes_motivacoes_blogs_e_redes_sociais.html. (18 de maio de 2008) Acesso em 02 de junho de 2008.

_____. Recuperando a História do Orkut no Brasil. Disponível em http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/recuperando_a_historia_do_orkut_no_brasil.html. (11 de maio de 2008) Acesso em 02 de junho de 2008.

RIBEIRO, J.C.S. Considerações sobre o processo de gerenciamento de aparências e de informações no ambiente da plataforma interacional on-line dos web-chats. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom]

RÜTIGER, Francisco. Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs). Comunicação e cultura das minorias, p. 11-14. São Paulo: Paulus, 2005.

VELHO, Gilberto. A utopia urbana – um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1989.

Sites

<http://alo-vose.blogspot.com/>
<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>
<http://icanhascheezburger.com/>
<http://blog.orkut.com/>
<http://pontomidia.com.br/raquel/>
<http://quiuquiu.blogspot.com>
<http://rehabee.blogspot.com/>
<http://www.tiopestranlator.cjb.net/>
www.orkut.com
www.urbandictionary.com

Comunidades do Orkut

- Alo gats

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=41951150>,
consulta em 11 de junho de 2008

Ale me mando scratch

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10781409>,
consulta em 09 de junho de 2008

Alechats Anônimos – AA

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10614071>

alechat is over

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=24111429>

Aprendendo o tiopês

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=39456294>

Bjus, sucesso

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=41814409>,
acesso em 11 de junho de 2008.

BRINKS

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=17421545>

Foto de pobre

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=8104332>

Foto de Pobre a Missão!

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=248411>

JEMT Q IÇOL

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=47345925>

Maldita Inclusão Digital!

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=19662078>

Tiopês – A Revolução

<http://www.orkut.com/commmmsgs.aspx?cmm=11406856&tid=2539692562467625208>

Anexo I – Entrevistas

Entrevista 1

Cláudio, 17 anos, estudante (Araçatuba – SP). Os pais têm domínio de informática. O pai é juiz e a mãe dona-de-casa. Utiliza o Orkut há 3 anos. Além do Orkut, utiliza o Myspace e MSN.

Você também considera o tiopês uma revolução, assim como diz a comunidade? Por quê?

Considero revolução, pois, é uma linguagem derivada do chamado “internetês” que é a linguagem de Internet, muito vista em salas de bate-papo, sites de relacionamentos e etc. O tiopês fruto do internetês, logo considero uma “evolução” da linguagem da Internet. Embora não seja muito popular, a linguagem vem ganhando seu espaço.

As pessoas falam sobre diversas linguagens existentes no Orkut. Você consegue estabelecer uma diferença entre o que seria o alechat, o tiopês, o mistês ou o neotiopês?

Existem várias teorias que explicam o surgimento do tiopês. A mais aceita, é a que o tiopês surgiu a partir do Alechat. O Ale era um homem que escrevia algumas coisas erradas. Trocava letras, não acentuava, não usava vírgulas ou pontos. Ele ficou um tanto famoso por isso e o pessoal começou a ir a seu scrapbook para tirar sarro do modo como ele escrevia. E todos achavam engraçado poder ir ali e escrever errado. Disso surgiu o Alechat. Porém algumas pessoas começaram a mudar isso, usando: ***88**, !!111!!, tō dē brīnzkz, etc. A partir dessas mudanças, foi criado o Tiopês. Até que surgiu Misto Eleazar que misturou o Tiopês e o Alechat que ficou conhecido como Mistês. Só que o pessoal em vez de chamar de Mistês, continuou chamando de Tiopês. Só que estavam exagerando demais nos erros e houve uma reforma no tiopês que é conhecido como o neotiopês, que é uma maneira menos exagerada de escrever, pois ocorreu uma diminuição do uso dos tremas, acentos, números, etc. Viram que frases como essa: “el 3etnhō sretēça kue vos*e ‘e **8*n00b**8*” poderiam simplesmente ser trocada por: “eu temho sertesa qe vose e n00b”. Essa é a troca do tiopês arcaico (exagerado) pelo neotioipes.

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? Você já viu algum caso interessante ou discussão mais séria por causa de alguém ser chamado de n00b?

As pessoas costumam levar a sério o fato de ter sido chamada de n00b. Já aconteceram inúmeras discussões sobre isso, inclusive ameaças de processar as pessoas por “cyberbullying”.

A respeito do caso sobre cyberbullyng, você lembra com quem aconteceu ou pelo menos em qual comunidade?

Infelizmente não me recordo com quem aconteceu! Se não me engano, foi na comunidade "Hermione bêbada". Mais existem muitos n00bs que ficaram famosos por serem n00bs. É o caso da kumka [hermione bêbada] e da paulinha [faalr tiopes como fas???

É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

É muito comum um n00b procurar saber do que se trata o tiopês, saber como se escreve, para se integrar ao grupo dos falantes. Já existe a escola para n00bs.

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Já fui moderador da escola para n00bs, a “Faalr tiopes como fas???” . Já vi muitos casos dos próprios n00bs invadirem a comunidade para ofender os membros. Em casos como esses, os n00bs eram imediatamente banidos da comunidade.

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você ouviu as pessoas falarem estas expressões?

É muito difícil ouvir pessoas “falando” em tiopês, embora as expressões como ficadica, nem li, shorei litros, podem ser ouvidas fora do ambiente virtual. Mais são em casos raros.

As pessoas com quem você se comunica em tiopês na internet, são amigos? Estas amizades surgiram na rede? Surgiram por causa do tiopês?

Sim, fiz muitos amigos na internet por intermédio do tiopês. Inclusive, conheci o Augusto Ribeiro, dono da comunidade “Tiopês a revolução” que mora na mesma cidade que a minha e só o conheci por causa da comunidade.

Se fez alguma amizade: é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Já respondida na questão anterior.

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

Sim, meus pais acham que o tiopês pode me prejudicar para escrever uma redação, fazer provas, etc.

Entrevista 2

Luciana de Castro, 16 anos. “Estudante apenas (graças a Deus)”. Apucarana – PR. Os pais não têm domínio de informática. “Meus pais, principalmente minha mãe, nem dão valor à internet, não sabem nem o que eu faço aqui haha”. A mãe é gerente de uma ótica e o pai trabalha em uma companhia ferroviária. Utiliza o Orkut há dois anos (“com a mesma conta”, faz questão de dizer). Além do Orkut utiliza blogspot, livejournal, Last.fm e MSN. “Acabo de deletar meu último fotolog, e não tenho Myspace faz bastante tempo”.

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

Levam sim, porque quem realmente se apaixona pelo tiopês, quer se mostrar veterano, sabe. Porque assim como em todos os grupos, os mais antigos são mais respeitados, e no tiopês não é diferente. Aliás, posso dizer que o tiopês é bem na base da ditadura mesmo hahaha A tolerância com os noobs é zero, na maioria dos casos. Somente noobs gostam de noobs, entende?

Muitos noobs tentam se adaptar sim, mas eu acho ridículo. Assim como contar piadas, fazer cálculos financeiros e análises sintáticas, o tiopês é só pra quem tem o dom, por assim dizer. É tão patético ver fulano perdendo momentos de sua pacata vida pra tentar aprender a falar errado. E acredite, a maioria não consegue.

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Claro, eu mesmo bano. Sou mediadora de 4 comunidades de tiopês e tenho uma. Eu era da Hermione Bêbada, o berço do tiopês. Quando eu e mais dois amigos mediávamos essa comunidade, tínhamos até nome: ‘bacuris’. Éramos totalitaristas mesmo. Não tem um critério que se segue a risca, a gente bane quem for chato, noob demais, desconhecido demais, toco demais. E vez ou outra vem gente banida reclamar no teu scrapbook, te xingam, tiram prints das tuas falas. É só procurar algumas páginas do meu scrapbook e você vai achar alguém enchendo o saco.

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você ouve as pessoas falarem estas expressões?

Assim, essas expressões não são mais usadas, né. Mas eu falo várias coisas do tiopês na ‘vida real’ sim. Tenho uma amiga que tem contato com tiopês, e com ela falo coisas tipo ‘to rindo’ (é... você avisa quando está rindo), ‘afffs’, ‘ora porra’, ‘toloka’, ‘naocurto’, e o que vier na hora.

Você acha que alguns usuários usam o tiopês com o intuito claro de zombar de pessoas de classes mais populares, que não sabem empregar o uso correto da língua, principalmente quando o assunto é comunicação no computador?

Sim, com certeza absoluta. Essa é a essência do tiopês, mas não com essa crueldade toda que você imagina. O Brasil é um país com muitos analfabetos – sim, porque pra mim quem escreve ‘concerteza’ não é alfabetizado – e todos os dias convivemos com isso. É hipocrisia dizer que ninguém ri de erros ortográficos absurdos, de orkut de pirralho, orkut de gente extremamente sem noção nenhuma do ridículo. A gente só faz aquilo que todo mundo gostaria de fazer – tirar sarro e rir.

Há pessoas que afirmam que tiopês é uma linguagem utilizada pelos indies. Você concorda?

Em partes. Se você analisar o perfil de quem fala tiopês de elite, a maioria esmagadora é indie, from uk, new rave e cia ltda. Não curto muito esse negócio de dizer 'sou indie, sou scene kid', mas é fácil perceber que o tiopês fundou uma sociedade alternativa na internet. Em resumo, nos definiria assim, uma sociedade (virtual) alternativa.

Já fez alguma amizade por causa do tiopês? Se sim, é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Nossa, muitas. Converso com pessoas maravilhosas que eu desejo encontrar em breve. Mas não convivo com elas fora da internet. Não ainda. Tenho um amigo que mora bem perto e com ele a amizade é mais viva, sabe. Nos falamos pelo celular, conhecemos os mesmos lugares. Só falta é coragem pra se encontrar hahaha

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

Já. Muitas pessoas chamam o tiopês de língua de viado, acredita? Homofóbicos que são, nos xingam. E também há aqueles que nos chamam de burros, de emos, de inseqüentes que irão destruir o português. Me lembro de um fake muito boçal me xingando no orkut, chamando de emo não-sei-o-quê. Eu apenas rio.

E ah, você não me pediu, mas eu quero fazer considerações, ok? Pra saber falar tiopês, aprenda a falar português primeiro. Nada de misturar com miguxês, nada de usar tradutor. E nunca chegue querendo causar numa comunidade. É só.

BJINHOS MEUAMO TO FAMOSAKKKKKKK

mentira nem to
bye rs

Entrevista 3

Maria Paula, 14 anos, estudante (Brasópolis – MG). Não responde à questão sobre profissão dos pais e se ambos têm domínio de informática. Utiliza o Orkut há cerca de 4 anos. Na época, utilizava apenas o apelido “mp” para se identificar na rede. “Não uso o nome, porque, gosto mais do meu apelido no meu profile”. Além do Orkut, utiliza também MSN.

Você também considera o tiopês uma revolução, assim como diz a comunidade? Por quê?

Na minha opinião, seria uma revolução na linguagem da Internet. Porque ninguém leva nada a sério na Internet, escrevem de qualquer jeito, essas coisas. Mas, não me imagino escrevendo assim na escola.

As pessoas falam sobre diversas linguagens existentes no Orkut. Você consegue estabelecer uma diferença entre o que seria o alechat, o tiopês, o mistês ou o neotiopês?

O ‘Alechat’ são pequenos erros (frases faltando pontuação, acentos, etc.). O Tiopês são erros maiores (frases faltando pontuação, acentos, excessos de letra e/ou ausência delas, trocar n por m ou vice-versa, etc.). O mistês e o neotiopês, pra falar a verdade eu não sei.

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? Você já viu algum caso interessante ou discussão mais séria por causa de alguém ser chamado de n00b?

Alguns levam sim. Já li algumas discussões sobre n00bs, e não achei nenhuma muito interessante, já que a maioria é “devo ou não bani-lo?”.

É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

A maioria dos n00bs um dia deixam de ser n00bs (ou não).

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Isso acontece sempre. Eu era sempre banida, porque, eu falava tudo atrapalhado e ilegível.

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras? Fora do ambiente virtual, você vê pessoas falarem estas expressões? Você as utiliza?

As vezes as pessoas utilizam o ‘nem li’ sem conhecer a ‘língua’ (Tiopês), não é bem do jeito que falamos na comunidade, mas continua sendo nem li. As vezes eu uso fora da Internet sim, principalmente o ‘fica a dica’.

As pessoas com quem você se comunica em tiopês na internet, são amigos? Estas amizades surgiram na rede? Surgiram por causa do tiopês? Se fez alguma amizade: é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Eu os considero meus amigos sim, já que passamos a maior parte do tempo juntos. Surgiram na rede, e por causa do Tiopês (já que nos conhecemos na comunidade). Acho que só se ‘limita’ ao ambiente virtual porque cada um mora num canto.

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

As vezes o pessoal leva a sério e acha que eu realmente escrevo tiopês em todos lugares. Mas, implicar mesmo, não.

Entrevista 4

Pedro Basílio, 17 anos. Itabuna – BA. Cursa o 2º ano do Ensino Médio estagia em uma gráfica. Por engano, um questionário que era endereçado a um usuário *fake* acaba sendo enviado para o Pedro. Sem que houvesse intenção, ele acaba revelando que tem perfis falsos, além do pessoal: “Eu tenho alguns, mas apenas para moderar outras comunidades e só entro pra verificá-las”. Os pais não têm domínio de informática. O pai é microempresário e a mãe enfermeira. Utiliza o Orkut há cerca de três anos. Além do site, utiliza MSN e participa de fóruns sobre jogos on-line.

Você também considera o tiopês uma revolução, assim como diz a comunidade? Por quê?

Eu não diria uma revolução é só mais um jeito que nós (adolescentes) achamos para nos divertir.

As pessoas falam sobre diversas linguagens existentes no Orkut. Você consegue estabelecer uma diferença entre o que seria o alechat, o tiopês, o mistês ou o neotiopês?

Não sei praticamente nada sobre alechat, sei apenas o que li em alguns comentários no Orkut. Eu conheço apenas o tiopês. E não faço a mínima idéia do que seja mistês.

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? Você já viu algum caso interessante ou discussão mais séria por causa de alguém ser chamado de n00b?

Em geral a gente leva na brincadeira, mas já vi algumas discussões que renderam vários posts e pelo menos 15 participantes por causa disso.

É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

Eu não sei... no meu caso eu simplesmente deixei as coisas irem, não fiquei pesquisando formas para falar tiopês corretamente.

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Sim, a alguns meses atrás na comunidade “faalr tiopês como faz???” eles baniam pessoas que não sabiam o tiopês, eu fui banido dela também e vi varias pessoas que foram banidas sem motivo especificado. O engraçado é que aquela comunidade serviria para ensinar pessoas que não sabiam e queriam aprender o tiopes.

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você ouve as pessoas falarem estas expressões?

Sim, em geral alguns de meus amigos ou pessoas que também são ligadas a internet. Mas usam mais expressões presentes em jogos como: aff, lol, omg, noob.

Você acha que alguns usuários usam o tiopês com o intuito claro de zombar de pessoas de classes mais populares, que não sabem empregar o uso correto da língua, principalmente quando o assunto é comunicação no computador? Já viu alguém zombar claramente dos recém "incluídos digitais"?

Não na comunidade, mas já vi em outras.

As pessoas com quem você se comunica em tiopês na internet, são amigos? Estas amizades surgiram na rede? Surgiram por causa do tiopês?

Sim fiz algumas amizades, as amizades surgiram por causa do tiopes.

Se fez alguma amizade: é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Conheço apenas pela rede nunca os vi pessoalmente.

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

Sim, geralmente é no MSN e vários amigos já implicaram, alguns não entendem outros pedem pra falar direito... Mas eles estão se acostumando e alguns nem ligam mais.

Entrevista 5

Percy (“nem é [meu nome], mas prefiro assim”), 18, estudante. Recife-PE. “Eu criei o fake para poder postar nas comunidades com certa “privacidade”. Antes era um perfil sem nome, até que eu lembrei do simpático cachorrinho do filme Pocahontas e resolvi incorporar o personagem. Eu tinha o meu perfil verdadeiro, mas resolvi apagar e estou pensando em voltar com ele. Eu usava o nome verdadeiro”. Os pais têm domínio de informática, a mãe é advogada e o pai é médico. Utiliza o Orkut desde “a época em que era preciso ser convidado para fazer parte, não lembro bem o ano/data”. Já teve Fotolog e agora usa, além do Orkut, MSN.

Você também considera o tiopês uma revolução, assim como diz a comunidade? Por quê?

Com certeza! É, como muita gente já disse, o jeito certo de escrever errado. Muitas coisas que aparecem na internet acabam virando moda, o tiopês foi uma delas. Muita gente fala ou pelo menos conhece o tiopês. Existem milhares de comunidades relacionadas ao tiopês e o mais divertido é que se pode tratar de todos os assuntos de uma forma informal e engraçada usando esse novo idioma.

As pessoas falam sobre diversas linguagens existentes no Orkut. Você consegue estabelecer uma diferença entre o que seria o alechat, o tiopês, o mistês ou o neotiopês?

Não sei bem, mas pelo que conheço o tiopês já mudou bastante. No início devia ser uma coisa mais “comportada”. Um erro aqui e outro ali, mas novos “erros” foram incorporados e com eles essas classificações. Mas exagerar nos erros nunca é bom!

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? Você já viu algum caso interessante ou discussão mais séria por causa de alguém ser chamado de n00b?

Sim, eu já fui expulso por ser considerado n00b de outra comunidade. Até lá na “Tiopês – A Revolução” tem alguns que me chamam de n00b o tempo todo. Eu tento levar na brincadeira porque sei que é implicância. Quem escreve usando tremas em todas as letras, invertendo várias sílabas das palavras e tornando o texto incompreensível geralmente é tachado de n00b. Mas eu acho que faz parte do processo, no começo é normal você exagerar um pouco. Eu confesso que exagerava, mas nunca do jeito que vejo por aí. Ao poucos o exagero vai diminuindo e você passa a escrever com mais naturalidade. Como eu já disse anteriormente, o exagero, o escrever errado de forma forçada não é bom. O engraçado é quando o tiopês se aproxima da linguagem falada e da escrita de certas pessoas que conhecem ou simplesmente ignoram o uso correto da língua portuguesa. Eu conheço pessoas da faculdade que no perfil do orkut cometem erros de ortografia elementares! É incrível. O tiopês usa desses erros para ser engraçado.

É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

O termo n00b sempre é usado de forma pejorativa. O n00b é o novato, o inexperiente. Existem tópicos para regras porque tem gente que se acha o “rei” do tiopês e que escreve melhor (no caso do tiopês, pior hehehe) que os outros. Pra mim, não existe o “rei” do tiopês, até porque é uma coisa que muda muito e sofre várias influências. E o que o tiopês faz é justamente ignorar e transgredir as regras!!!

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

No meu caso foi assim: eu abri um tópico e a comunidade era justamente a dos “reis” do tiopês. Simplesmente me baniram. Legal, né? Achei ridículo, até porque o título da comunidade sugere que lá é onde se aprende o tiopês. Banir quem está começando é contraditório. Na “Tiopês – A Revolução”, muitos tópicos de n00b são deletados. Banimentos eu acho que são raros. É a melhor comunidade “tiopense”, sem dúvida!

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você ouve as pessoas falarem estas expressões?

Fora do ambiente virtual eu já devo ter falado só pelo costume de escrever na comunidade, mas nunca escutei outras pessoas falarem.

As pessoas com quem você se comunica em tiopês na internet, são amigos? Estas amizades surgiram na rede? Surgiram por causa do tiopês?

Sim. Como fake, meus amigos são basicamente as pessoas da comunidade.

Se fez alguma amizade: é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

As amizades do Percy são só na rede. Na vida real, eu já conheci amigos virtuais.

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

Eu já usei o tiopês em outras comunidades e tem fake que não gosta, mas nada muito sério.

Você acha que alguns usuários usam o tiopês com o intuito claro de zombar de pessoas de classes mais populares, que não sabem empregar o uso correto da língua, principalmente quando o assunto é comunicação no computador? Já viu alguém zombar claramente dos recém "incluídos digitais"?

Olha, eu acho que o objetivo principal do tiopês não é zombar dessas pessoas. Os erros que elas cometem serviram de pretexto para o tiopês, mas eu, e creio que grande parte do pessoal lá da comunidade, usa mais para se divertir mesmo.

Entrevista 6

Rafaela Lima, 18 anos, faz pré-vestibular e trabalha em uma fábrica. Belo Horizonte – MG. Os pais têm domínio de informática, são donos de comércio. Utiliza o Orkut há três anos. Além do site, utiliza MSN.

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

Demais. Dentro do tiopês n00b é toda aquela pessoa que não tem um tiopês 'limpo', ou tem um tiopês sem graça.

exemplo de dois 'tr00s' [quem não é n00b] numa cvs na comunidade :

"tr00 1: eu era n00b oge impero nesa budegã
tr00 2: tu impera a bunda da tua mae filho da put"

ex de n00b:
"n00b: pega el

*8888888888****min joga*****8888888888

*888888888888**cai n xao*888

puat!

-rs"

hoje o tiopês já não é tão cheio de palavras erradas em uma frase só, tem um certo limite, que não é imposto, cada um sabe o seu.

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Já! Várias vezes. Eu confesso banir n00bs da comunidade que medio. Aparece MUITOS n00bs lá querendo causar, e atrapalhar a comunidade, daí nós banimos.

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você ouve as pessoas falarem estas expressões?

Muitas vezes, eu já falo sem pensar expressões como, 'brinks' 'morri' 'q'

Você acha que alguns usuários usam o tiopês com o intuito claro de zombar de pessoas de classes mais populares, que não sabem empregar o uso correto da língua, principalmente quando o assunto é comunicação no computador?

Eu creio que não, no início eu digo que era um pouco por isso, pois tiopês nasceu basicamente por conta do Alechat, que foi criado pois um usuário chamado Ale escrevia muito errado! Mas hoje não, no meu caso que estou em uma das melhores comunidades de tiopês, posso afirmar que é um grupo de amigos muito grande, e todos com um ótimo tiopês, e usamos ele por diversão, prazer. As pessoas frequentes do tiopês, que participam e são bons, ao contrário do que muitos dizem ser gente 'retardada que escreve errado' são pessoas com um português

digníssimo, o meio tiopês em que convivo, além disso, são quase 100% fluente no inglês, e com um senso de humor muito elevado. Outro ponto importante, é o preconceito, quem tá no meio tiopês não tem preconceito com nada! religião, raça, opção sexual, somos muito cabeça aberta pra tudo isso, acho que esse é o ponto mais interessante, todo mundo se sente muito a vontade.

Há pessoas que afirmam que tiopês é uma linguagem utilizada pelos indies. Você concorda?

não concordo em parte, indie, como classificar isso? indie seria quem escuta música independente? o que pode se perceber no tiopês é um grupo de pessoas voltado prum meio alternativo, se é que posso dizer assim. mas lá dentro tem gente que escuta desde MPB a Metal. o que não é comum ver são pessoas do meio do pagode, axé, sertanejo, etc. preconceito quanto a essas pessoas não há, rola bastante momentos em que a gente até 'canta' todas essas músicas na comunidade. rs

Já fez alguma amizade por causa do tiopês? Se sim, é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Fiz MUITOS amigos no tiopês, há vários que eu amo de verdade, e faria tudo pra encontrar, mas tem o problema da distância, 2 deles moram aqui em BH e encontrarei em breve!

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

acho que implicar não, ao contrário, já me apareceram várias pessoas pedindo pra mim ensinar, pois na comunidade que participo, quando ainda funcionava uma 'escola' eu tinha função de ensinar aos n00bs. acho que o maximo que já implicaram é de falarem assim: 'ai Rafa, para de falar brinks! toda hora, credo!'

rsrs

Tiopês é muito mais que responder algumas perguntas, é meio louco mas não sei ficar longe do tiopês, longe do pessoal do tiopês, me sinto muito livre, muito a vontade, somos muito unidos, todos conhecem bastante um do outro, e não se resume a uma comunidade, fazemos chats no msn, temos emoticons só nossos [muito comédias por sinal poakspok], frases só nossas, é meio complicado entender, mas pra mim que já estou a mais de um ano nessa, hoje eu digo que parece que o tiopês estabilizou pra mim, são aquelas pessoas, é aquele mundinho. Não precisa mudar.

Entrevista 7

Vitor Villar, 18 anos, estudante. Volta Redonda - Rio de Janeiro. Os pais têm pouco domínio de informática. O pai é engenheiro e a mãe artista plástica. Utiliza o Orkut há cerca de dois anos. Além do site, utiliza MSN.

Você também considera o tiopês uma revolução, assim como diz a comunidade? Por quê?

Considero sim, aos poucos a comunidade foi crescendo e hoje já temos mais de 6.000 membros. É um jeito totalmente novo e engraçado de conversar na internet que junta o sarcasmo, humor, enfim, tudo de bom numa conversa que se pode ter no MSN e na vida real.

As pessoas falam sobre diversas linguagens existentes no Orkut. Você consegue estabelecer uma diferença entre o que seria o alechat, o tiopês, o mistês ou o neotiopês?

O Alechat foi o começo das “línguas” da internet, algum analfabeto escrevia as coisas erradas mesmo e pegou a moda. O tiopês é a forma evoluída do Alechat, que é muito cheio de erros, o tiopês é mais remodelado dá pra se entender o que é escrito. Mistês nunca ouvi falar? Já o neotiopês é horrível, essa linguagem é muito exagerada, é necessário paciência pra ficar traduzindo as palavras, etc.

Sobre a figura do noob: as pessoas costumam levar a sério? Você já viu algum caso interessante ou discussão mais séria por causa de alguém ser chamado de noob?

Particularmente uso noob diariamente. Se alguém fez besteira é noob, coisas do tipo, nada sério. Mas tem sempre gente que não leva desaforo pra casa, e começa a falar besteiras na comunidade dizendo que é coisa de mongol falar tiopês enfim, coisa de noob(risos).

É comum alguém se esforçar para deixar de ser noob?

(Risos). Todos somos noobs. O “criador” do tiopês era noob por falar daquele jeito. Todo mundo começa falando muita besteira, exagerando nos erros, mas conforme vai conversando mais com a galera, ele deixa de ser noob (falo por experiência própria).

Já viu alguém considerado noob ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Já vi vários noobs. Eles geralmente são cabeçudos, aí tentam fazer a coisa funcionar até o fim, contrariando o pessoal, não escutando os conselhos... e, por fim, expulso.

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você vê pessoas falarem estas expressões?

(Muitos risos). Eu falo! É muito legal sabe, contagia mesmo as pessoas esse jeito de falar, tiopês fora da internet é quase um conjunto de gírias.

As pessoas com quem você se comunica em tiopês na internet, são amigos? Estas amizades surgiram na rede? Surgiram por causa do tiopês?

Incrível que numa comunidade tão sem noção, o pessoal é bem receptivo e amigo. O tiopês tem uma galera que ta sempre online lá pra bater um papo e daí surge mesmo amizade, clima (pode apostar), tiopês nos ajuda e muito.

Se fez alguma amizade: é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Pelo que eu conheço da nossa galera, a gente se telefona e tudo, fazemos o máximo pra ter uma relação além do ambiente virtual.

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

Muitas pessoas. Eu pensava que a reação delas seriam bem menos agressiva, mas eram sempre comentários do tipo: “Cara, traduz isso por favor!”, “Vou te bloquear se você continuar a falar desse jeito”, “Seu criança, cresce!”. (Risos), já enfrentei vários tipos de reações, mas em compensação já consegui aderir várias pessoas ao tiopês.

Entrevista 8

Alex, 21, Professor de informática. Itaporanga – SP. Os pais não têm domínio de informática. O pai é motorista e a mãe dona-de-casa. Utiliza o Orkut há cerca de quatro anos. Já teve Fotolog e usa MSN.

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

Pra falar a verdade a Palavra NOOB, surgiu nos jogos de RpG's Online, e eram aplicados sempre para iniciantes ruins, em tiopês é aplicado para quem quer ser o doutrinado em tiopês, e não sabe exatamente nada. É o mesmo que ser um iniciante sem graça e sal.

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Eu, mas eu sempre voltava porquê usava a acc de um amigo pra me desbloquear, e foi divertido, porquê eles me odiavam, mas hoje me amam (Pelo menos eu acho).

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorrei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você ouviu as pessoas falarem estas expressões?

É fikdik ou fikpik e dificilmente fora das comu's eu uso, só usa fora quem quer mesmo, ou quem já escreve errado e disfarça com o tiopês, pois é pois é.

Você acha que alguns usuários usam o tiopês com o intuito claro de zombar de pessoas de classes mais populares, que não sabem empregar o uso correto da língua, principalmente quando o assunto é comunicação no computador? Já viu alguém zombar claramente dos recém "incluídos digitais"?

Simmmmm, adoro também, Já ouviu falar em Hermione? Brintey? elas são burras, e nós adoramos ver elas se fudendo, mesmo amando elas. Elas são pops. Essa pergunta eu acho que se aplica a mesma com a dos n00bs.

Há pessoas que afirmam que tiopês é uma linguagem utilizada pelos indies. Você concorda?

Indies? Nãããã, eles são muito cultos pra isso, tiopês é coisa de Gaydacu, lambuceta ou beee.

Já fez alguma amizade por causa do tiopês? Se sim, é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Sim, geral me ama mas ninguém me dá. Nunca vi eles, eles moram longe, ao não ser o Uiu e o Edu que quase dava pra ver eles, morava perto deles.

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

Sim, eles próprios, eles acham que eu falo só tonteira, affs já cabo?

Entrevista 9

Augusto Ribeiro, 16 anos, Estudante. Araçatuba – SP. Os pais tem algum domínio de informática, são empresários. Utiliza o Orkut há cerca de dois anos. Além do site, utiliza MSN.

Foi você mesmo quem criou a comunidade Tiopês – A Revolução? Por que considera uma “revolução”?

Sim, Seria um tipo de “revolução” do humor na internet, como antes não tinha muita coisa engraçada que se praticava na internet.

Sobre a figura do n00b: as pessoas costuma levar a sério? Parece que a história de alguns serem chamados de “lixo nuclear” tem relação com isso, não? Você já viu algum caso interessante ou discussão mais séria por causa de alguém ser chamado de n00b?

Não muito, Mais às vezes sim, Ficam um pouco irritados com o jeito de outros novatos digitarem. “Lixo nuclear” seria uma forma de zoar os fundadores do Tiopês, que começaram imitando o Mistês. Nada que “ultrapasse” os limites, tem gente que se irrita sendo zoad e fala: “Você se acha o master em tiopês, mais não sabe merda nenhuma.” Mais nada muito sério.

É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

Sim, tem muita gente que corre atrás, pede ajudar, conselhos e dicas.

N00bs são banidos da comunidade? Se sim, por quais motivos?

Não na minha comunidade, Mais nas minhas comunidades relacionadas isso já se tornou normal. Pela mesma questão de ficarem irritados por não entenderem o que os “n00bs” tentam dizer.

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras? Fora do ambiente virtual, você vê pessoas falarem estas expressões? Você as utiliza?

Sim, mais com pouca frequência. Às vezes uso para brincar com alguns amigos.

As pessoas com quem você se comunica em tiopês na internet, são amigos? Estas amizades surgiram na rede? Surgiram por causa do tiopês? Se fez alguma amizade: é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Sim, a maioria sim, na minha comunidade mesmo tenho muitos amigos que surgiram pelo tiopês, Às vezes sim pois na comunidade tem pessoas de diversos lugar do Brasil, Assim fica um pouco difícil conhecer a maioria pessoalmente, Porém tenho amigos que utilizam o tiopês e moram na mesma cidade que a minha e conheço-os pessoalmente.

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

De vez em quando acontece de me mandarem recados dizendo: “Pare de escrever como retardado!” Mais eu nem ligo pra esse tipo de coisa.

Vocês têm alguma denominação para aquele tipo de comunicação com extremo exagero? Refiro-me àquela escrita cheia de asteriscos, barras, etc (algo do tipo ***88888 shoreilitr~us** !!!!!11111111)**

Algumas pessoas chamam isso de Neo-tiopês, E quem usa esse modo que é freqüentemente chamado de “n00b”.Mas quando a pessoa quer aprender outro jeito, a comunidade tem dicas e moderadores que sempre estão a disposição de ensinar e ajudar.

Bem se houver alguma dúvida, estarei a disposição para tentar ajudá-lo!

ABRASOS AMICAO BEIGOS!1

Augusto Ribeiro

Entrevista pelo orkut, em 31 de maio de 2008:

1 - Tudo começou no mistês, eu acho que foi em meados de 2004 por ai... foram 3 caras que usavam essa linguagem em seus blogs (que era bem fechado, poucos tinha o acesso), ai então surgiu o orkut que acabou espalhando o mistês para muitas pessoas, que acabavam "imitando", isso deixava os criadores muito nervosos,Que chamavam essas pessoas de "lixo nuclear", Depois disso um grupo (que no momento eu não conhecia) resolveu criar esse nome de tiopês, que era livre, você escrevia como bem quissese e ninguem tem apedrajava, o momento que eles decidiram criar o termo? hmm, deve ter sido quando eles não aguentavam mais ser humilhados, e resolveram criar esse novo estilo.

Anexo III – Questionário utilizado para entrevistas

Qual seu nome, idade e ocupação?

Mora em que cidade e estado?

Seus pais têm algum domínio de computadores e internet? Qual a profissão deles?

Desde quando utiliza o Orkut?

Que outras ferramentas de comunicação e sites de relacionamento você utiliza (msn, Fotolog, Flickr etc.)?

Você também considera o tiopês uma revolução, assim como diz a comunidade? Por quê?

Você postou na comunidade uma espécie de gramática, elaborada com outros membros, sobre como escrever em tiopês. As regras funcionam ou, apesar delas, as pessoas acabam exagerando?

Sobre a figura do n00b: as pessoas costumam levar a sério? Você já viu algum caso interessante ou discussão mais séria por causa de alguém ser chamado de n00b?

É comum alguém se esforçar para deixar de ser n00b?

Já viu alguém considerado n00b ser banido de alguma comunidade? Como foi?

Você e outras pessoas com quem se comunica fazem uso de expressões como ficadica, nem li, q, n, shorei litros, entre outras, fora do ambiente virtual? Você ouve as pessoas falarem estas expressões?

Você acha que alguns usuários usam o tiopês com o intuito claro de zombar de pessoas de classes mais populares, que não sabem empregar o uso correto da língua, principalmente quando o assunto é comunicação no computador? Já viu alguém zombar claramente dos recém "incluídos digitais"?

Há pessoas que afirmam que tiopês é uma linguagem utilizada pelos indies. Você concorda?

As pessoas com quem você se comunica em tiopês na internet, são amigos? Estas amizades surgiram na rede? Surgiram por causa do tiopês?

Se fez alguma amizade: é algo que se limita ao ambiente virtual ou tem alguma amizade que é vivida também fora da rede?

Alguém já implicou com você pelo fato de usar o tiopês? Se sim, como foi?

Anexo IV – Tabela-padrão

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome					
Perfil Social					
Visão política					
Livros					
Música					
Filmes					
Perfil Profissional					
Quantidade de fotos					
Conteúdo das fotos					
Quantidade de comunidades					
Conteúdo das comunidades		Nenhuma das 80 comunidades faz referência ao tiopês.			
			Quantidade de recados		
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?			Depoimentos em tiopês na primeira página?		

Anexo II: análise de perfis aleatórios

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Breno Fujihara (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=2906037615675311083) (análise feita em 26 de maio de 2008)	Masculino	São Paulo (SP)	Não informa (aparenta 14, 15 anos)	980
Perfil Social	Descreve-se com uma frase e um emoticon: “tudo é ousado para quem a nada se atreve! (:”				
Visão política	Não informa				
Livros	Não informa				
Música	Responde da seguinte forma: “you're to good to be! :*”. A frase não é clara; uma breve pesquisa feita no Google a respeito indica não se tratar de título de música.				
Filmes	50 first dates: é o único filme que cita. Trata-se de um filme de comédia, protagonizado pelos atores Adlam Sandler e Drew Barrymore				
Perfil Profissional	Reponde inserindo o endereço de um fotolog (http://www.fotolog.com/toad_mania), contendo fotos de intervenções no meio urbano (adesivos coloridos colados em lixeiras, postes...). Foram observadas as últimas seis fotos publicadas.				
Quantidade de fotos	110 fotos, das quais 79 estão disponíveis para visualizações por usuários que não são seus amigos. As fotos mostram momentos descontraídos com amigos				
Conteúdo das fotos	Retratam situações descontraídas (festas, cotidiano) entre amigos. Não há grande exibicionismo ou produção nas imagens.				
Quantidade de	616				

comunidades					
Conteúdo das comunidades	<p>A maioria (16) das 80 comunidades analisadas refere-se ao universo musical. Breno tem uma série de comunidades sobre reggae e a artistas específicos, como Bob Marley. Significativas também as comunidades que tratam do seu time preferido, o São Paulo, e ao personagem Seu Madruga, do seriado mexicano Chaves.</p> <p>Várias comunidades fazem referência a hábitos de consumo e marcas específicos, como às bebidas Smirnoff e Absolut Vodka, as grife Adidas e Oakley, e ainda a Ovomaltine e Burgers King, entre outros.</p>	Nenhuma das 80 comunidades faz referência ao tiopês.			
			Quantidade de recados	15.162	
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	Recados não estão disponíveis para não-amigos.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	Não.	

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Henrique. (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=1406391972691391165) (análise em 26 de maio de 2008)	Masculino.	Curitiba. Cita a Estônia como país.	Não informa. Aparenta 16 a 18 anos.	32
Perfil Social	Descreve-se com dois versos de uma música do cantor de <i>indie music</i> Elliott Smith: “Brushing off the nightmare you wish / Could plague me when I'm awake”				
Visão política	Esquerda-liberal.				
Livros	Não informa.				
Música	Inserir link do site Last.fm. Entre os dez artistas mais ouvidos, estão bandas de rock, punk, metal ou emcore, tais como Tristan Tzara, Radiohead, Bad Religion, Bright Eyes, In Flames e Nine Inch Nails.				

Filmes	Clube da Luta, Cidade dos Sonhos, Requiem Para um Sonho, O Grande Lebowski, Dr. Fantástico, Amnésia, A outra História Americana, Onde os Fracos Não Tem Vez, Laranja Mecânica, Beleza Americana, Blade Runner, Os Infiltrados, Sin City, O Operário, The Edukators, Os Bons Companheiros, Hot Fuzz, Shaun of the Dead, Kill Bill, Snatch, 21 Gramas, Trainspotting, O Sétimo Selo.				
Perfil Profissional	Não informa.				
Quantidade de fotos	2				
Conteúdo das fotos	Um <i>close-up</i> em seu próprio rosto e uma tirinha do personagem Calvin são as “fotos” do seu álbum.				
Quantidade de comunidades	139				
Conteúdo das comunidades	A maioria (27) das 80 comunidades analisadas tratam de bandas e estilos musicais. Em seguida, comunidades de humor ou sobre assuntos triviais. Algumas falam sobre cinema alternativo. Destaque para sua admiração pelo personagem Tyler Durden, do filme Clube da Luta. Várias comunidades tratam de comportamento e auto-classificação, em termos patológicos: não se encaixar aos padrões sociais, depressão, ansiedade, compulsão, entre outras características.	Entre as 80 comunidades analisadas, 2 em tiopês.			
			Quantidade de recados	2	
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de	Recados não são públicos para não-amigos.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	Não há depoimentos visíveis.	

recados?					
----------	--	--	--	--	--

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	lostii (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7263409879271822517) (análise em 26 de maio de 2008)	Masculino.	Cascavel (cidade)	18	446
Perfil Social	Não descreve.				
Visão política	Não informa.				
Livros	Não informa.				
Música	“Underground.”				
Filmes	Não informa.				
Perfil Profissional	Não informa.				
Quantidade de fotos	58				
Conteúdo das fotos	Confraternização entre amigos e imagens do jogo Counter Strike.				
Quantidade de comunidades	204				
Conteúdo das comunidades	A maioria (20) das comunidades analisadas é sobre música (rock, rap e hip-hop). O usuário também participa de comunidades sobre programas de TV, além de comunidades de humor, com trocadilhos e piadas. Participa de outras, sobre solidão e timidez e ainda admira marcas específicas, como Pringles (a batata) e outras ligadas ao mundo do skate, como Chocolate Skateboards e CISCO Skatechnology.	Entre as 80 comunidades analisadas, 3 em tiopês.			
			Quantidade	1	

			de recados		
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	Não.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	Não.	

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Rafa Oliveira (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=379377133944499595) (análise em 26 de maio de 2008)	Feminino	Brasil	Não informa. Aparenta cerca de 20 anos.	238
Perfil Social	Rafa descreve-se através de apenas dois itens: um link para o site Last.fm e o nome do país (Brasil). Em seu perfil musical, entre os dez artistas mais ouvidos em geral estão Whitesnake, Madonna, INXS, Kiss, David Bowie e Led Zeppelin.				
Visão política	Não informa.				
Livros	Não informa.				
Música	Não informa.				
Filmes	Não informa.				
Perfil Profissional	Não informa.				
Quantidade de fotos	99, das quais 87 estão disponíveis para não-amigos				
Conteúdo das fotos	As fotos disponíveis para visualização por parte de não-amigos fazem referência ao mundo do cinema. Mostram cartazes e cenas de obras consagradas no circuito alternativo, ou ícones de uma determinada geração: Magnólia, Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças, O Fabuloso Destino de Amélie Poulain, Top Gun. Retratam também				

	referências do mundo pop, como Michael Jackson ou Amy Winehouse e ainda personagens de desenhos, como He-Man.				
Quantidade de comunidades	257				
Conteúdo das comunidades	A maioria das comunidades analisadas (28) é sobre humor: narram situações engraçadas, anedotas, tiradas irônicas, boa parte delas com descrições através de frases curtas. Em seguida, comunidades sobre cinema (filmes e personalidades do circuito não comercial, tais como 21 Gramas e Quentin Tarantino). Várias comunidades fazem referência a personalidades do mundo das artes: música e cinema. Quatro das comunidades tratam de literatura.	Entre as 80 comunidades analisadas, 2 em tiopês.			
			Quantidade de recados	6.017	
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	Recados não estão disponíveis para não-amigos.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	Não há depoimentos visíveis.	

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Beatriz (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=3242478370352345234) (perfil analisado em 27 de maio de 2008)	Feminino.	Brasil.	18 (possivelmente menos, pela observação das fotos)	996
Perfil Social	—				

	retratam suas “paixões”, como dança e rugby.				
Quantidade de comunidades	471				
Conteúdo das comunidades	<p>A maioria de suas comunidades trata de assuntos engraçados. São comunidades contendo trocadilhos, jogos de palavras, anedotas. Das 80 analisadas, estas são 19. Em seguida, aparecem comunidades relacionadas à maçonaria (12) e outras ligadas a esportes (11), principalmente rugby (esporte que segundo ela, é praticante). Aparecem também comunidades sobre comportamento, com opiniões sobre assuntos cotidianos, comunidades sobre pessoas populares na cidade em que habita.</p> <p>Outra característica interessante se refere à literatura: todas as quatro referências ao universo literário remetem ao universo do personagem Harry Potter.</p>	Entre as 80 comunidades analisadas, 4 são sobre tiopês.			
			Quantidade de recados	13	
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	Não há recados disponíveis para não-amigos.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	Não há depoimentos visíveis.	

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Mih __ (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=10200820420492352884) (análise em 27 de maio de 2008)	Feminino.	Brasil (pela análise das comunidades, provavelmente	Não informa (aparenta entre 18 e 20 anos).	462.

			Guarulhos, SP)		
Perfil Social	<p>Insera uma pequena historinha e uma referência a outro perfil seu no Orkut:</p> <p>ELE: Alô? ELA: Olá! ELE: Quem é? ELA: Sou eu, a felicidade iludida. ELE: O que você quer? ELA: Dizer que eu te amo ELE: De novo? Eu já ouvi isso umas 15 vezes. Você não cansa? ELA: Quem ama não cansa... ELE: Mas eu canso... Eu não a amo! ELA: O quê? ELE: É isso mesmo, eu iludo e por isso me chamo ilusão do amor.</p> <p>Neste exato momento uma lágrima de sangue corre à face da menina até o momento de desabar no chão.</p> <p>ELA: Como você pode dizer isso? ELE: Dizendo horas. Não devo nada a ninguém. ELA: Não deve nada? ELE: É claro q não. ELA: Deve sim. Seu amor. ELE: Hã? Amor? ELA: Sim... Você me faz voar tão alto e agora diz que não me ama? ELE: Você deve estar ficando louca! E AS LÁGRIMAS INSISTENTEMENTE NÃO PARAVAM DE ROLAR...</p> <p>ELA: Estou louca mesmo... Pois acreditei em você.</p>				

<p>ELE: Você sabia que era só amizade, não é? ELA: É claro que não... Você veio falando coisas românticas, fascinando-me só com palavras e ainda me deu um beijo... ELE: Um beijo? Aquilo nem foi beijo... ELA: Não foi? O Que foi então? ELE: Um selinho... ELA: E selinho não é beijo? ELE: Não. ELA: Quer dizer que eu não significo nada pra você? ELE: Significa... ELA: O que? ELE: Uma bela de uma conta a mais no final do mês. Agora vou desligar. ELA: Não... Por favor! ELE: Por que? ELA: Porque eu te amo... ELE: Qual o valor que seu amor vai me dar? ELA: Felicidade. ELE: Eu espero coisas materiais... ELA: Eu vou ser sua... ELE: Isso não vale... Quanto você custa? ELA: Por que esta pergunta? ELE: Se eu enjoar posso te colocar na bolsa de valores? ELA: O que fiz para me tratar assim? ELE: Me amar! Agora vou desligar! ELA: Não, por favor!!! ELE: Quer parar com isso? Não enche! ELA: Não por favor, não desligue. ELE: ? ELA: Fala comigo... ELE: ? ELA: Pelo amor de Deus, responda que me ama! ELE: Escute aqui, eu já estou farto de você. Agora ve se me esquece.</p>				
---	--	--	--	--

<p>ELA: Eu prefiro morrer a te esquecer. ELE: Ah é? Então se mata! TU, TU, TU...</p> <p>ELA: Não... por favor... não faça isso comigo! Eu te amo!</p> <p>ALGUNS DIAS DEPOIS...</p> <p>- Do que morreu esta garota? -- PERGUNTOU UM CURIOSO... - De intoxicação provavelmente... tomou vários remédios em muitas quantidades. -- RESPONDEU A ENFERMEIRA. - Coitada... ela tinha algum problema? - Sim, sofria de amor...</p> <p>E ENTÃO, NO DIA DO ENTERRO DA MENINA, O GAROTO O QUAL ELA AMAVA, COMPARECIA NO LOCAL PRESTANDO SUA ULTIMA HOMENAGEM, JOGOU UMA ROSA VERMELHA E FALOU BAIXINHO:</p> <p>- Eu te amo!</p> <p>E LÁ EM CIMA... ELA OLHANDO TUDO, RESPONDEU PARA SI, E PARA OS QUATRO VENTOS QUE SOPRAVAM:</p> <p>- Tarde demais!</p> <p>Realmente, se você ama alguém, não deixe de falar a ela "TE AMO" antes que seja tarde demais.</p>				
---	--	--	--	--

	Profile I: http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=2390982135676044985				
Visão política	Não informa.				
Livros	Não informa.				
Música	Não informa.				
Filmes	Cita o longa <i>The Notebook</i> , de Nick Cassavetes.				
Perfil Profissional	Não informa.				
Quantidade de fotos	250				
Conteúdo das fotos	Fotos retratando amigos em diversas situações (casa, esportes, grupo ligado à Ordem Demoley), várias fotos tiradas de si mesma na frente do espelho. Algumas das imagens apresentam certa produção e edição, com modificação de cores.				
Quantidade de comunidades	431				
Conteúdo das comunidades	<p>A maioria (35) das comunidades analisadas trata de comportamentos e/ou máximas a respeito de trivialidades e relacionamentos (grupos do tipo “Minha bagunça é organizada”, “Durmo com meu celular do lado” ou “Beije o sapo que virou príncipe” e “Talvez um dia você descubra”).</p> <p>As demais comunidades falam sobre música, auto-imagem, moda/estética ou fazem referência a amigos e grupos de conhecidos.</p> <p>Há referências a duas marcas específicas: Melissa e Laundry.</p> <p>Há ainda comunidade dedicada a um pré-candidato às eleições de 2008 e outras três referente à entidade para jovens Ordem Demoley.</p>	Entre as 80 comunidades observadas, 2 são em tiopês.			
			Quantidade de recados	9.688.	
Registro de	Recados não estão visíveis para não-amigos.		Depoimentos	Não.	

tiopês nas duas primeiras páginas de recados?			em tiopês na primeira página?		
--	--	--	--------------------------------------	--	--

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Camila – (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=1141107462052845076) (análise em 27 de maio de 2008)	Feminino.	Brasil (a partir da análise, aparenta morar na região norte do estado do Rio de Janeiro).	Não informa (aparenta entre 15 e 18 anos).	548
Perfil Social	<p>Descreve-se com o seguinte texto:</p> <p>Depende de quem é você. Cada um terá de mim exatamente o que conquistar. Da indiferença ao maior nível de preocupação e carinho, vai depender bem mais de você do que de mim. Só não seja falso comigo, se não quiser me enojar... O que quer que você receba de mim, foí você mesmo quem conquistou. Pense nisso ;)</p> <p>Sei que não sou uma nota de cem dólares, portanto, nem todos irão gostar de mim.</p> <p>E se você quer saber, sim, eu faço brinks quase a todo momento com os meus amigos, porque aqueles que sabem como sou, sabem que da mesma forma que consigo ser extremamente cômica, sei ser realista e racional quando necessário. Mas só quando necessário [insere o emoticon ;)]</p>				

	@	@			
Visão política	Não informa.				
Livros	<i>Eu consigo ter crises de riso com muitos deles, por conseguir imaginar a cara de cada personagem num determinado momento, e imaginar toda a situação e blábláblá em que as personagens se encontram :D</i>				
Música	<i>"O mundo não é perfeito, nem todas as pessoas são felizes. É quase impossível esquecer o menor abandonado, a nossa dívida, o racismo, as guerras, mas, graças a Deus, existe sempre a música." (Renato Russo) ♪</i>				
Filmes	<i>Assistirei até que me pareça digno de desinteresse.</i>				
Perfil Profissional	Ensino Médio, estudante do Cefet Campos.				
Quantidade de fotos	145				
Conteúdo das fotos	Imagens retratam momentos com namorado e amigos, além de fotografias tiradas por ela mesma e <i>print-screens</i> de conversas no Msn e no próprio Orkut. Não há preocupação com edição ou produção das fotografias.				
Quantidade de comunidades	71 (todas as comunidades foram analisadas)				
Conteúdo das comunidades	A maioria (20) das comunidades de Camila é composta por grupos em que o assunto é humor ou trocadilhos sobre situações diversas. Em seguida (13), aparecem comunidades sobre comportamento e relacionamentos, do tipo "Amigos verdadeiros são poucos" ou "Ainda vou dar o troco". Estão presentes, ainda, comunidades sobre grupos de amigos específicos, bem como pessoas de seu círculo de convivência.		De todas as comunidades avaliadas, 4 são em tiopês.		

	Duas comunidades referem-se a algum tipo de literatura: uma intitulada “Livros”, bem genérica, e outra sobre contos relativos ao jogo Resident Evil.				
			Quantidade de recados	18.648	
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	Não.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	Não.	

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	-Tk- Keepsie (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=9394045045142569609) (análise em 06 de junho de 2008)	Masculino.	Brasil.	22	479
Perfil Social	<i>quanto mais as coisas mudam , mais elas permanecem iguais eu não tenho certeza de quem foi a primeira pessoa a falar isso. talvez shakespeare ou talvez sting Mas no momento é a frase que melhor explica meu defeito: minha incapacidade de mudar. eu nao acho que estou sozinho nisso , quanto mais eu conheço as pessoas , mais eu percebo esse tipo de defeito. Permacendo exatamente iguais enquanto for possivel , perfeitamente imoveis. Se sentem bem de alguma forma E se voces estao sofrendo , a dor pelo menos é familiar Porque se voce agarrar esse salto de fê , indo para fora da caixa , fazendo algo inesperado quem sabera que outra dor esta esperando lá fora? as chances podem ser ainda piores</i>				

	<p><i>Então você mantém o atual status , escolhendo a estrada ja conhecida e isso não parece tao ruim , nao tanto quanto o defeito pode chegar voce não é viciado você não está matando ninguem , exceto um pouco de você mesmo talvez. quando finalmente mudamos , eu nao acredito que aconteça como um terremoto , ou explosao onde subitamente tudo que somos vira uma pessoa diferente. acho que é muito menor que isso o tipo de coisa que a maioria das pessoas nao vai nem perceber ao menos que elas olhem de perto , extremamente de perto O qual graças a Deus elas nunca fazem Mas voce percebeu isso Dentro de você essa mudança se parece como um mundo de diferença , e você espera que assim seja Para que esta seja a pessoa que você sera para sempre Para que você nunca mais tenha que mudar novamente...</i></p> <p>http://epiclastsong.blogspot.com/</p> <p><i>perharps would be better sleep and dont wake up</i></p> <p>www.purevolume.com/keepsie</p>				
Visão política	Não informa.				
Livros	<i>não venha dizer que paulo coelho é literatura! bla!</i>				
Música	<i>I listen to band that don't even exist yet HÁ!</i>				
Filmes	<i>bons filmes</i>				

Perfil Profissional	Publicidade e Propaganda. Instituição: IMES.				
Quantidade de fotos	71				
Conteúdo das fotos	Conteúdo não disponível para não-amigos.				
Quantidade de comunidades	193				
Conteúdo das comunidades	A grande maioria (46) das comunidades analisadas trata de música. São referências a bandas de <i>rock</i> , <i>hardcore</i> , <i>punk</i> , metal e algumas de <i>electro</i> . Em seguida, comunidades referentes a comportamento, séries de TV, outras sobre grupos de amizade, comunidades de humor, entre outras. Uma das comunidades refere-se à marca Absolut Vodka.	Entre as comunidades analisadas, 2 em tiopês.			
			Quantidade de recados	3.653	
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	Não há recados disponíveis para não-amigos.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	Não.	

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Rafael II Pontual JEFC 	masculino	Niterói (RJ)	não informada, aparenta cerca de 15 anos.	783
Perfil Social	A foto de apresentação do usuário é um close em seu rosto. Além do português, Rafael declara falar inglês, espanhol e francês. O usuário,				

	apesar de não utilizar o nome real na identificação principal do orkut, revela o nome completo na descrição que faz de si mesmo, revela-se um jovem muito popular, na medida em que denuncia perfis falsos com o seu nome. Uma investigação rápida mostra que sua popularidade resulta da sua participação em um time de futebol da sua cidade.				
Visão política	esquerda-liberal				
Livros	<i>Odeio livros!</i>				
Música	<i>Todas! Quase TODAS!</i>				
Filmes	<i>Quase Todos :b</i> <i>Menos Antigos, Homossexuais (sic) e Noticiários</i>				
Perfil Profissional	Estudante de Ensino Médio				
Quantidade de fotos	6				
Conteúdo das fotos	Todas são fotos do usuário, sozinho. Não produzidas. Não evidencia tentativa de ostentar marcas, valoriza a própria beleza. Estilo básico: boné e camiseta.				
Quantidade de comunidades	767				
Conteúdo das comunidades	A maioria das comunidades é sobre auto-imagem (do tipo “sou bonito”, “sou magro”). Em seguida, aparecem comunidades sobre “os mais bonitos do Orkut”, em que geralmente se participa depois de receber um convite. São várias as comunidades de futilidades (como “nunca viajei de ônibus espacial”), grupos de amigos e escola. Algumas comunidades que indicam engajamento político-idelógico (contra cotas raciais, de apoio a Geraldo Alckmin) e outras de esportes.	Entre 80 comunidades analisadas, nenhuma em tiopês.			
			Quantidade de recados	13.472	

Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	não		Depoimentos em tiopês na primeira página?	não	
--	-----	--	--	-----	--

		sexo	local	idade	Quantidade de amigos
Nome	Vinicius Canzi	masculino	Niterói (RJ)	18	96
Perfil Social	Vinicius é razoavelmente sintético: em seu perfil, descreve-se com versos em italiano, informa e-mail, cidade, estado e país. Afirma falar, além do português, inglês estadunidense e do Reino Unido.				
Visão política	não informa				
Livros	não informa				
Música	<p>- <i>Clássico (especialmente piano) - Chopin, Villa-Lobos, Bach, Debussy, Liszt, Beethoven, Schumann, Brahms)</i> <i>Pianistas: Elena Kuschnerova, Guiomar Novaes, Arthur Rubinstein, Evgeny Kissin, Claudio Arrau, Valentina Lisitsa... e mais outros maravilhosos.</i></p> <p>- <i>Outros: Radiohead (!)</i> <i>Janis Joplin (!)</i> <i>Queen</i> <i>Björk</i> <i>Mutantes</i> <i>Chico Buarque, Milton Nascimento (sic), Marisa Monte, Bezerra da Silva, Elomar, Demônios da Garoa... principalmente esses que valorizam nossa riqueza cultural.</i></p>				

	<i>Ah, detesto solfejo. Mas tenho que virar amiguinho dele.</i>				
Filmes	não cita				
Perfil Profissional	não cita				
Quantidade de fotos	14				
Conteúdo das fotos	No primeiro álbum, algumas fotos artísticas, fotos de objetos, pianos (que demonstra apreciar), um cachorro. Um auto-retrato (tem os cabelos pintados de roxo), não olha para a câmera, foto aparentemente posada. Em outro álbum, fotos de nomes da música clássica.				
Quantidade de comunidades	131				
Conteúdo das comunidades	A grande maioria (28) fala sobre música, em geral pianistas ou artistas de música clássica. Também aprecia rock, MPB e alternativos (Björk, integrante do Radiohead). Em seguida aparecem comunidades de humor (em tiopês ou não), algumas comunidades sobre jogos e cinema (aprecia Waking Life e As Horas), outras ligadas à faculdade/educação. Destaque para comunidades de quadrinhos (animes). Posicionamento político-ideológico: contra homofobia e anti-alistamento militar.	Entre as comunidades analisadas, 7 em tiopês.			
			Quantidade de recados	2	
Registro de tiopês nas duas primeiras páginas de recados?	não. o usuário apaga recados. Dos dois não apagados, um era seu mesmo, deixando um recado para quem o visitasse, o outro era mensagem não escrita em tiopês.		Depoimentos em tiopês na primeira página?	sim (1)	

